



Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A Idade dos Afetos Avaliação de Necessidades de Contacto Intergeracional na Aldeia de Santa Isabel (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)

Susana Maria Fernandes Martins

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Doutora Sibila Marques, investigadora em pós doutoramento
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Doutor Ricardo Borges Rodrigues, professor auxiliar convidado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2013

Agradecimentos

Agradeço à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em especial à Aldeia de Santa Isabel, à Direção, ao Dr. António Antunes, à Coordenação, ao Dr. Rui Pinheiro, à Dra. Celice, à Dra. Celina Dias e ao Dr. Jorge Gomes, à Equipa Técnica, às crianças, aos jovens e às pessoas idosas, pela forma como me acolheram, com afeto, interesse e disponibilidade, sem eles nada seria possível.

Agradeço á minha Orientadora Professora Sibila Marques e ao meu Co – Orientador Professor Ricardo Rodrigues pelo apoio, incentivo e orientação, mas em especial à minha Orientadora Professora Sibila Marques por toda a orientação, interesse, disponibilidade e partilha de saberes, que me ajudaram a construir e enriquecer o presente trabalho.

Agradeço à Professora Cecília Aguiar pela sua amabilidade, disponibilidade e partilha de saberes acerca da metodologia qualitativa, mais especificamente sobre os métodos de análise de Focus Group.

Agradeço à minha Família, aos meus pais, irmã, sobrinho e amigos, pelo carinho, amor, incentivo, compreensão e apoio.

E às colegas de Mestrado do ISCTE, que foram acompanhando este grande desafio de todas nós.

Obrigada por tudo!

A todos:

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” (Antoine de Saint – Exupery)

Resumo

O cenário de alterações demográficas e sociais e os estereótipos sobre as pessoas idosas e sobre a velhice, tem vindo a evidenciar a importância de se promoverem relações intergeracionais. Neste trabalho, procuramos dar resposta ao pedido da Aldeia de Santa Isabel para desenvolvermos um projeto capaz de potenciar e reforçar o desenvolvimento da intergeracionalidade na instituição. Neste sentido, este projeto visa identificar necessidades de intervenção da Aldeia de Santa Isabel no domínio da intergeracionalidade com recurso à metodologia de Focus Group e a um diagnóstico de necessidades de Contacto Intergeracional. Especificamente, procurámos responder às seguintes questões de partida: “Como se caracteriza o contacto entre crianças, jovens e as pessoas idosas?”; “ Existe idadeísmo na Instituição?”; “ Como é que as crianças, jovens e as pessoas idosas se veem a si próprias?”; “ Qual a perceção das crianças, dos jovens e das pessoas idosas acerca do seu bem – estar?”; e incluímos, ainda, a questão sobre “Qual a atitude dos utentes da Aldeia de Santa Isabel face às atividades intergeracionais?”. Neste trabalho, realizámos 5 Focus Group, que envolveram 30 participantes da Aldeia de Santa Isabel (crianças, jovens, pessoas idosas, técnicos e diretores). Os resultados obtidos indicam que, o contacto intergeracional entre as crianças, os jovens e as pessoas idosas, é muito reduzido, ocorrendo apenas ocasionalmente. Foi possível confirmar a existência de manifestações de idadeísmo entre as crianças, os jovens e as pessoas idosas. Percebemos que, no geral, os participantes têm uma imagem negativa de si próprios. No que se refere ao seu bem – estar as crianças e as pessoas idosas manifestam um desejo de aproximação entre as suas famílias, os jovens gostavam de ter mais atividades em grupo, as pessoas idosas gostavam de ter uma ocupação e que melhorassem as relações entre os residentes do lar. Quanto às atitudes face às atividades intergeracionais, as crianças e os jovens mostram-se apreensivos, ao contrário, as pessoas idosas apresentam uma atitude positiva. Concluímos este trabalho, discutindo as linhas orientadoras no domínio da intervenção para a promoção da intergeracionalidade.

Palavras-chave: intergeracionalidade, teoria do contacto intergrupual, autoconceito, autoestima, bem-estar, avaliação de necessidades, programas de intervenção.

Classificação nas categorias definidas pela American Psychological Association (**PsycINFO Classification Categories and Codes**): 2956 Childrearing & Child Care; 3373 Community & Social Services; 3020 Group & Interpersonal Processes.

Abstract

The scenario of demographic and social change and stereotypes about the elderly and the elderly, have to highlighting the importance of promoting intergenerational relationships. In this paper, we try to meet the request of the Village of Santa Isabel to develop a draft able to enhance and strengthen the development of the intergenerational institution. Thus, this project aims to identify intervention needs of the village of Santa Isabel in this field of intergenerationality using the methodology of Focus Group to do a needs analysis of intergenerational contact. Specifically, we sought to answer the following questions start: "How is the contact between children, young people and older people characterized?" ; " Is there ageism in the institution ? " " How is that children, young people and older people see themselves? "" What is the perception of children, young people and older people about their well - being? "and we included also question related with "What is the attitude of the users of the village of Santa Isabel regarding intergenerational activities? " . In this work, we conducted five focus group, involving 30 participants from the village of Santa Isabel (children, youth , older persons , technicians and directors). The results indicate that the intergenerational contact between children, young people and older people, is very small, occurring only occasionally. It was possible to confirm the existence of manifestations of ageism among children, young people and the older people. We realize that, in general, participants have a negative image of themselves. With regard to their well - being children and the older people expressed a desire for closer ties between their families, young people like to have more group activities, older people like having an occupation and that would improve the relations between the home residents. Regarding attitudes towards intergenerational activities, children and young people harbor apprehensions, instead, the elderly have a positive attitude. We conclude this work by discussing the guidelines in the field of intervention to promote intergenerational.

Keywords: intergenerational, theory of intergroup contact , self-concept, self-esteem, wellness, needs assessment, intervention programs. .

Classification as defined by the American Psychological Association (**PsycINFO Classification Categories and Codes**): 2956 Childrearing & Child Care; 3373 Community & Social Services; 3020 Group & Interpersonal Processes.

Índice

I Introdução	1
II Definição do Problema de Investigação	2
III Enquadramento Teórico	3
3.1. Na Geração das Pessoas Idosas	4
3.2. Na Geração das Crianças e dos Jovens em Risco	7
3.3. A Intergeracionalidade	10
3.4. Os Programas Intergeracionais e as Relações Intergeracionais entre crianças e jovens e pessoas idosas – O caso especial das crianças e jovens em risco	11
3.5. Bases Teóricas dos Programas Intergeracionais e Principais Benefícios.....	15
3.6. Definição de Conceitos	16
3.7. As variáveis resultado - Idadismo	16
3.8. Auto – Conceito e Auto – Estima	18
3.9. Sentimentos de Bem – Estar	21
3.10. Variável Independente - Contacto Intergrupar Positivo	22
3.11. Variáveis Mediadoras - Desenvolvimento de Relações de Confiança e Afetividade e criação de Modelos e Figuras de Referência	23
3.12. As Variáveis Moderadoras - Estatuto Igualitário, apoio da autoridade, partilha de objetivos comuns e cooperação intergrupar	25
3.13. Modelo Teórico de Processo	25
3.14. Objetivo Geral	26
3.15. Objetivos Específicos	27
3.16. Hipóteses	27

IV. Avaliação de Necessidades	28
4.1. Diagnóstico de Necessidades: Caracterização da Aldeia de Santa Isabel	29
4.2. Lar Padre Agostinho da Motta e Lar de Transição Rainha Santa Isabel	30
4.3. Lar S. João de Deus e Residências Seniores “Alvarinho”, “Andorinha” e “ Bom Pastor”	31
4.4. Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel	31
4.5. Inclui Empresa de Inserção Social/Profissional	33
4.6. Articulação Intergeracional	33
V. Método	34
5.1 Participantes	34
5.2 Focus Group	36
5.3 Instrumento	36
5.4 Procedimento	38
VI Resultados	41
6.1 Idadismo entre as crianças, os jovens e as pessoas idosas	41
6.2 Auto – Conceito e Auto – Estima nas crianças, jovens e pessoas idosas	45
6.3 Contacto Intergeracional	51
6.4 Sentimentos de Bem-estar	54
6.5 Atitudes face às atividades intergeracionais	59
VII Discussão	64
7.1. Conclusões	69
VIII Linhas Orientadoras	71
8.1. Limitações	73

8.2. Futuras Linhas de Investigação	73
Referências Bibliográficas	75
Anexos	81

Índice de Anexos

Anexo A. Variáveis que influenciam as variáveis resultado	81
Anexo B. Foto da Aldeia de Santa Isabel	83
Anexo C. Mapa da Aldeia de Santa Isabel	84
Anexo D. Folhetos de Divulgação	86
Anexo E. Guião dos Focus Group	87
Anexo F. Exemplo de 2 Perguntas do Jogo de Perguntas dos Jovens	93
Anexo G. Consentimento Informado dos Participantes	94
Anexo H. Transcrição dos Focus Group	95

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo Teórico de Processo	26
--	----

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização da Amostra dos Focus Group	35
Quadro 2. Construção dos Guiões de Focus Group	37
Quadro 3. Síntese dos principais facilitadores e barreiras a uma possível intervenção intergeracional	68
Quadro 4. Sugestões de locais/ atividades intergeracionais apontadas pelos participantes.....	69



Portugal tal como outros países sente a sua população a envelhecer nos últimos anos (Instituto Nacional de Estatística, 2011). A forma como a sociedade encara este fenómeno pode prejudicar as pessoas e o bem-estar da sociedade, através do desenvolvimento de atitudes e comportamentos idadistas.

Quando estas atitudes e comportamentos idadistas ocorrem em relação às crianças, jovens e pessoas idosas podem conduzir a uma separação entre as gerações e consequentemente afetar o seu auto – conceito, auto – estima e bem – estar.

O desenvolvimento das práticas de intergeracionalidade através de programas e atividades intergeracionais entre crianças, jovens e pessoas idosas, permitem a aproximação entre as gerações e incidem na promoção do auto – conceito, auto – estima e bem – estar e ainda, na diminuição de discriminação e estereótipos idadistas e outros aspetos.

Como tal, iremos apresentar neste trabalho o caso da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, nomeadamente da Aldeia de Santa Isabel, um equipamento comunitário intergeracional, que nos apresentou um pedido, para que, caracterizássemos e desenvolvêssemos as suas práticas na área da intergeracionalidade.

Para tal, propusemo-nos realizar um Diagnóstico de Necessidades de Contacto Intergeracional, com vista à elaboração de linhas orientadoras e diretrizes capazes de informar e orientar uma intervenção futura na instituição.

O Relatório que aqui apresentamos está dividido em 7 partes:

- i) Definição do Problema de Investigação;
- ii) Enquadramento Teórico, onde se insere a revisão a revisão teórica, a descrição das variáveis, seguidas do modelo teórico e das hipóteses.

- iii) Avaliação de Necessidades, que de forma sucinta refere a importância e pertinência de uma Avaliação de Necessidades e descreve o contexto institucional;
- iv) Método, detalhando os participantes, o instrumento e o procedimento;
- v) Resultados, detalhando os resultados de acordo com as variáveis e o grupo de participantes;
- vi) Discussão, onde se apresentam e discutem as principais conclusões deste trabalho;
- vii) Linhas Orientadoras, onde a partir dos resultados obtidos, se propõem linhas orientadoras para uma intervenção futura na Aldeia de Santa Isabel, identificando as limitações e apresentando sugestões futuras.

II. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Aldeia de Santa Isabel

O envelhecimento afigura-se como um dos problemas centrais do século XXI. Em 2050 estima-se uma longevidade média de 81 anos, e uma pirâmide etária onde pessoas com 65 ou mais anos representam 35,7% da população, e as crianças e os jovens apenas 14,4%. Uma vez que, três em cada dez pessoas terão 65 ou mais anos em 2050, o cenário demográfico acentuará, conseqüentemente, o envelhecimento (Ferreira, 2011).

As novas constituições de família e modos de vida, assim como, a segregação social representam situações que afectam as gerações e as suas preocupações nos tempos actuais.

As pessoas idosas e as crianças/jovens, pertencem a grupos sociais, onde as diferenças individuais, entre estilos e modos de viver se acentuam cada vez mais, e são evidentes a vários níveis, designadamente institucional, espacial e cultural (Hagestad & Uhlanberg, 2005). Segundo estes autores, a separação com base na idade, promove o desenvolvimento de crenças, atitudes e comportamentos idadistas. O idadismo refere-se a uma forma de discriminação que se baseia na idade das pessoas, e que pode atingir vários grupos etários (Butler, 1969).

Por seu turno, estas atitudes negativas em relação às crianças/jovens e pessoas idosas confirmam e reforçam a separação entre as gerações, com consequências potenciais negativas para o auto-conceito, auto-estima e bem-estar.

Neste trabalho, iremos apresentar um estudo de caso, sobre a Aldeia de Santa Isabel, que consiste num equipamento comunitário intergeracional da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Esta instituição manifestou interesse em desenvolver as suas práticas na área da intergeracionalidade.

Para colaborar com a instituição neste objetivo, propusemos realizar um Diagnóstico de Necessidades de Contacto Intergeracional, que nos permita dar indicações e diretrizes, para que, numa fase posterior, possamos apresentar uma proposta para um Projecto de Intervenção, com o objectivo de promover a Intergeracionalidade entre as crianças/ jovens em risco e as pessoas idosas, que contribua para a diminuição do idadismo entre estas gerações, a promoção do autoconceito e auto-estima positiva e a promoção dos sentimentos de Bem – Estar.

Posto isto, o objetivo deste trabalho não é apresentar um programa de intervenção, mas sim, o diagnóstico de necessidades e linhas orientadoras.

Tendo em conta o desenvolvimento incipiente na área da intergeracionalidade e a escassez de trabalhos nesta área das crianças/ jovens em risco, este trabalho também poderá servir como um contributo para um melhor conhecimento e divulgação desta temática. Por outro lado, este trabalho também poderá servir como forma de reflexão sobre aspectos relacionados com o progressivo envelhecimento, a solidariedade intergeracional e as relações intergeracionais.



III. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Aldeia de Santa Isabel

Nesta secção começamos por apresentar uma análise da sociedade, das consequências do envelhecimento da população; das mudanças e dificuldades que a geração das pessoas idosas e a geração das crianças e jovem em risco enfrentam, e ainda sobre a segregação entre as gerações e a discriminação idadista. De seguida refletimos sobre a intergeracionalidade e sobre os programas que existem entre as crianças/jovens em risco e pessoas idosas, relatando os resultados, os benefícios e as bases teóricas dos programas. Por último, partimos para a

definição das variáveis que baseiam a estrutura de uma possível intervenção junto deste público - alvo, apresentando o modelo teórico resultante, os objetivos e as hipóteses.

3.1. Na Geração das Pessoas Idosas

As últimas décadas do século passado registaram um aumento contínuo do número de pessoas idosas que transformou as sociedades mais desenvolvidas em sociedades envelhecidas. A queda da fertilidade e o aumento da esperança média de vida estão na base desse aumento e da importância que a percentagem de população idosa tem hoje na sociedade portuguesa. Não se perspectivam para breve mudanças do actual padrão demográfico do envelhecimento (Ferreira, 2011).

A Organização Mundial de Saúde (2002) define o envelhecimento activo como um processo de optimização das possibilidades de saúde, de participação e de segurança, para aumentar a qualidade de vida durante a velhice. A Comissão Europeia entende o envelhecimento activo como uma estratégia coerente visando permitir um envelhecer saudável nas sociedades envelhecidas.

Segundo Fontaine (2000), envelhecer implica mudanças para os indivíduos a três níveis distintos: ao nível biológico (modificações do corpo e da imagem e o surgimento de doenças), ao nível social (mudança de estatuto aquando da transição para a reforma) e ao nível psicológico (alterações das rotinas, das atividades e das motivações).

Fonseca (2005) também apresenta e descreve as mudanças e perdas que ocorrem durante o processo de envelhecimento nos três domínios; no domínio biológico as mudanças afetam o padrão global de saúde, a mobilidade física e o funcionamento cognitivo. No domínio psicológico notam-se alterações quanto à personalidade, reações emocionais, aprendizagem e percepção, memória e cognição, competência individual, estilos de relação interpessoal, controle, nível de adaptação e respostas afetivas. Relativamente ao domínio socio cultural existem diversos fatores socio culturais que influenciam a vida dos indivíduos à medida que envelhecem: a família, o trabalho, o estado, a religião, a reforma e a morte do cônjuge.

Dados e projecções revelam que as pessoas idosas se encontram entre os grupos mais discriminados e mais excluídos da população (Relatório Conjunto sobre Protecção Social e Inclusão Social da UE, 2007; REAPN, 2008). O mesmo se verifica ao nível da infância, o

qual se encontra lado a lado com a velhice como os dois grupos sociais mais pobres da UE (REAPN, 2008).

A discriminação de pessoas baseada na idade designa-se por idadismo ([idade + (rac)ismo]); termo que provém de “*ageism*” (Butler, 1969). Contudo, o idadismo refere-se à discriminação de pessoas de qualquer grupo etário por motivos da idade; por isso, não atinge só as gerações mais novas em relação às mais velhas (como considerado inicialmente), mas também as gerações mais velhas em relação às mais novas.

O idadismo diz respeito às atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos baseadas apenas numa característica, a sua idade (Marques, 2011).

Dados do Eurobarómetro Especial (2009) referem que os Portugueses consideram que o idadismo é a forma de discriminação mais percebida, 53% destes afirmam que discriminar em função da idade é muito frequente. Estas circunstâncias estimulam o afastamento entre os grupos sociais, principalmente entre o grupo das pessoas idosas e o grupo dos jovens, promovendo também o isolamento das pessoas idosas.

Segundo Lima (2010), as crenças e estereótipos sobre o envelhecimento, têm, como consequência, o tratamento injusto e padronizado das pessoas mais idosas e, em última análise, o impacto nas intervenções políticas e sociais.

A discriminação com base na idade está patente na estrutura de funcionamento de mercado de trabalho, sendo este um dos domínios que mais contribui para acentuar a exclusão das pessoas idosas. Em caso de despedimento, estas são normalmente as primeiras vítimas. Por vezes, conseguem obter a pré-reforma, mas, quando não o conseguem, entram para as filas do desemprego de longa duração (Ferreira, 2011).

Os dados recolhidos no estudo do IESE mostram que os portugueses, em geral, veem os trabalhadores idosos como tendo “pouca capacidade e interesse para aprender”, “pouca capacidade de adaptação a novos métodos” e “baixa posse de qualificações e de habilitações” (Marques, 2011).

Os sistemas de segurança social e de emprego não promovem a possibilidade de as pessoas idosas manterem um estatuto activo enquanto o desejarem e enquanto estiverem em boas condições de saúde. Outro dos domínios em que se encontra presente a discriminação com base na idade, é o estatuto simbólico que as pessoas idosas ocupam na sociedade, quer em termos sociais ou políticos. Apesar de constituírem um grupo crescentemente numeroso, as pessoas idosas não têm vindo a ganhar maior protagonismo na sociedade, e veem-se, frequentemente afastadas dos processos de decisão. A participação cívica parece depender

bastante da possibilidade de romper com a inatividade e a dependência a que as pessoas idosas estão destinadas (Ferreira, 2011).

As estatísticas da APAV com base nas participações realizadas indicam, que se contam entre as formas mais comuns de abuso contra as pessoas idosas, as agressões corporais, as ameaças e a coação, a difamação e a injúria, a tentativa de extorsão de dinheiro, a negligência, o abandono ou por doses de medicamentos errados com o objetivo de “acalmar” o idoso. Igualmente importantes são as queixas dos idosos, que referem ser insultados e humilhados por familiares (Marques, 2011).

Pedrozo e Portella (2003), constataram numa investigação que a velhice pode vir acompanhada de perdas, talvez, em função de todas as transformações que acontecem ao longo da vida ou dos eventos que causam impacto sobre a pessoa, as perdas acentuam-se e a solidão instala-se como sofrimento intenso na vida de cada um.

Com o avançar da idade, a pessoa idosa muda inevitavelmente a sua forma de estar na vida, ocorrendo mudanças a vários níveis e uma das consequências poderá ser o sentimento de solidão. Existem vários factores que levam ao aparecimento deste sentimento, nomeadamente, a passagem à reforma e a consequente inatividade profissional, a diminuição de relações sociais, a saída dos filhos de casa, a possível viuvez e o aparecimento de doenças ligadas à idade.

Os Censos 2011 revelam que estão a diminuir as famílias que incluem pessoas idosas (14,9%) e as famílias sem as mesmas englobam 67,7% do total. Em consequência, as famílias constituídas apenas pelas pessoas idosas têm vindo a aumentar (17,4%) e é também notória uma subida de 24,7% nos últimos dez anos das instituições de apoio às pessoas idosas.

A solidão na velhice constitui uma realidade e surge como um tema de relevo quando se pretende tratar de relações e solidariedade intergeracional. A solidão pode existir na velhice (assim como noutras fases do ciclo da vida). O facto da pessoa idosa estar rodeado por um grupo de pessoas ou de ter algum apoio familiar e/ou institucional, não assegura que a solidão não esteja presente (Vieira, 2010).

E apesar de acompanhar o envelhecimento, a redução da capacidade funcional não deve definir o envelhecimento e muito menos justificar a exclusão das pessoas idosas da vida social, que os remete para uma limitada sociabilidade familiar ou de vizinhança, senão mesmo e não raramente, para situações de completa solidão social, ou então para instituições de acolhimento desligadas dos processos de participação coletiva (Ferreira, 2011).

3.2. Na Geração das crianças e jovens em risco

A necessidade de proteção das crianças e a defesa dos seus direitos em relação aos pais, família e sociedade já era considerada uma preocupação, mas só em 1989, foi instaurada a Convenção dos Direitos da Criança pela Assembleia Geral das Nações Unidas, ratificada, em 1990 pela Assembleia da Republica Portuguesa (Calheiros, 2006).

As Ciências Sociais e a Psicologia, em particular, têm tido um papel muito importante na construção da ideia de criança e do papel parental na educação, motivando um grande interesse pelas condições que favorecem o bem – estar e o desenvolvimento das crianças. É neste âmbito, que se desenvolve o interesse pelas circunstâncias que colocam as crianças e os jovens em risco (Calheiros, 2006).

Existem diversos contextos que podem exercer influência de forma favorável ou desfavorável, nomeadamente o contexto familiar, o contexto escolar e o contexto social, grupo de pares. Desta forma, adversidades familiares relacionadas com a violência, pobreza, negligência e outros problemas familiares, podem contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens em situações de risco (Dickson, Emerson & Hatton, 2005). As crianças e jovens estão expostos a fatores de risco, que raramente ocorrem isoladamente e que geralmente se prolongam no tempo (Pereira & Santos, 2011). Pode considerar-se a criança e jovem em risco, a criança ou o jovem que pelas suas características biológicas e/ou pelas características da sua família, está sujeita a elevadas probabilidades de vir a sofrer de omissões e privações, que comprometam a satisfação das suas necessidades básicas de natureza material ou afetiva (Fonseca, 2004).

A Lei de proteção de crianças e jovens em perigo (Lei 147/99, de 1 de Setembro) define que uma criança está em perigo quando os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de fato ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de ação ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo.

Segundo a Associação Portuguesa de Famílias Numerosas em 2003, Portugal continua a ser um dos países europeus com as maiores taxas de institucionalização de crianças e adolescentes.

O acolhimento institucional é uma medida de promoção e protecção contra maus-tratos, negligência e/ou incapacidade de providenciar a educação por parte dos progenitores, e que não permitem a criação de condições básicas para o desenvolvimento adequado das

crianças ou jovens. Esta medida está prevista no artigo 35º (alínea f) da Lei de protecção de crianças e jovens em perigo (Lei n.º 147/99) e é definida como uma medida de colocação, em que a criança ou o jovem é colocada/o aos cuidados de uma entidade com instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que irão garantir os cuidados adequados às necessidades, bem como proporcionar condições que permitam a sua educação, bem - estar e desenvolvimento integral (artigo 49º).

As modalidades desta medida estão definidas em função da duração (artigo 50º). Concretamente, a medida pode ser de curta ou longa duração, correspondendo, no primeiro caso, a uma duração de até 6 meses e a competência é, neste caso, dos Centros de Acolhimento Temporário e no segundo caso a uma duração superior a 6 meses e o acolhimento faz-se nos Lares de Infância e Juventude (LIJ).

Martins (2005) explica que a medida de colocação mais expressiva no nosso país é o acolhimento institucional, sobretudo no que respeita ao acolhimento prolongado. Os LIJ detêm o número maior de crianças acolhidas – 5513 crianças e jovens, de um total de 8557, em 2012 (Casa 2012 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens).

Existe um conjunto de esforços instrumentais em prol da qualificação desta resposta social. As linhas orientadoras para uma medida de promoção e protecção mais eficaz estão delineadas. Contudo ainda existe um longo percurso a realizar para efetivação plena de todas as orientações. Pois, as dúvidas que pairam sobre a qualidade das instituições de acolhimento e o trabalho realizado podem estar fundadas em estudos sobre a percepção da institucionalização de adultos com experiência de institucionalização, que sugerem que estes a percebem como uma resposta pouco trabalhada e de resolução imediata, que não considera um efectivo projecto de vida das crianças/jovens acolhidos (Quintãns, 2009).

Em Portugal, as crianças e jovens em acolhimento são, na sua maioria, vítimas de maus tratos, abusos e negligência, provenientes de agregados familiares disfuncionais, com comportamentos violentos, problemas de alcoolismo, problemas de saúde mental, crimes, e tráfico de drogas (Alves, 2007). Por estes motivos, podemos dizer que alguns destes jovens *“possuem já um processo relativamente extenso nos serviços sociais e de protecção à infância, pontuado por mudanças e disrupções que remontam à infância”* (Martins, 2004, p. 261).

Cóias e Simões (1995) e Srecht (1998), (citados por Vilaverde, 2000), inventariam alguns padrões de comportamentos que as crianças institucionalizadas costumam apresentar, tais como dificuldades nas relações interpessoais, uma auto-imagem desvalorizada, sentimentos depressivos, agressividade, índice de ansiedade muito elevado, baixa motivação, problemas ao nível do auto-conceito e da auto-estima, instabilidade emocional, fraco sentido de responsabilidade e incapacidade de resistência à frustração. Apresentam ainda dificuldades de aprendizagem (Gomes, 2010).

A relação das crianças/jovens acolhidos com os adultos que trabalham na instituição tem constrangimentos próprios, caracterizando-se pela prestação de um serviço profissional por parte destes, com horários definidos e uma elevada rotatividade, o que cria condições para o estabelecimento de relações contratualizadas, com escasso envolvimento ou compromisso pessoal, marcadas pela transitoriedade. Há uma obrigatoriedade e uma disponibilidade afetiva expectável associada ao carácter temporal da relação (Bravo & Del Valle, 2003). Deste modo, as crianças e jovens em acolhimento institucional, que não tiveram nenhuma figura de referência consistente anteriormente ao seu acolhimento, podem apresentar um auto – conceito enfraquecido (Nunes, 2010).

Segundo o Manual de processos-chave – Lar de Infância e Juventude, todas as crianças e jovens institucionalizadas, têm direito a receber visitas de familiares, podendo ter contacto com os pais e avós, exceto nas situações em que exista indicação contrária.

As Instituições que têm várias valências, para pessoas idosas, crianças e jovens, podem ter Centros e Atividades separadas para cada uma das gerações. De acordo com, Vieira (2010) as instituições educativas e de cuidados, através da segmentação etária, estruturam, segmentam e por sua vez controlam a organização da sociedade. O autor Veloso (2007) parece alertar para o tratamento separado de jovens e idosos ao nível disciplinar, político e de celebração de datas festivas, o que em vez de aproximar crianças, jovens e pessoas idosas, com seria suposto, os separa ainda mais.

Nas instituições educativas para crianças e jovens, bem como nos serviços de cuidados e residência para pessoas idosas, a implementação de programas intergeracionais tem surgido em diferentes países como uma estratégia bem-sucedida para lidar com as alterações sociais e demográficas (Vieira, 2010).

De seguida iremos refletir sobre a intergeracionalidade e os Programas e Atividades Intergeracionais, sendo esta uma das estratégias que tem revelado maior potencial na aproximação das diferentes gerações.

3.3. A Intergeracionalidade

Dentro do âmbito da intergeracionalidade surgem vários conceitos, como solidariedade, relações, programas e atividades intergeracionais.

A intergeracionalidade é um factor que promove a igualdade entre gerações, potencia a mudança de mentalidades e favorece o reforço da cidadania que deve ser encarada como facilitadora da inclusão, da solidariedade social e do bem-estar das pessoas. Por solidariedade intergeracional compreende-se a necessidade de se cultivarem relações harmoniosas e produtivas entre as gerações, no sentido de promover a dignidade humana, a paz e a justiça social (Site Projeto Viver, 2006).

Quanto à definição das relações intergeracionais apresenta-se uma definição por parte de Peacock e Talley (1984), como uma interação planeada de grupos de pessoas com idades diferentes, em diferentes fases da vida e em diferentes contextos (Nunes, 2009).

Acerca dos programas intergeracionais, Kaplan, Henkin & Kusano (2002) descrevem-nos como veículos sociais que criam propósito e crescente troca de recursos e aprendizagens entre as gerações mais velhas e mais novas.

A Unesco (2000) define ainda Programa Intergeracional como espaços que oferecem oportunidades para trocas de experiências e aprendizagem das diversas faixas etárias para benefícios individuais e sociais, considerando a aproximação de gerações como um instrumento eficaz, com efeito, de inclusão social e o desenvolvimento da comunidade (Lima, 2007).

Há mais de 20 anos que a questão das relações intergeracionais, em termos formais, faz parte da agenda mundial. Ciclicamente, desde 1982 (I Assembleia Mundial), 1993 (Ano Europeu das Pessoas de Idade Avançada e da Solidariedade entre Gerações), 1999 (Ano internacional da Pessoa Idosa e das Relações Intergeracionais), 2002 (II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento), que defende este tipo de questões em prol dos direitos das pessoas idosas, suscitando um conhecimento global sobre as questões relacionadas com a velhice e com o envelhecimento.

3.4. Os Programas Intergeracionais e as Relações Intergeracionais entre Crianças/Jovens e Pessoas Idosas - O caso especial das crianças e jovens em risco

Os programas intergeracionais apresentam-se como um espaço adequado ao estabelecimento de vários aspetos: trocas entre as gerações; reflexão sobre o processo de envelhecimento; resgate dos aspectos positivos da longevidade; ajuda a afastar dos jovens o medo da velhice; desenvolvimento nas crianças de imagens de identificação e devolução às pessoas idosas dos sonhos, dos objetivos e dos projetos de vida. São inúmeras as possibilidades de atuação em projetos intergeracionais e as alternativas de convívio entre as gerações. Os modelos variam de acordo com a realidade de cada instituição, ou comunidade, e deverão sempre adequar-se às necessidades e possibilidades de cada grupo (Intergera, 2004).

A implementação de programas intergeracionais tem surgido em diferentes países como uma estratégia bem-sucedida para lidar com os impactos sociais e demográficos (e.g. Estados Unidos da América, Reino Unido, Alemanha, Bélgica, Espanha, Suíça). Por isso, recentemente, este campo tem representado um caminho fértil para desenvolver programas de alta qualidade, responsáveis por melhorar o bem-estar das diferentes gerações.

Em 1963, com a implementação de “Foster Grand Parent Program” introduziu-se o contacto intergeracional na sociedade Norte – Americana. Este contacto veio promover o desenvolvimento de diversos tipos de programas: educativos, recreativos e apoio. Em relação aos Programas Educativos, o objetivo era juntar crianças desde a idade pré-escolar ao ensino secundário com pessoas idosas para trabalharem em conjunto e aproveitarem as oportunidades de aprendizagem de ambos. Por exemplo, em Chicago, pessoas idosas trabalham em programas pré-escolares a ajudar as crianças na aprendizagem da leitura, enquanto que os estudantes do ensino básico de Ohio promoveram ensino personalizado de informática às pessoas idosas (Wacker, Roberto & Piper, 2002). No que se refere aos Programas Recreativos, estes permitem que as pessoas idosas participem nas atividades de lazer e possibilita aos jovens a aquisição de conhecimentos acerca do processo de envelhecimento. Como exemplo, os autores apresentam o treino de jovens atores para trabalharem com as pessoas idosas. O objetivo deste é a criação de respeito e compreensão entre as gerações, desafiando, uma vez mais, os estereótipos acerca do envelhecimento e da velhice através de peças de teatro, workshops e/ou outros projetos. Finalmente, relativamente

aos Programas de Apoio, o modelo mais comum é o de adultos idosos a prestarem cuidados a crianças e jovens. (Wacker, Roberto & Piper, 2002).

A Revisão de Literatura faz referência ao Modelo *Senior – centered* de Dellmann – Jenkins (1991), cujo objetivo foi estudar o desenho de um programa intergeracional que proporcionasse às crianças interação com as pessoas idosas, com ganhos para ambas as gerações. O Programa Curricular incluía: contacto com a escola e as famílias das pessoas idosas; contacto regular de pessoas idosas com as turmas das crianças e jovens e interação das crianças e jovens com as pessoas idosas mais dependentes. Os resultados deste estudo evidenciaram que as crianças e jovens que participaram em 9 meses de programa estavam mais dispostas a partilhar, ajudar e cooperar com as pessoas idosas. Em relação às pessoas idosas, o estudo demonstrou um aumento de bem – estar por parte das pessoas idosas como resultado da percepção de que as crianças as encaravam como pessoas mais divertidas, interessantes e tolerantes.

Os estudos efetuados indicam que as crianças e os jovens avaliados possuem estereótipos, pois eles consideram a velhice um período de pouca saúde, solidão, resistência à mudança e deficientes capacidades mentais. Os jovens tinham uma atitude predominantemente negativa em relação às pessoas idosas (Ivester & King, 1977).

Para estes autores, era fundamental alterar a visão das crianças e jovens acerca das pessoas idosas por isso, era essencial para além de medir as atitudes, implementar mudanças de atitudes através de Programas de Intervenção, assim como avaliar os efeitos desses mesmos programas. Como tal, foi conduzido um estudo “Impact of a friendly visiting program in attitudes of college students toward the aged” onde procuraram averiguar os efeitos de visitas de apoio a pessoas idosas residentes numa instituição.

Este estudo evidenciou uma mudança positiva de atitudes dos mais jovens em relação às pessoas idosas e ao envelhecimento, assim como uma maior satisfação das pessoas idosas em relação às atividades desenvolvidas.

Em 1982, Greenblatt levou a cabo um estudo “Adopt – A- Grandchild Program: Improving attitudes of adolescents toward the aged” cujo objectivo foi promover e facilitar o desenvolvimento de atitudes positivas e promover relações significativas entre as pessoas idosas e adolescentes. Através de actividades semanais planeadas e estruturadas, a barreira intergeracional entre jovens e pessoas idosas desvaneceu. Os resultados do programa mostraram que houve uma mudança nas atitudes e sentimentos relativamente às pessoas idosas por parte dos jovens.

Em 2003, Cummings e colaboradores sugerem que os estudos intergeracionais devem ir além da população geral de crianças em idade escolar, analisando também os resultados dos programas intergeracionais em populações específicas, de crianças e jovens em risco. São crianças e jovens em risco que se encontram em situações mais vulneráveis, de carências económicas, perturbações mentais, baixos habilitações académicas, problemas de comportamento, antecedentes criminais, uso de substâncias e/ou famílias desestruturadas (Ellis & Sowers 2000; Barker 1995).

Um dos Programas que apoia crianças e jovens em risco, é o conhecido programa Big Brothers, Big Sisters (BBBS), em que os adultos podem ser “mentores voluntários”, de crianças e jovens com idades compreendidas entre os 5 e os 18 anos, inseridos em famílias mais vulneráveis, dando-lhes a oportunidade de alcançarem o seu potencial, proporcionando-lhes uma relação significativa. Este será um amigo, com quem pode divertir-se e partilhar experiências, a longo prazo terá o papel de modelo.

O programa de Mentorado Big Brothers, Big Sisters (BBBS) tem efeitos positivos a longo prazo nas crianças e jovens, como por exemplo ao nível da auto – estima e das competências sociais, assim como: menor probabilidade de consumo de drogas; menor probabilidade de consumo de álcool; menores taxas de abandono escolar; menores taxas de absentismo escolar e menor agressividade. Além destes sucessos, permite ainda melhorias no desempenho escolar, enriquecimento cultural e social e novas experiências às crianças e jovens envolvidos. Existe ainda uma redução nos comportamentos antissociais, onde os voluntários providenciam bons modelos, havendo assim, melhorias das relações das crianças/ jovens com a família e com os amigos.

Jarrott (2011) realizaram uma meta- análise sobre os programas intergeracionais, refletindo sobre as características destes Programas e revelam que a maioria dos participantes são crianças em idade escolar e segundo Barten, 1999, existem estudos que dizem respeito a adolescentes de risco com idades entre os 8 e os 18 anos, não referindo a percentagem de estudos. Nas pessoas idosas, consideram-se sobretudo idades superiores a 60 anos.

Relativamente aos contextos, estes são diferenciados, encontramos muitos Programas Intergeracionais aplicados nos locais característicos do público – alvo em questão, como escolas (e.g. George, Whitehouse & Whitehouse, 2011) e lares ou centros de dia (e.g.

Heyman, Gutheil & White – Ryan, 2011), o que facilita o desenvolvimento das atividades e programas.

Cummings et al, 2003, mencionaram o facto de existirem poucos estudos que demonstrem a eficácia dos Programas Intergeracionais na mudança de atitudes e outros resultados benéficos para as crianças em risco. Uma revisão de literatura sobre programas intergeracionais revelou apenas um estudo, que se concentrou em jovens de risco. Aday, McDuffie e Sims (1993) verificaram resultados positivos de um programa intergeracional com adolescentes Africano – Americanas de risco através de um Programa de Verão. Neste sentido, foram analisados o impacto do programa intergeracional nas atitudes das crianças em risco em relação às pessoas idosas, com base no seu desempenho escolar e nos seus comportamentos na escola. Participaram no estudo 81 crianças, 41 participaram em atividades com as pessoas idosas, enquanto as restantes 40 crianças participaram nas actividades curriculares habituais. Verificou-se que as crianças que tinham participado no programa tiveram atitudes significativamente mais positivas em relação às pessoas idosas e melhores notas e comportamentos do que aqueles que não participaram.

Em Portugal, a Fundação Calouste Gulbenkian através do Programa de Desenvolvimento Humano e da sua delegação do Reino Unido, identificou o envelhecimento como uma prioridade comum, lançando em 2008 um programa conjunto de apoio às áreas de acção mais urgentes.

Entre Gerações é uma iniciativa que compreende duas áreas essenciais: o aprofundamento de conhecimentos sobre as práticas intergeracionais através de investigação e projectos-piloto em ambos os países e o desenvolvimento da rede European Mapping of Intergerational Learning (EMIL). O principal objectivo do programa Entre Gerações é promover a coesão social e diminuir o isolamento das pessoas idosas, através do estreitamento das relações entre os diferentes grupos etários. Em 2010/2011 a Fundação deu apoio a 18 projectos-piloto, 11 no Reino Unido e 7 em Portugal, no planeamento, teste e implementação de novas ideias para atividades intergeracionais (Fundação Calouste Gulbenkian, 2012).

Recentemente, Cunha (2012) e Cunha, Marques & Rodrigues (2012) realizaram um diagnóstico de necessidades, que confirmou a existência de idadeísmo entre pessoas idosas e jovens. Como tal, apresentaram uma proposta de um projeto intergeracional “Gerações Lx” com o objetivo de diminuir o idadeísmo entre jovens e pessoas idosas e promover um auto –

conceito positivo. O Projeto mostrou-se eficaz na diminuição do idadismo entre gerações e no desenvolvimento de relações mais positivas.

Da revisão de literatura realizada, não identificámos, em Portugal, qualquer programa intergeracional destinado a pessoas idosas e a crianças/jovens em risco.

3.5. Bases Teóricas dos Programas Intergeracionais e Principais Benefícios

Relativamente à Teoria, alguns estudos sobre Programas Intergeracionais não fazem referência às bases teóricas subjacentes, no entanto, as teorias mais citadas são a Teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson's (Barter, 1999) e a Teoria do Contacto (Allport, 1954), sendo estas, as mais utilizadas e as mais eficazes a atingir resultados positivos quanto à diminuição do idadismo, do isolamento e aumento da saúde mental e física, entre outros aspetos. A maioria dos estudos são comparativos para determinar o impacto do Programa nos participantes e os estudos mais comuns são qualitativos.

Vários estudos têm sido efetuados para demonstrar as vantagens e benefícios, das atividades intergeracionais tanto para as pessoas idosas como para os mais novos, no entanto as amostras são reduzidas (menos de 50 participantes).

Os programas e as atividades permitem a aproximação desejada entre as gerações e pretendem incidir fundamentalmente na promoção do bem-estar dos indivíduos e na aprendizagem conjunta para o desenvolvimento pessoal e da comunidade (Ayala, Hewson, Bray, Jones & Hartley, 2007; Vanderven, 1999, citado por Santos, 2012). Este tipo de experiências entre gerações levam as crianças e os jovens a entender melhor a evolução da idade e a velhice, como também estimula a diminuição da discriminação e de estereótipos idadistas em relação às pessoas idosas (Zucchero, 2010).

Para as pessoas idosas, os benefícios revelam-se através do aumento da auto – estima, afecto positivo e satisfação com a vida, diminuindo o seu isolamento e integrando-os na sociedade (e.g. Kessler, & Staudinger, 2007).

3.6. Definição de Conceitos

Nesta secção apresentamos as variáveis que estão subjacentes ao Modelo Teórico de Processo, que serve de base ao Diagnóstico de Necessidades. Relembramos mais uma vez, que neste trabalho não se pretende apresentar um Programa de Intervenção, mas somente o Diagnóstico de Necessidades e Linhas Orientadoras. Assim, iremos primeiramente descrever as variáveis resultado deste programa – o idadismo, o auto conceito e auto – estima positiva e os sentimentos de bem - estar – como alvos adequados segundo a literatura.

Seguidamente explicaremos as variáveis que compõem uma possível intervenção: 1) a variável independente – contacto intergrupalo positivo; 2) as variáveis mediadoras – o desenvolvimento de relações de confiança e afetividade e criação de modelos e figuras de referência, e por fim, 3) as variáveis moderadoras - estatuto igualitário, suporte de autoridade, partilha de objetivos comuns e cooperação intergrupalo.

Através de uma revisão de literatura, da qual surgiram um vasto leque de variáveis, que afetam as nossas variáveis resultado, selecionámos a variável independente, as mediadoras e as moderadoras. Essa seleção realizou-se através de um método proposto por Buunk e Van Vugt (2007), que permitiu aferir a possível alterabilidade de cada variável (i.e. a possibilidade de ser manipulada através de uma intervenção) relacionada com o tamanho do efeito (ou seja, a dimensão da afetação de uma variável sobre outra) que esta possa exercer sobre as variáveis resultado. A tabela do Anexo A mostra este método, enumerando as variáveis encontradas na revisão e as selecionadas, que reúnem melhores condições para uma possível intervenção.

Todos os conceitos referidos serão explicados seguidamente, apresentando no final o modelo teórico de processo que resume a dinâmica entre as variáveis que propomos trabalhar para atingir os nossos objetivos e que guiarão o nosso diagnóstico de necessidades.

3.7. As Variáveis Resultado - Idadismo

O termo idadismo (ageism) foi introduzido em 1969 por Butler (1969) definindo-o como um processo de “estereótipos e discriminação sistemática contra as pessoas por elas serem idosas, da mesma forma que o racismo e o sexismo o fazem com a cor da pele e o género” (p.243).

Lima (2010) refere que o idadismo tem uma componente afectiva (sentimentos face à pessoa idosa), uma componente cognitiva (pensamentos, crenças e estereótipos face à pessoa idosa) e uma componente comportamental (atitudes para com a pessoa idosa).

Marques (2011) desenvolve esta ideia do idadismo como atitude tripartida, referindo que as atitudes idadistas em relação às pessoas idosas assumem três componentes essenciais. 1º - O idadismo associado às crenças ou aos estereótipos que temos em relação às pessoas idosas, em atribuir certos traços negativos, como por exemplo, a incapacidade e a doença. 2º - O idadismo relacionado com o preconceito ou os sentimentos que temos em relação às pessoas idosas, que pode revelar-se de uma forma mais subtil como a piedade ou o paternalismo. 3º - O idadismo associado aos atos efetivos de discriminação em relação às pessoas idosas, como o abuso e os maus tratos que têm como alvo os indivíduos deste grupo etário.

São inúmeros os termos que são usados para descrever as pessoas idosas, como por exemplo, inflexíveis, incompetentes, senis, depressivos, sós, ultrapassados, entre outros (Bytheway, 2005; Marques, Lima & Novo, 2006; Nussman et al., 2005).

Alves e Novo (2006) desenvolveram em Portugal um estudo utilizando um instrumento de avaliação do idadismo elaborado por Palmore (2001) com 324 indivíduos com idades superiores a 60 anos, residentes em diversas localidades do distrito de Braga, Porto e Lisboa, institucionalizados em lares ou centros de acolhimento para a terceira idade (24% da amostra) e não institucionalizados (76% da amostra). Os resultados revelaram que uma parte significativa da amostra foi vítima de idadismo.

Palmore (1999) e Butler (1980) distinguem ainda três aspectos da discriminação da idade: a) as atitudes prejudiciais relativamente às pessoas idosas, à velhice e ao processo de envelhecimento por parte dos mais jovens, mas também das próprias pessoas idosas; b) as práticas discriminatórias contra as pessoas idosas no que respeita ao trabalho e a outros desempenhos sociais; c) e práticas institucionais e políticas (Andrade, 2002), que muitas vezes, sem intuito, perpetuam maneiras de pensar estereotipadas sobre a velhice, sendo este, um assunto muito pertinente a reflectir ao nível das instituições que se destinam a crianças, a jovens e a pessoas idosas. Estas muitas vezes propiciam a segregação entre as gerações.

Neste sentido, Mahki (2008), afirma que as gerações não ocupam o mesmo lugar e não desempenham o mesmo papel na vida, a educação é para crianças e adolescentes, a formação para os jovens, o trabalho para os adultos e a reforma para as pessoas idosas. Por exemplo, as crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos são separadas de crianças entre os 3

e os 6; os bebês são separados das crianças e as crianças, por sua vez, estão separadas dos jovens. Há centros para crianças, outros para jovens e outros para pessoas idosas, atividades para crianças, para jovens e atividades para pessoas idosas. Contudo, embora a segregação da sociedade através das idades possa constituir uma forma simples de organização e trazer equilíbrio para os cidadãos, não devemos olhar esta questão de um modo tão superficial.

De acordo com Andrade (2002), um sinónimo de discriminação pode ser separação. Entende-se, portanto, que o estar separado e o desconhecer poderá igualmente causar a discriminação. Neste sentido, o desconhecimento de determinada realidade pode levar à construção de ideias que não são verdadeiras, mas que passaram de uns para os outros, transformando-se num “mito”. Segundo a mesma autora, por vezes é o desconhecimento da realidade que cria um mito; existindo, assim, muitas ideias erradas e negativas em relação à velhice e ao envelhecimento, especialmente em crianças e jovens, assim como em relação à infância e juventude entre adultos e pessoas idosas. Neste sentido, considera-se que a institucionalização para além das suas muitas vantagens, poderá simultaneamente reforçar um processo de segregação dos diferentes grupos etários. Esta segmentação, por sua vez, pode influenciar as interações e as relações entre gerações, bem como comprometer as oportunidades de convivência intergeracional e, conseqüentemente, criar ou agravar processos de discriminação e de exclusão social.

Gonçalves e colegas (2006) defendem que ao nível da prevenção é importante combater o estereótipo da pessoa idosa, sugerindo, o desenvolvimento de programas intergeracionais entre pessoas idosas, crianças ou jovens, em contextos institucionais ou comunitários.

3.8. Auto – Conceito e Auto – Estima

A definição do termo “auto-conceito” não é consensual, no entanto pode ser caracterizada como a perceção que cada indivíduo possui sobre si próprio, a noção das capacidades que possui, assim como as suas atitudes e valores (Carapeta, Ramires & Viana, 2001, citado em Costa, 2012).

As necessidades de estima são o desejo de respeito próprio, o sentimento de realização pessoal e de reconhecimento por parte dos outros, que estão relacionados com a forma como o indivíduo se vê e se avalia (Maslow, 1943).

A auto – estima, pode definir-se como uma imagem que o indivíduo tem de si mesmo e o sentimento do seu próprio valor, que se traduz por um conjunto de atitudes e de opiniões que os indivíduos põem em jogo nas suas relações com o mundo exterior.

A auto-estima pode relacionar-se com o auto – conceito, encontrando-se associada aos aspectos avaliativos que o sujeito elabora a seu respeito, baseado nas suas capacidades e desempenhos (Vaz Serra, 1986).

Os autores Zaff e Hair (2003), referem que o auto conceito e a autoestima são, a par da identidade componentes do self. O autoconceito é a soma das crenças de um determinado individuo acerca dos seus atributos tais como traços de personalidade, esquemas cognitivos, papéis sociais e relações. A identidade refere-se a uma definição de si que inclui os objetivos, valores e crenças que a pessoa entende como expressivos da sua individualidade. A autoestima corresponde à avaliação afetiva do autoconceito e da identidade (Calheiros, Garrido & Santos, 2012).

Em meados do século XX, Erikson começa a construir sua teoria psicossocial do desenvolvimento humano, à luz da teoria freudiana, pensando no ser humano como um ser social, um ser que vive em grupo e sofre a pressão e a influência deste.

A Teoria de Erikson, estrutura o desenvolvimento humano em fases ou estágios (que ele chamou de psicossociais) e trabalha o ciclo vital como um contínuo onde cada fase influencia a seguinte.

Segundo a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1976), em cada etapa do desenvolvimento ocorrem pressões do ambiente social que vão ser geradoras de conflito ou crise. Naquela que o autor enumera como a 4ª fase, dos 6 aos 12 anos de idade, verifica-se a entrada na escola e, conseqüentemente, uma importância crescente de ambientes físicos e sociais externos à casa/família e do grupo de pares; E este é um período de aprendizagem e de teste da competência pessoal e social.

Eriksson (1976) considera que a fase da adolescência (5ª fase) “Identidade vs. Confusão da Identidade” é um período particularmente decisivo na formação da identidade. Assim, é na adolescência que o indivíduo desenvolve os pré-requisitos de crescimento fisiológico, maturidade psicológica e responsabilidade social que o preparam para experimentar e ultrapassar a crise da identidade. A adolescência é uma etapa crítica do desenvolvimento, na qual ocorrem alterações fisiológicas, sociais, psicológicas importantes e decisivas. Neste período, intensificam-se os laços com os grupos de pares, havendo um

afastamento em relação à casa e aos pais, embora estes continuem a desempenhar um papel importante.

Como tal, segundo Erikson (1968) até à 5ª etapa predomina a influência familiar, que traz consequências mais vincadas para o resto da vida. É na infância e na juventude que o equilíbrio parental e o convívio com os avós, ou membros de outra geração, se tornam importantes para a formação de valores e ideais da criança ou do adolescente.

A adolescência é um período crucial no que respeita ao desenvolvimento e à consolidação da auto – estima, pois, é nesta fase da vida que cada indivíduo descobre a sua identidade (Duclos, 2006).

As relações estabelecidas com as figuras de referência, são de extrema importância, na medida em que são estas relações que vão estruturar e definir auto – representações formadas pelas crianças (Nunes, 2010). No caso das crianças e jovens em risco ou que se encontrem em acolhimento institucional, se não tiverem nenhuma figura de referência consistente, podem apresentar um auto – conceito e uma auto – estima enfraquecida. De acordo com o estudo de Pasion e Jacquemin (1999) as crianças que se encontram institucionalizadas podem demonstrar um auto – conceito e uma auto estima mais baixos, quando comparados com os jovens que se encontram em meio familiar. Os mesmos autores concluíram que estes sinais de perturbação emocional não são dependentes da idade; e a duração do acolhimento é um fator importante, havendo uma tendência para diminuir com o tempo de institucionalização.

Nas pessoas idosas, segundo Erikson (1968), a fase da vida “Generatividade vs. Estagnação”, trata-se de um importante estágio de desenvolvimento na fundamentação da identidade. As pessoas idosas, como parte integrante da sua família e da sua sociedade revelam a necessidade de transmissão de conhecimento e de desempenhar um papel de cuidadores, características patentes na fase de desenvolvimento em que se encontram. Predomina a necessidade de transmitir a experiência ganha ao longo da vida às gerações futuras, como forma de garantir o legado e ser útil para os outros.

Por outro lado, existem mudanças na vida social e emocional da pessoa idosa que se relacionam com a constante mudança e conseqüente perda de identidade. Erikson (1984), refere alguma da sua proximidade com a adolescência, ao contrário da vulgar associação da velhice à infância. Tal como o adolescente, a pessoa idosa atravessa uma séria crise de identidade. Parece deixar de ter identidade, de ser alguém e de saber-se quem é, quando, na maioria das vezes é obrigado a afastar-se da sua casa, do seu bairro, dos seus hábitos (Andrade, 2002). Estas perdas podem ser reforçadas pela institucionalização ou pela

necessidade de mudar de residência, devido à morte do cônjuge, amigos ou familiares, as quais levam à perda/afastamento das pessoas ou pertences aos quais o indivíduo se vincula e que constituem as suas memórias, a sua vida.

A auto – estima é mais estável em alguns momentos da vida do que noutros, a estabilidade é relativamente baixa durante a primeira infância, aumentando durante a adolescência e no início da idade adulta e declinada durante a meia – idade e terceira idade. Os níveis mais baixos de estabilidade encontrados durante a infância e terceira idade podem ser reflexo de mudanças de vida dramáticas, alterações das circunstâncias sociais e mudanças de maturação relativamente rápidas que normalmente ocorrem no início e no fim de vida (Robins & Trzesniewski, 2005, citado por Ribeiro, 2010).

3.9. Sentimentos de Bem – Estar

O Bem-estar tem – se desenvolvido em dois espaços importantes, um no âmbito do desenvolvimento do adulto e da saúde mental e outro mais ligado a aspectos psicossociais; à qualidade de vida à satisfação com as condições e circunstâncias da vida (Novo, 2003). A Qualidade de Vida envolve, para além dos aspectos ambientais, aspectos internos relativos a cada pessoa, que correspondem ao Bem – Estar psicológico e ao Bem-estar subjectivo. Veenhoven (2005) e Waterman, (1993) consideram que o bem – estar subjectivo está associado à noção de felicidade, ao relaxamento, a sentimentos positivos e a uma ausência relativa de problemas, enquanto o bem – estar psicológico, se encontra associado ao ser em mudança, ao exercício de esforço e à procura de crescimento e desenvolvimento pessoal.

De acordo com Thornton (2001) apesar deste conceito apresentar várias definições operacionais, podendo referir-se ao bem estar da criança, do adulto ou da família, ele é frequentemente diferenciado em cinco dimensões: bem-estar físico, bem-estar psicológico e emocional, bem-estar social, bem-estar cognitivo e educacional, bem-estar económico (Calheiros, Garrido & Santos, 2012).

Call, Riedel, Hein, McLoyd, Peterson e Kipk (2002) referem que um dos maiores preditores de bem – estar nas crianças e adolescentes é a interação com as pessoas que estão diariamente à sua volta, sendo este um motivo para as pessoas experienciarem mais afeto positivo.

Na fase da adolescência, o estudo de Bizarro (1999) evidenciou que existem períodos ao longo da adolescência de maior risco ou vulnerabilidade, sendo propícios à diminuição do bem-estar.

A pesquisa realizada permitiu encontrar um estudo que procurou perceber se o processo de institucionalização influencia o bem – estar subjectivo dos adolescentes. Este estudo mostrou que existem diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes institucionalizados e os não institucionalizados. Sendo que o primeiro grupo apresenta níveis de bem – estar inferiores. Os resultados mostraram ainda diferenças de bem – estar consoante as características de cada instituição (Silva, 2011).

Nunes (2009) estudou as implicações do contacto intergeracional no bem – estar subjectivo experimentado por idosos que integram centros de dia que desenvolvem programas intergeracionais com crianças. Os resultados sugerem que as pessoas idosas da amostra demonstram opiniões favoráveis acerca das actividades intergeracionais e evidenciaram bem estar subjectivo positivo. No bem-estar subjectivo emocional, predominam os afetos positivos sobre os negativos. Estes resultados têm implicações ao nível da compreensão da intergeracionalidade entre pessoas idosas e crianças, pois sugerem que é ao nível da afectividade positiva que o contacto intergeracional se constitui uma mais-valia. Além disso, os resultados deste estudo salientam o papel da programação intergeracional na diminuição de esteriótipos, uma vez que a maioria das pessoas idosas inquiridos considera que as crianças gostam mais deles, depois de participarem em actividades conjuntas.

3.10. Variável Independente - Contacto Intergrupar Positivo

No que diz respeito a estratégias de combate à discriminação idadista entre grupos, a literatura mostra a importância da teoria do contacto intergrupar (Jarrot, 2011). A meta-análise realizada por Pettigrew e Tropp (2006), revela que o contacto intergrupar reduz significativamente o preconceito entre grupos e pode abranger uma variedade de contextos de aplicação, como também de grupos, idades e áreas geográficas.

Segundo Brewer e Gaertner, 2001, citado por Matos, (2011), a hipótese de contacto faz referência ao facto da preconceito social levar o ser humano a rejeitar aquilo que desconhece, e que a discriminação é uma consequência da falta de contacto com outros grupos. O contacto entre grupos, ao proporcionar experiências positivas, acentua a percepção de semelhança entre os membros de grupos diferentes e a percepção de semelhança gera, por sua vez, a atracção entre eles, o que conduz à desconstrução de estereótipos negativos resultando na mudança de comportamentos e atitudes para com esse grupo.

Allport (1954) define estereótipo como uma crença exagerada dirigida a um determinado grupo, e que de alguma forma serve para justificar as atitudes para com esse

grupo. O autor alerta para o facto de o contacto superficial entre membros de grupos diferentes nem sempre levar a resultados positivos e poder mesmo reforçar os estereótipos. Mais contacto não é necessariamente sinónimo de menos preconceito. Para Allport (1954), os resultados positivos do contacto dependem de determinadas condições em que o contacto ocorre. Posteriormente iremos definir com maior detalhe essas condições.

Outras pesquisas têm demonstrado que existe uma percepção mais positiva e menos estereotipada sobre os parentes mais velhos, como por exemplo os avós, com quem a criança entra em contacto. As crianças que não tenham tido oportunidades para interagir com os seus avós terão uma maior probabilidade de terem sentimentos negativos acerca destes e do seu envelhecimento (Seefeldt, Warman, Jantz e Galper, 1990, citado por Nunes, 2009). Neste sentido, o tipo e a qualidade do contacto podem ter uma influência crucial sobre as atitudes das crianças.

Schwartz e Simmons (2001) efectuaram um estudo com o intuito de verificar a hipótese de contacto em jovens, os resultados revelaram que em vez da quantidade, é a importância da qualidade da interação inter-geracional que estava relacionada significativamente com as atitudes mais positivas para com as pessoas idosas, tal como já foi abordado na seção 3.4.

Deste modo, torna-se importante tratar o idadismo, a partir da consideração de que ele pode constituir uma barreira ao bom convívio intergeracional, bem como uma forma de provocar ou agravar o conflito entre gerações.

3.11. Varáveis Mediadoras - Desenvolvimento de Relações de confiança e afetividade e Criação de Modelos e Figuras de Referência

Qualquer pessoa que se envolva com o bebé numa interação activa e que consiga responder aos seus sinais e aproximações pode tornar-se uma figura de vinculação (Guedeny, 2004).

A vinculação afetiva proporciona a estimulação sensorial, social e afetiva fundamentais, constituindo-se como um referencial primordial na elaboração da conceção de si e do mundo. A infância conturbada e privada de laços afetivos fortes traz consequências futuras para o repertório comportamental dos indivíduos, inclusive para sua auto-estima, que pode definir sua forma de relacionamento com o outro e com o mundo em geral (Weber & Kossobudzki, 1996).

Segundo estes autores, existe uma impossibilidade de se formar e manter vínculos afetivos numa instituição de acolhimento, que está relacionada com vários fatores, entre os quais: o elevado número de crianças por instituição; o tratamento massificado e despersonalizante, no qual todas as crianças e adolescentes devem fazer as mesmas coisas ao mesmo tempo e nada podem possuir; a rotatividade dos funcionários; as transferências dos internos para outras instituições; o desligamento da criança de sua família e comunidade, entre outros.

Em contrapartida, outro autor, refere que para as crianças e adolescentes que não vivem com suas famílias, existe um alargamento do mundo social, para além do núcleo familiar, surgem os monitores e as crianças e adolescentes com os quais convivem na instituição (Newcomb, 1990). A relação estabelecida com os monitores desempenha papel central na vida das crianças e dos adolescentes institucionalizados, na medida em que estes adultos assumem o papel de orientá-los e protegê-los, constituindo os seus modelos identificatórios. O contacto com os pares, em igual situação de vida, pode constituir-se um apoio social e afetivo, funcionando como fator de proteção, (Bazon & Biasoli-Alves, 2000, citado por Siqueira & Dell' Aglio, 2006).

As crianças e os adolescentes institucionalizados precisam de interagir efetivamente com pessoas, objetos, símbolos e com um mundo externo acolhedor (Bronfenbrenner, 1990). A instituição deve fazer parte da rede de apoio social e afetivo, fornecendo recursos e modelos identificatórios positivos, segurança e proteção. Se assim for, oferecerá um ambiente propício para o pleno desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças e adolescentes inseridos neste contexto. Deste modo, destaca-se a necessidade de políticas públicas de intervenção direcionadas às instituições de acolhimento, considerando o grande número de crianças e adolescentes institucionalizados, de forma a favorecer uma melhoria das condições de atendimento a esta população.

Tal como referido anteriormente no ponto 3.4. os programas intergeracionais ajudam na criação de figuras de referência e de laços afetivos, tão importantes no caso das crianças e jovens em risco.

Como tal, tanto o desenvolvimento de relações de confiança e afetividade como a criação de modelos e figuras de referência na condição de contacto intergeracional com as pessoas idosas podem estimular a diminuição do idadismo, a melhoria do auto – conceito e da auto – estima e, ainda, a promoção do bem – estar das crianças e jovens. Por esta razão desempenham o papel de mediadoras no modelo apresentado em seguida.

3.12. As variáveis moderadoras - estatuto igualitário, apoio da autoridade, partilha de objetivos comuns e cooperação intergrupala

Allport (1954) elaborou a hipótese de que o contacto intergrupala poderia diminuir a discriminação entre os grupos, desde que estejam presentes quatro pré-requisitos. Tal como Pettigrew (1998) resume, a primeira condição essencial prende-se com o *estatuto de igualdade* entre os grupos, defendendo que os mesmos teriam que ter consciência dessa igualdade dentro da situação onde interagem. A segunda condição é a *partilha de objetivos comuns*, ou seja, é necessário que os grupos estejam orientados para a partilha de metas, e que, juntamente com a condição seguinte - *cooperação intergrupala* – trabalhem juntos para atingirem algo que se torna importante para todos. A quarta condição, *apoio da autoridade*, fornece ao contacto intergrupala maior aceitação, pois este, deve ter por base alguma lei, tradição, instituição de autoridade ou praticas institucionais que facilitem e credibilizem o trabalho a ser realizado.

Pettigrew e Tropp (2006) mostram que, estas condições não são estritamente necessárias no contacto intergrupala ou no desenho de intervenções que tenham como objetivo a diminuição do preconceito, no entanto, funcionam como linhas de orientação ou condições facilitadores para resultados mais positivos na situação de contacto, privilegiando a sua integração conjunta e não como fatores separados.

Assim, pretende-se com este trabalho recorrer a estas quatro condições para facilitar o contacto positivo entre os grupos geracionais. Estas variáveis situam-se nesta intervenção como moderadoras da relação entre o contacto intergrupala positivo e as variáveis resultado (VR). Existe assim um contributo significativo da relação entre o contacto e as moderadoras sobre as VR.

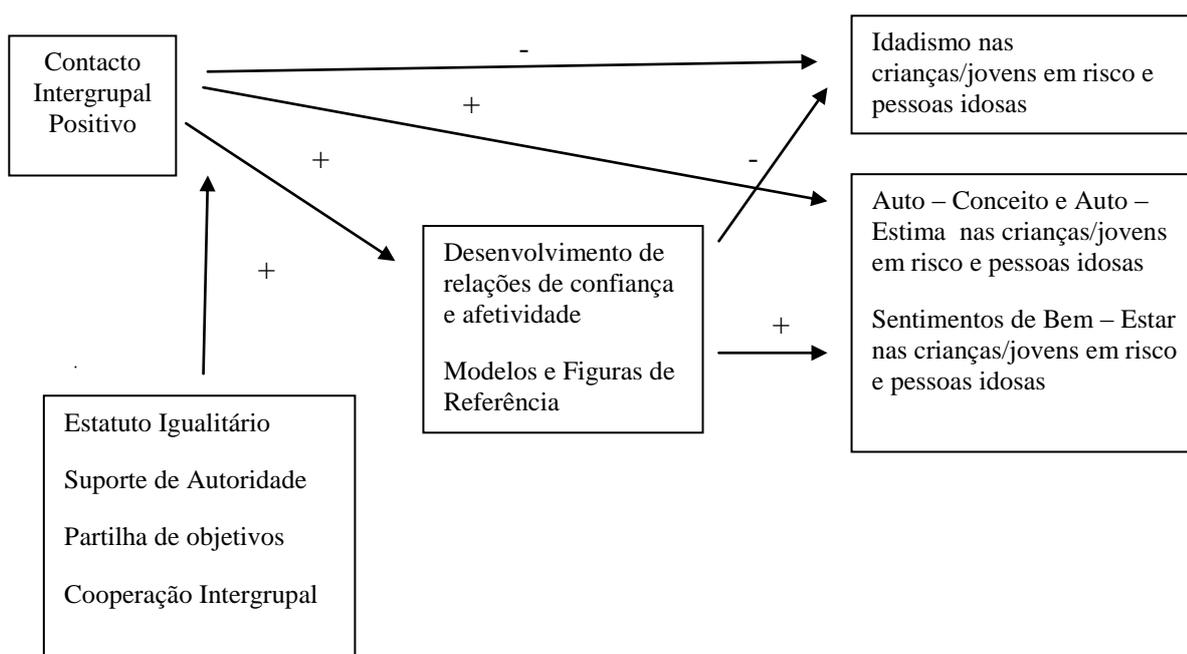
3.13. Modelo teórico de processo

Depois desta revisão, torna-se pertinente sintetizar as relações estabelecidas entre as variáveis através de um modelo teórico de processo (Buunk & Van Vugt, 2007). Apesar deste trabalho não ter como alvo a realização de uma intervenção, salientamos que a criação deste modelo teórico tem como objetivo orientar e estruturar o nosso diagnóstico de necessidades.

Assim, apresentamos o modelo teórico de processo (Figura 1.) que representa a dinâmica entre as variáveis analisadas. Como podemos verificar, o contacto intergrupala positivo tem um efeito direto e positivo sobre as três variáveis resultado: sobre a diminuição

do idadismo; sobre a promoção do autoconceito e auto - estima; e sobre o aumento dos sentimentos de bem – estar; nas crianças/ jovens em risco e nas pessoas idosas. Depois disto, referimos que existe uma mediação que reflete um efeito indireto onde o contacto intergrupl positivo influencia positivamente o desenvolvimento de relações de confiança e afetividade e a criação de modelos e figuras de referência, finalmente originando efeito positivo sobre as variáveis resultado. A relação entre o contacto intergrupl positivo e o desenvolvimento de relações de confiança e afetividade e a criação de modelos e figuras de referência depende da influência moderadora das quatro condições de Allport (estatuto igualitário, suporte de autoridade, partilha de objetivos comuns e cooperação intergrupl), no sentido em que quando estes fatores estão presentes, os efeitos do contacto nas variáveis mediadoras e dependentes são facilitados.

Figura 1. Modelo Teórico de Processo



3.14. Objetivo Geral

Realização de uma Avaliação de Necessidades de Contacto Intergeracional, de forma a, apresentarmos indicações e diretrizes, que permitam, numa fase posterior a construção de um Programa Intergeracional.

3.15. Objetivos Específicos

Os nossos objetivos específicos, são:

- a) Caracterizar a frequência e a qualidade de contacto entre as crianças/jovens em risco e pessoas idosas;
- b) Conhecer a imagem que as crianças/jovens em risco e as pessoas idosas têm de si próprios;
- c) Conhecer a perspetiva das crianças/jovens em risco e das pessoas idosas sobre o seu bem – estar;
- d) Conhecer a perspetiva do grupo de crianças/jovens e pessoas idosas sobre a realização de actividades intergeracionais.

3.16. Hipóteses

Tendo em conta o modelo anterior, as hipóteses relativas a um possível programa de intervenção são:

H1: O contacto intergrupar positivo tem um efeito positivo e direto na diminuição do idadismo entre as crianças e jovens e as pessoas idosas; na promoção de um auto-conceito e auto-estima positiva; e no aumento de sentimentos de bem-estar nas crianças/jovens e pessoas idosas.

H2: O contacto intergrupar positivo influencia positivamente o desenvolvimento de relações de confiança e afetividade e criação de modelos e figuras de referência, influenciando por sua vez as variáveis resultado.

H3: O estatuto igualitário, o suporte de autoridade, a partilha de objetivos comuns e a cooperação intergrupar, moderam positivamente a relação entre o contacto intergrupar positivo e o desenvolvimento de relações de confiança e afetividade e a criação de modelos e figuras de referência.



IV. AVALIAÇÃO DE NECESSIDADES

Ao longo do tempo a abordagem às necessidades deixa de se focalizar primordialmente na sua base biológica e universal, como a fome, a sede o sexo, a segurança, passando a focalizar-se mais na sua vertente específica e social, como a realização, o amor, a pertença e a estima. (Beck, 2004; Maslow, 1970). Esta segunda perspectiva é mais recente e está mais relacionada com o contexto dos serviços sociais, sendo esta a perspectiva adotada neste trabalho.

Parece claro e indiscutível que os serviços sociais devem focalizar-se nas necessidades das populações, o que significa que, estes devem especificar-se perante as diferentes carências e problemas da população, no sentido de obterem uma maior eficácia nos serviços que prestam. Isto aplica-se tanto aos serviços para populações gerais, como hospitais, assim como a serviços para populações específicas, como lares para pessoas idosas ou o acolhimento residencial para crianças e jovens em risco - serviços nos quais se centra este trabalho.

Tudo isto nos remete para a importância da avaliação de necessidades, que deverá ser considerada anteriormente ao desenvolvimento de novos programas e serviços de intervenção, e que também poderá ser utilizada no sentido de melhorar os serviços existentes. Deste modo, a avaliação de necessidades é identificada como um aspecto essencial para a evolução dos serviços sociais (Bullock, Little & Millham, 1993).

No contexto da avaliação de necessidades de crianças/ jovens em acolhimento residencial e lares para pessoas idosas, verifica-se que é essencial a participação dos técnicos, uma vez que a percepção destes acerca das necessidades das crianças e jovens e pessoas idosas influencia a forma como trabalham com os mesmos. Contudo, tem-se vindo a perceber que é igualmente essencial a participação das crianças, jovens e pessoas idosas, uma vez que a percepção que têm das suas necessidades e da sua situação, suscita determinados comportamentos e a tomada de determinadas decisões (Little et al., 2004).

Neste trabalho defendemos que é fundamental fortalecer a participação das pessoas idosas, das crianças e jovens em risco, considerando-os agentes promotores da mudança, evidenciando a importância de consultar as pessoas idosas, as crianças e jovens em risco para compreender a forma como gostariam de ser envolvidos e apoiados.

Neste sentido, formulamos as questões de partida para o diagnóstico de necessidades: 1) Como se caracteriza o contacto entre crianças, jovens e pessoas idosas?; 2) Existe idadismo na Instituição?; 3) Como é que as crianças, jovens e pessoas idosas se veem a si próprios?; 4) Qual a perceção das crianças, jovens e pessoas idosas acerca do seu bem – estar? E ainda incluímos uma outra questão, 5) Qual a atitude sobre as atividades intergeracionais?

4.1 Diagnóstico de Necessidades: Caracterização da Aldeia de Santa Isabel

O Diagnóstico de Necessidades foi realizado numa instituição pública – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, mais especificamente na Aldeia de Santa Isabel (Ver Foto no Anexo B) e os dados reportados neste ponto advém de informação recolhida através de 1) visita guiada pelos principais locais da Aldeia de Santa Isabel (ver mapa no Anexo C); 2) entrevistas/ conversas informais com o Diretor Geral e Coordenadores de cada uma das valências e 3) Documentação, folhetos de divulgação (ver Anexo D), internet e documentos internos, nomeadamente o Relatório de Atividades de 2012 na Aldeia de Santa Isabel (ASI) referente às História, Valências, Organização e Funcionamento, de forma a tornar possível uma contextualização o mais completa possível.

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) é uma instituição de referência na sociedade portuguesa, que procura a realização da melhoria do bem – estar da pessoa no seu todo, prioritariamente dos mais desprotegidos e fragilizados. É mais conhecida pela sua ação social e por assegurar a exploração dos jogos sociais do estado em Portugal, mas desenvolve também um importante trabalho nas áreas da Saúde, Educação, Ensino, Cultura e Promoção da Qualidade de Vida. Intervém ainda no apoio e realização de atividades para a inovação, qualidade e segurança na prestação de serviços e na promoção de iniciativas no âmbito da economia social.

A Aldeia de Santa Isabel (ASI) é um equipamento polivalente de ação social, pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. A ASI nasceu em 1923, pela iniciativa do Padre Agostinho da Motta, franciscano, que acompanhado por outros fiéis cristãos, designadamente a família Espirito Santo, edificaram uma casa para crianças órfãs e abandonadas da cidade de Lisboa, a que chamaram Orfanato Escola Santa Isabel.

Em 1983 foi entregue à gestão da SCML, que tem vindo a ampliar e reconstruir, desenvolvendo a partir de 1986 um Projeto de Educação – Formação e Ação Social Comunitária.

Atualmente, a Aldeia de Santa Isabel (ASI) constitui um equipamento comunitário intergeracional que integra quatro áreas de intervenção e de acolhimento social de idosos, crianças e jovens, promovidas no quadro da Missão e Objetivos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, inseridos em valências específicas, designadamente:

- Lar Padre Agostinho Motta e Lar de Transição Rainha Santa Isabel;
- Lar S. João de Deus e Residências Seniores “Alvarinho”, “Andorinha” e “Bom Pastor”, para pessoas idosas;
- Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel;
- “Inclui”- Empresa de Inserção Social/Profissional

4.2. Lar Padre Agostinho da Motta e Lar de Transição Rainha Santa Isabel

O Lar Padre Agostinho da Motta é uma resposta social, alternativa à família, que procura garantir um desenvolvimento pessoal integral e a inserção sócio – familiar e profissional das crianças e jovens garantindo a proteção e promoção dos seus direitos.

Acolhe crianças em risco dos 12 meses aos 8 anos de idade, preferencialmente fratrias. Estas crianças e jovens estão distribuídas pelos dois equipamentos, Lar Padre Agostinho da Motta (20 residentes) e Lar de Transição (2 residentes).

O Lar tem uma capacidade para 22 crianças/jovens e das 19 crianças, 2 (4-5 anos); 9 (6-10 anos); 5 (11-14 anos) e 3 (15-18 anos), das quais 4 apresentam Necessidades Educativas Especiais.

A Equipa Técnica do Lar Padre Agostinho da Motta é constituída por: 1 Diretora; 1 Psicóloga; 1 Assistente Social; 1 Educadora de Infância; 1 Educadora Social; 1 Auxiliar de Educação de Serviços Gerais.

No ano de 2012 o número de admissões foi igual ao número de saídas (3), houve um projeto de adoção, uma confiança a pessoa idónea e uma reintegração familiar.

Das 19 crianças acolhidas, 5 tem um tempo médio de permanência no Lar de 6 anos, sendo que as restantes têm um tempo médio de permanência de 2 anos.

4.3. Lar S. João de Deus e Residências Seniores “Alvarinho”, “Andorinha” e “Bom Pastor”, para pessoas idosas

O Lar S. João de Deus, é um Equipamento Social destinado a acolher pessoas idosas, respondendo à sua problemática biopsicossocial, O Lar integra duas respostas sociais: *Lar de Idosos* que funciona no Edifício Central e *Residências* que funcionam em três Chalet's (Residências Seniores).

O Lar S. João de Deus tem como Objetivos Gerais: (1) Garantir a prestação de todos os cuidados adequados à satisfação das necessidades básicas, como cuidados de higiene e conforto, alimentação, tratamento de roupas e acompanhamento ao nível de saúde; (2) Promover atividades que estimulem física e cognitivamente os residentes, contribuindo para o retardamento do processo de envelhecimento; (3) Assegurar um ambiente securizante e afectivo, através do relacionamento interpessoal entre os residentes e entre estes e as suas famílias, quando as houver.

O Lar S. João de Deus, tem capacidade para 45 residentes e de 6 residentes da resposta social Residências (Chalet's) Actualmente, encontram-se a residir cerca de 50 pessoas idosas neste Equipamento, dos quais 25 são do sexo feminino e 25 do sexo masculino. As idades dos utentes situaram-se entre os 50 e os 98 anos.

A Equipa Técnica do Lar é constituída por: 1 Diretora; 1 Assistente Social; 1 Animadora Sócio-cultural; 1 Terapeuta Ocupacional; 1 Psicóloga e conta ainda com uma equipa de 21 Ajudantes de Lar e 1 Chefe de Sector. A Equipa de Saúde do Lar é constituída por: 2 Enfermeiros; 1 Médico de Medicina Geral e Familiar e 1 Médico Psiquiatra.

O Lar desenvolve atividades de Animação Sócio-cultural e na área da Saúde, prestando serviços de Enfermagem, Medicina Geral e Consulta de Psiquiatria.

4.4. Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel

O Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel organiza e realiza cursos, aprovados pelo Despacho Normativo nº 43/99 de 6 de Setembro, dos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade, com o apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional de educação e formação de jovens de nível I e II EU de formação profissional,

conferindo no final de cada curso uma equivalência escolar de 6º e 9º Anos de escolaridade. Estes cursos, incluem ainda uma componente de formação para a vida activa que abrange actividades de cariz expressivo (Expressão Artística e Educação Física) e temas que favorecem uma inserção profissional esclarecida e consciente (Higiene e Segurança no Trabalho e Legislação Laboral) e um saudável desenvolvimento bio-psico-social dos formandos (Educação Sexual e Toxicodependência).

Os cursos destinam-se aos jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos com dificuldades de adaptação ao sistema escolar regular, com repetidos insucessos escolares, desmotivados para a aprendizagem e que se encontram fora da escolaridade obrigatória. Como tal, são Jovens que abandonaram prematuramente o sistema de ensino e que se encontram em risco de exclusão social.

A população deste centro é, prioritariamente, constituída por jovens residentes no concelho de Lisboa. No entanto, quando os jovens oriundos de Lisboa não preenchem as vagas na sua totalidade, estas são completadas com jovens residentes nos concelhos limítrofes da zona de implantação da Aldeia: Sintra, Mafra, Oeiras, Cascais.

Em termos de Recursos Humanos, temos 1 Coordenador Geral (Diretor da ASI); 1 Coordenador Pedagógico; 1 Coordenador Oficinal; 17 Formadores Internos; 27 Formadores externos; 1 Técnico de Educação Social, 3 Monitores de ATL; 3 Técnicos de Serviço Social; 2 Técnicos de Psicologia; 2 Assistentes Administrativos; 1 Auxiliar de Ação Educativa; 2 Técnicos de Planeamento e Organização.

Em 2011/2012 tiveram 9 cursos de oferta formativa distribuídos por duas ações por cada curso, as quais tem uma duração de 2 anos (carga horária por acção de cerca de 3290 h), na área automóvel (Pintura Automóvel e Reparador de Carroçarias); Área da construção civil (Pintura de Construção Civil, Carpintaria/Marcenaria e Electricidade de Edificações); Área de Serviços (Confeção Industrial e de Atelier, Cabeleireiro, Cozinheiro de Restauração Coletiva e Operador de Jardinagem e Espaços Verdes).

O Centro tem capacidade para 240 jovens, no início do ano de 2012 as ações de Formação eram frequentadas por 239 jovens, no entanto, ao longo do ano e após algumas desistências, no final do ano, foram contabilizados 181 jovens.

A Taxa de Abandono dos Cursos poderá estar relacionada com os seguintes factores: mudança de residência, emigração (retorno ao país de origem), inadaptação ao contexto formativo por razões várias, desinteresse crescente pela aprendizagem e transferência para outro local de aprendizagem (Escola ou Centro de Formação).

4.5. “Inclui”- Empresa de Inserção Social/Profissional

Há 8 anos que a Empresa de Inserção INCLUI exerce actividade e os trabalhadores desta Empresa de Inserção desenvolvem a sua actividade nas três áreas que a constituem: – Eletricidade de Edificações, Pintura de Construção Civil e Jardinagem.

A Inclui destina-se a jovens em risco com mais de 18 anos e presta serviços quer no sector público quer no sector privado e neste período estiveram no activo 10 unidades de pessoal, sendo efetivos da Empresa com contrato a prazo.

No ano 2012, e tendo em conta as áreas de prestação de serviços da Inclui, as áreas da Pintura, de Construção Civil e Restauo foram as mais solicitadas em termos de trabalhos efectuados; por outro lado, a área da Eletricidade foi a menos solicitada.

4.6. Articulação Intergeracional

No âmbito do trabalho de articulação intergeracional entre as várias valências da ASI, podemos apontar algumas atividades que se realizam em épocas festivas, tais como o Carnaval, os Santos Populares, o Magusto e a Festa de Natal.

Em relação ao Lar de São João de Deus e o Centro de Formação Profissional, existe articulação através dos cursos de Cabeleireiro, Corte e Confeção e Restauração Colectiva, quando solicitado.

Torna-se importante referir que o Lar S. João de Deus, promoveu a 1ª Feira Anual Intergeracional da ASI, com uma exposição sobre os Jogos Olímpicos, uma mostra de Doçaria pelos Idosos do Lar S. João de Deus, Crianças do Lar Padre Agostinho da Mota e CFP – Curso de Restauração.

As várias Valências da Aldeia de Santa Isabel possuem instalações independentes, as crianças, os jovens e as pessoas idosas (ver mapa no Anexo C) partilham apenas alguns

espaços físicos, como por exemplo o Jardim, o Refeitório e a Lavandaria. Este dado, revela que o contacto intergeracional é muito reduzido ou praticamente inexistente, o que sugere existir uma clara separação entre os indivíduos destas gerações.



Atendendo ao objetivo central do presente trabalho, de estudo de caso de avaliação de necessidades, recorreremos a uma metodologia qualitativa.

O método qualitativo é um campo de investigação que tem como intuito obter uma visão mais profunda e holística das situações e da visão dos indivíduos sobre os contextos sociais onde estão inseridos, permitindo assim, compreender e analisar os elementos intervenientes num dado contexto, as suas interações e influências recíprocas. Deste modo, é possível investigar a partir do ambiente natural dos sujeitos, o “setting” e tentar interpretar ou dar sentido aos fenómenos em termos de significados para as suas vivências. Numa perspetiva global, é assim possível abordar o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes na relação entre os sujeitos e o seu ambiente (Demo, 2006).

De seguida descrevemos os participantes, o instrumento utilizado no diagnóstico de necessidades: o Focus Group e o procedimento.

5.1 Participantes

Este trabalho de projeto pressupõe um diagnóstico participativo em que crianças, jovens, e pessoas idosas, estes 3 grupos sociais, cujos direitos de participação se pretendem cada vez mais valorizados, possam transformar-se nos próprios agentes de mudança.

Neste sentido, de acordo com uma visão holística da instituição, tivemos vários intervenientes a participar, as crianças, os jovens, as pessoas idosas, e ainda os Profissionais/Técnicos e os Diretores de cada valência.

Neste trabalho, foram realizados 5 Focus Group, que envolveram um total de 30 participantes da Aldeia de Santa Isabel, distribuídos de acordo com o quadro abaixo.

Quadro 1. Caracterização da Amostra dos Focus Group

Participantes	Crianças	Jovens	Pessoas Idosas	Técnicos	Diretores
Nº participantes	4	8	6	8	4
Idades	10 – 16 Anos	15 –24 Anos	A Partir 50 Anos	20 –35 Anos	A Partir 45 Anos

Grupo das Crianças

Este grupo ficou constituído por 4 crianças de ambos os sexos, sendo 1 menina de 14 anos e 3 meninos, com 10, 13 e 16 anos, idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos, institucionalizadas no Lar Padre Agostinho da Motta e Lar de Transição Rainha Santa Isabel. O tempo de acolhimento das crianças varia entre 3 e 10 anos e nem todas elas têm contacto com as suas famílias.

Grupo dos Jovens

Este grupo ficou constituído por 8 jovens de ambos os sexos, sendo 2 jovens do sexo feminino e 6 jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos, que frequentam o Centro de Formação Profissional da Aldeia de Santa Isabel de vários cursos, tais como, Operador de Jardinagem e Espaços Verdes; Cozinheiro de Restauração e Cabeleireiro. Tal como referido no ponto 4.4. são jovens com repetidos insucessos escolares, que abandonaram prematuramente o sistema de ensino e que se encontram em risco de exclusão social. São jovens provenientes dos concelhos de Lisboa, Sintra, Mafra, Oeiras e Cascais.

Grupo das Pessoas Idosas

Este grupo ficou constituído por 6 pessoas idosas de ambos os sexos, sendo 3 senhoras idosas e 3 senhores idosos, com idades a partir dos 50 anos, integrados no Lar S. João de Deus e Residências Seniores “Alvarinho”, “Andorinha” e “Bom Pastor”. Do grupo, uma pessoa idosa tem deficiência visual, outra deficiência motora encontrando-se em cadeira de rodas e duas pessoas idosas que são analfabetas, não sabem ler, nem escrever.

Grupo dos Técnicos/Profissionais

Este grupo ficou constituído por 8 Profissionais/Técnicos, com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos, sendo 2 Técnicas do Lar de Idosos, 1 Animadora Socio - Cultural e 1

Terapeuta Ocupacional, por 3 Técnicas do Centro de Formação Profissional, 1 Psicóloga, 1 Técnica de Serviço Social e 1 Educadora Social e 1 Monitora do Lar de Crianças. Os outros 2 Técnicos embora façam parte do Centro de Formação Profissional, não desempenham tarefas diretamente com os jovens.

Grupo dos Diretores

Este grupo ficou constituído por 4 Diretores, sendo 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, sendo representado pela Direção Geral, Direção do Lar de Crianças, Lar dos Idosos e Centro de Formação Profissional.

5.2 Focus Group

Optámos por uma abordagem qualitativa, grupo focal, de forma a contribuir para a compreensão dos sentimentos, perceções e atitudes sobre o tema deste trabalho.

Krueger (1994, citado por Arsenault e Beedy, 1999) define o grupo focal, como sendo uma discussão devidamente planeada, e desenhada para obter as perceções de um determinado grupo sobre uma área de interesse definida («foco»).

Segundo Morgan (1998), trata-se de um método rápido e de baixo custo, que requer um profissional, o Moderador, sendo normalmente uma pessoa ativa desde o início do projeto, escrevendo as questões de entrevista, moderando o grupo e analisando e escrevendo os resultados.

O mesmo autor identificou quatro finalidades para a utilização de grupos focais, no desenho de um Projeto: Definição da Problemática; Planificação; Implementação e Avaliação. No que diz respeito às limitações que podemos encontrar na aplicação dos grupos focais remetem-nos para questões de clareza na construção das perguntas, constrangimentos culturais e constrangimentos ao nível da língua.

5.3 Instrumento

O Focus Group foi de tipo semi – estruturado, ou seja, apresentou um guia estruturado de temas/dimensões, através de técnica não diretiva (perguntas abertas) para proporcionar o diálogo e uma discussão flexível entre os participantes. O guião utilizado para o focus group é constituído por 8-9 questões (Ver Anexo E) e tem como objetivo responder a quatro dimensões que estão representadas nas variáveis do Modelo Teórico de Processo, a que se

pretende analisar através deste Diagnóstico de Necessidades: 1º Idadismo entre as crianças/jovens em risco e pessoas idosas; 2º Auto – Conceito e Auto – Estima nas crianças/jovens em risco e pessoas idosas; 3º Contacto Intergeracional; 4º Sentimentos de Bem- Estar nas crianças/jovens em risco e nas pessoas idosas. Incluiu-se ainda uma questão relativa às Atitudes face às atividades intergeracionais, porque este pode ser um determinante importante para a participação numa eventual atividade futura.

Foram então englobados, no guião, questões de discussão relativas às quatro dimensões, como se apresenta no quadro abaixo:

Quadro 2. Construção dos Guiões de Focus Group

Temas/ Dimensões	Exemplos de Questões dos Guiões Focus Group
Idadismo entre as crianças/jovens em risco e as pessoas idosas	Como é a vossa relação com as pessoas idosas? (Crianças) Como são as pessoas idosas? (Jovens)
Auto – conceito e Auto – Estima nas crianças e jovens em risco e nas pessoas idosas	Como é que vocês são? Como são as crianças? (Crianças) O que gostas mais em ti? O que gostas menos em ti? (Jovens)
Contacto Intergeracional	Costumam estar com as pessoas idosas? (Crianças)
Sentimentos de Bem – Estar nas crianças/jovens em risco e nas pessoas idosas	O que vos faz sentir bem? O que poderia ser feito para se sentirem melhor? (Jovens)

Para além destes exemplos de questões dos Guiões de Focus Group, inclui-se ainda uma questão relativa às Atitudes face às atividades intergeracionais (e.g. “Gostavam de fazer atividades com os idosos? ”) (Ver Guiões em Anexo E)

Realça-se que neste âmbito, estas áreas referem-se apenas ao contexto da Aldeia de Santa Isabel.

Devido à sua pertinência, existiam ainda dois tópicos a focar, como o local e o tipo de atividades que se poderiam vir a realizar entre as crianças/jovens e as pessoas idosas.

Há ainda que referir que se adequou a linguagem utilizada na formulação das questões à idade e grupo de participantes, na medida em que temos cinco populações distintas

(Crianças, Jovens, Pessoas Idosas, Técnicos, Diretores). Tivemos também em atenção os participantes com menos escolaridade, as crianças e as pessoas idosas analfabetas, que não sabiam ler, nem escrever. Usámos como base um estudo que teve como objetivo conhecer como as crianças institucionalizadas descrevem o seu modo de vida, através de Focus Group do qual foi construído um Jogo da Verdade. O Jogo da Verdade consistia numa atividade que utiliza um tabuleiro forrado com uma seta e um dado com seis faces, cada um com um tema. A direção da seta do tabuleiro indicava o tema e quem iria falar sobre o tema (Freitas, 2010). O nosso Guião do Focus Group foi adaptado e apresentado como um Jogo, um Jogo de Perguntas. Cada uma das perguntas estava escrita num papelinho, cada um dos participantes tirava ao acaso um papelinho e lia a pergunta para todos responderem até se passar para a próxima pergunta (Ver exemplo de 2 perguntas - Jogo de Perguntas dos Jovens no Anexo F).

5.4 Procedimento

Após a revisão de Literatura, construção do Modelo Teórico de Processo e definição de objetivos, o passo seguinte da presente investigação consistiu na elaboração do guião de entrevista do focus group. A Seleção dos participantes foi intencional, realizada com o auxílio dos Diretores e Técnicos de cada uma das Valências, que indicaram quem poderiam ser os participantes, de acordo com os critérios de inclusão e de exclusão do estudo. Critérios de Inclusão: crianças, jovens e pessoas idosas beneficiários da Aldeia de Santa Isabel, que manifestem o desejo de participar no estudo. Critérios de Exclusão: Crianças, Jovens e pessoas idosas portadores de necessidades especiais que envolvam deficit cognitivo/físico/mental que impossibilitem de participar nos Focus Group.

Os focus groups foram realizados nas instalações da Aldeia de Santa Isabel, tendo-se garantido sempre as condições logísticas apropriadas. A sua duração variou entre quarenta e cinco minutos e uma hora e o número de participantes entre 4 e 8 crianças/jovens, pessoas idosas, técnicos e diretores. Os focus groups foram realizados pela moderadora, que se envolveu na dinâmica, colocando as questões, incentivando e fomentando a participação de todos os participantes.

Adicionalmente, garantimos aos participantes que os dados fornecidos seriam confidenciais. Além disso, embora a selecção dos participantes tenha sido realizada pela própria instituição, a análise e apresentação dos dados foram efectuadas de forma a não revelar a autoria de cada ideia ou comentário pessoal. Foi ainda pedido o consentimento

informado (Ver Anexo G) dos participantes, para decidirem a sua participação e gravação dos focus groups, que foram, posteriormente, transcritos e analisados.

Para a análise dos Focus Group foi utilizado o método de Análise de Discurso, por ser considerado o método de análise mais adequado e utilizado na Psicologia Discursiva para os Focus Group, segundo Lyons & Coyle (2007). O conceito de repertório interpretativo, originalmente definido por Potter e Wetherell (1987) revela-se como o operador analítico dos discursos, referindo-se a padrões de linguagem consistentemente usados a propósito de determinados fenómenos, domínios ou atividades, traduz-se no conjunto de termos, recursos estilísticos e construções gramaticais portadores de sentidos particularmente associados ao objeto do discurso e perceptíveis nos contextos mais amplos de interação dos indivíduos e grupos que os produzem. A Análise de Discurso foi realizada com base nos passos propostos por Potter e Wetherell (1987) e que se adequam à realização de Focus Group – 1) formulação de questões; 2) seleção da amostra; 3) realização dos Focus Group; 4) transcrição; 5) codificação; 6) análise; 7) validação; e 8) conceção do relatório/resultados.

Assim, apresentamos em seguida o procedimento adotado para esta análise em cada passo referido anteriormente:

- 1) Formulação de questões: as questões formuladas no Focus Group são as questões formuladas a partir das 4 dimensões representadas no Modelo Teórico de Processo, que se pretende analisar, como se encontram referidas anteriormente.
- 2) Seleção da amostra: esta amostra foi selecionada por se considerar importante a opinião tanto das crianças, dos jovens, das pessoas idosas, assim como, dos Técnicos e Diretores. O Grupo dos Diretores, teve um papel fundamental na formação de todos os grupos participantes (crianças, jovens, pessoas idosas e profissionais/técnicos), que resultaram de um processo desenvolvido numa estreita articulação com o grupo dos Diretores.
- 3) Realização dos Focus Group: foi feita uma marcação antecedente com os Diretores de cada uma das Valências para a realização dos 5 Focus Group com os participantes da instituição. A realização foi efetuada em momentos diferentes, sendo que, num primeiro momento ocorreram os Focus Group com as crianças, jovens e pessoas idosas, num segundo momento, passado 8 dias, o Focus Group com os Técnicos e por fim, um terceiro momento, passado cerca de 1 mês, o Focus Group com os Diretores.

4) Transcrição: com a permissão dos participantes, as conversas foram registadas através de um gravador áudio e posteriormente transcritas para análise (Ver Anexo H). De acordo com Lyons & Coyle (2007), o nível de transcrição é inicialmente determinado pelo nível de análise que se pretende, pode estar mais centrado na organização e estrutura do discurso ou apenas no conteúdo do discurso. Neste trabalho, iremos centrar-nos no conteúdo do discurso e como tal, iremos adotar um método de transcrição Foucauldian, que estará menos preocupado com os detalhes do discurso e mais concentrado em identificar as características macro – textuais do discurso, o que implica uma transcrição com menor detalhe.

5) Codificação: a codificação do texto foi pré definida através das dimensões que identificámos anteriormente (Idadismo entre as crianças/jovens e pessoas idosas; Auto – Conceito e Auto – Estima nas crianças/jovens em risco e pessoas idosas; Contacto Intergeracional; Sentimentos de Bem- Estar nas crianças/jovens e nas pessoas idosas e Atitudes face às atividades intergeracionais), sendo isto facilitado pela existência de perguntas do guião específicas a responder a cada uma destas categorias (Quadro 2).

6) Análise: a análise foi realizada através da identificação de padrões de resposta às categorias (tendo em conta a variabilidade da linguagem e consistência) e de funções do discurso (Potter e Wetherell, 1987). Baseamo-nos ainda em Widdicombe (1993) para fundamentar a nossa atenção nas expressões utilizadas e na forma como os sujeitos utilizam a linguagem para descrever as situações, dando-nos muitas vezes resposta às nossas questões. Para isso apresentamos no corpo deste trabalho pequenos excertos que exemplificam as nossas conclusões. Enfatizamos as ideias dos participantes, dando uma explicação sobre as interpretações sugeridas.

7) Validação: a validação da análise de discurso é realizada através de: a) coerência – encontro de padrões no quadro geral do texto, revendo se existem “pontas soltas” ou casos desviantes (Potter, 1996; Potter e Wetherell, 1987); e b) orientação da fala dos sujeitos, tendo em conta aquilo que estes acham que é consistente e diferente, originando um relatório organizado e coerente ou, pelo contrário, incoerente ao longo de toda a conversa (Potter e Wetherell, 1987).

8) Conceção do relatório/resultados: os resultados serão apresentados a partir das quatro perguntas de partida supracitadas, visto que são as nossas categorias.

O procedimento apresentado aqui é aquele que é referenciado como sendo o que mais se aproxima de uma análise de discurso analítica, por privilegiar a importância das respostas diretas que os participantes levantam acerca de determinados assuntos, tentando averiguar uma coerência de significados. De acordo com Gill (2004), a análise de discurso não é nada mais do que uma interpretação dos dados estudados, que requer “uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso” (p. 266).



V. RESULTADOS

Aldeia de Santa Isabel

Os Resultados seguintes serão apresentados de acordo com as nossas Dimensões/Categorias. Em cada uma das Dimensões, os resultados estarão divididos pelo grupo de participantes (crianças, jovens, pessoas idosas, técnicos e diretores).

6.1 Idadismo entre as crianças, os jovens em risco e as pessoas idosas

Crianças

Existe uma concordância nas respostas das crianças, estas referiram que o contacto com as pessoas idosas acontece muito raramente, ocorrendo primordialmente em festas. Como tal, não foi possível para as crianças caracterizar a sua relação com as pessoas idosas.

Em relação às pessoas idosas, apenas uma criança conseguiu responder à pergunta “Como é que são os idosos?”, surgindo nesta resposta crenças negativas relativamente às pessoas idosas, com características de desânimo, de inutilidade e incapacidade ao contrário das pessoas adultas em que lhes é atribuído um estatuto de pessoas em vida ativa, em termos profissionais, pessoais e parentais na educação dos filhos.

EXCERTO 1:

Se for já idoso, as pessoas já não têm a noção do que estão aqui a fazer, perdem os sentidos, perdem a vida, estão cá para ocupar espaço. Pessoas assim adultos, muitas têm

filhos, o seu papel é só educar, transmitir aquilo que lhes transmitiram, têm o seu trabalho para se conseguirem a si e aos seus filhos e às suas famílias. Já são independentes, já podem fazer aquilo que querem. Acho que é isso (Criança 4).

Jovens

Tendo em conta que o contacto com as pessoas idosas acontece de forma ocasional ou nas datas comemorativas, não é possível caracterizar a relação entre os jovens e as pessoas idosas.

EXCERTO 2:

Não há relação. Eles estão no canto deles (Jovem 3).

Em relação às pessoas idosas, a maioria dos jovens consideram que as pessoas idosas, apesar de serem pessoas com muitos anos e de muita sabedoria, não aceitam a geração dos jovens e criticam-nos. Como tal, existem manifestações de idadeísmo da parte dos jovens em relação às pessoas idosas, que iremos discutir em maior detalhe na Discussão.

EXCERTO 3:

São pessoas com muitos anos (Jovem 3).

EXCERTO 4:

Com muita sabedoria (Jovem 5).

EXCERTO 5:

São gerações diferentes. Não gostam muita coisa que nós fazemos, criticam. Mas há muitos idosos que compreendem (Jovem 7).

EXCERTO 6:

Com maneira de pensar completamente diferente, porque já viveram. São pessoas que odeiam tudo da nova geração, é isto que eu acho (Jovem 3).

EXCERTO 7:

Acabavam com a nossa raça (Jovem 6).

Pessoas Idosas

O contacto entre as pessoas idosas e as crianças/jovens ocorre ocasionalmente nas Festas ou quando se cruzam em alguns espaços da Aldeia de Santa Isabel. Por este motivo, não lhes é possível caracterizar a relação das pessoas idosas com as crianças e os jovens. No entanto, todas as pessoas idosas atribuem características positivas às crianças, à exceção de uma pessoa idosa que atribui características negativas não às crianças, mas aos jovens, revelando a existência de crenças, estereótipos e comportamentos idadistas, que iremos explicar mais adiante na Discussão.

EXCERTO 8

Eu acho que as crianças são muito alegres, muito expressivas e quando veem ter comigo, dão-me um beijinho e perguntam Então estás bem? (...) Com os jovens já é mais diferente, eles falam comigo, perguntam se eu estou bem e às vezes alguns dos jovens gostam de me ajudar, quando eu saio do refeitório eles ajudam-me a vir até aqui ao Lar (Idoso 5).

EXCERTO 9

Para mim são educados, têm-me respeitado sempre (Idoso 4).

EXCERTO 10:

As crianças são amáveis, agora os Jovens são um bocado brutos, da raça negra, não tenho nada contra eles, mas são mal criados, ordinários mesmo uns com os outros e já me têm chamado velho e eu às vezes olho para eles e eles encolhem-se, ainda no outro dia passei por 2 que iam a fumar droga. Disseram o que é que tu queres ó velho (Idoso 1).

EXCERTO 11:

São todos maravilhosos, estou aqui há 4 anos, nunca ninguém me faltou ao respeito (Idoso 6).

Técnicos

Os Técnicos consideram que até poderia haver preconceito em relação às pessoas idosas, de acordo com o preconceito que se sente na sociedade em geral e pelas características

dos jovens da Formação, mas que de acordo com a sua opinião na Aldeia de Santa Isabel não existe preconceito entre os jovens e as pessoas idosas. Referem que o contacto e a primeira interação que existe entre as pessoas idosas e os jovens, principalmente dos Cursos de Cabeleireiro e Corte e Confeção, é positivo, os jovens conhecem os nomes e cumprimentam as pessoas idosas. O contacto entre as pessoas idosas e os jovens dos Cursos de Carpintaria e Eletricidade, que vão pontualmente ao Lar também é positivo.

EXCERTO 12:

Eu noto que as nossas Costureiras conhecem o nome dos vossos idosos de cor, conhecem-nos a quase todos, pelo menos os mais autónomos. Portanto eu acho que isso é uma coisa positiva (Técnico 4).

EXCERTO 13:

(...) Eu até agora desde que aqui estou ainda não ouvi uma única história de um jovem nosso faltar ao respeito a um idoso (Técnico 3).

EXCERTO 14:

(...) Acho que poderia haver um preconceito na sociedade em geral em relação aos mais velhos, porque fazem menos, produzem menos. Poderá haver esse preconceito. Aqui na nossa dinâmica da Aldeia não se sente tanto isso, embora nós podemos fazer muito mais daquilo que fazemos em termos de atividades, mas não se sente tanto isso, porque eles estão de uma forma ou de outra habituados a empurrar cadeirinhas a arranjar o cabelo ou a roupa dos idosos (Técnico 4).

Diretores

Existe uma concordância nas respostas dos Diretores de que poderá existir um certo preconceito em relação à raça ou em termos das funções que exerciam anteriormente, mas em termos das gerações não é notório. Nas Festas os jovens às vezes ajudam as pessoas idosas por iniciativa própria. Colocaram agora em marcha um novo Projeto que inclui visitas entre os Lares das Crianças e dos Idosos, que vem reforçar a interação e as relações entre eles.

EXCERTO 15:

É natural que se calhar, se aparecer, nós temos N formandos que são de cor negra, que haja algum preconceito em relação a essa questão da cor (Diretor 1).

EXCERTO 16:

Eles às vezes oferecem-se, às vezes somos nós que pedimos, mas outras vezes são eles que se oferecem (...)..., por exemplo de haver negros, não é por serem Formandos, porque se calhar lá no Lar algum deles é capaz de dizer, és um preto e são da mesma idade. É mais cultural, mas não exatamente em termos de idade, mas achar que há uma data de tempo uns tinham uma função, outros tinham outra, não propriamente em relação as gerações (Diretor 3).

6.2 Auto – Conceito e Auto – estima nas crianças/jovens em risco e nas pessoas idosas

Crianças

A maioria das crianças revelou dificuldades em descreverem-se a elas próprias, respondendo apenas que são crianças normais.

As crianças referem características maioritariamente negativas acerca umas das outras e o comportamento desadequado, é a característica mais apontada pelas crianças.

EXCERTO 17:

Sou um bocadinho teimosa, às vezes sou mal educada. (...) E sou uma menina calma (Criança 3).

EXCERTO 18:

Uns têm defeitos, outras não, outras fazem xixi na cama (Criança 2).

EXCERTO 19:

Uns tiram macacos no nariz (Criança 1).

EXCERTO 20:

As crianças são um bocado mal-educadas, nunca estão satisfeitas com nada, não sabem estar num sítio, precisam sempre de mais e aquilo não lhes chega. Acabam por não ter um comportamento adequado para aquela certa idade (Criança 4).

Em relação à auto – estima, as crianças tiveram alguma dificuldade em referir o que mais gostam e menos gostam nelas próprias, foram incentivados pela moderadora a referirem características umas das outras. Surgiram características positivas e negativas.

EXCERTO 21:

Sou simpática, sensível. E o que tu gostas menos? Quando sou mal-educada. (...) Eu nada (Criança 3).

EXCERTO 22:

É um bocado responsável (...) É influenciável, (...) É bem comportado, na minha opinião é o que se porta melhor no meio de tanta gente. Até agora sim (Criança 4).

EXCERTO 23:

Ele para nos fazer rir no quarto é melhor não dizer isto. Dá puns. Ya e dá arrotos (Criança 2).

Jovens

Todos os jovens utilizam características negativas para descreverem os jovens, surgindo apenas uma característica positiva.

EXCERTO 24:

Impacientes (Jovem 7).

EXCERTO 25:

Maus (Jovem 3).

EXCERTO 26:

Mal-educados (Jovem 2).

EXCERTO 27:

Românticos (Jovem 5).

EXCERTO 28:

Os jovens são rebeldes. (...) Criminosos (Jovem 6).

Acerca da auto – estima, a maioria dos jovens disse que aquilo que mais gostam em si próprios é a sua maneira de ser, serem amigos. Do grupo apenas, três dos jovens apresentaram outras características diferentes.

EXCERTO 29:

Da minha maneira (Jovem 4).

EXCERTO 30:

Já disse tudo. A minha maneira de ser. Sou um bom rapaz (Jovem 5).

EXCERTO 31:

Não sei explicar. Sou amigo (Jovem 6).

EXCERTO 32:

Eu gosto da minha profissão. (...) Às vezes não sou grato para as pessoas (Jovem 1).

EXCERTO 33:

Dignidade e Frontalidade (Jovem 2).

EXCERTO 34:

Sou respeitadora, sei estar. (...) Sou teimosa e já chega (Jovem 7).

Pessoas Idosas

A maioria das pessoas idosas apresentaram características positivas e negativas para descrever as pessoas idosas do Lar.

EXCERTO 35

Eu noto aqui umas grandes diferenças, entre nós, os utentes do próprio lar, muito agressivos e não respeitam, não dizem obrigado quando a gente quer tentar facilitar a vida a alguns e outros são mais simpáticos (Idoso 1).

EXCERTO 36

É a mesma. Há uns mais calmos que outros (Idoso 2).

EXCERTO 37

São todos maravilhosos, estou aqui há 4 anos, nunca ninguém me faltou ao respeito (Idoso 6).

Em relação à auto – estima, todas as pessoas idosas de uma forma geral conseguiram descrever-se a eles próprios com características positivas e negativas, embora muitos deles tenham frisado que não gostam dos conflitos e desentendimentos que ocorrem no convívio com os residentes do Lar.

EXCERTO 38

Gosto de me isolar, embora goste de convívio. Gosto de tudo, mas como às vezes o convívio lá em baixo na sala não é aquele convívio que nós gostaríamos de ter. Idosa 2: E o que gosta menos? Das confusões (Idoso 1).

EXCERTO 39

Eu gostava que nos dêssemos bem uns com os outros, não haver barulho, nem discussões, (...) Sou caladinha, sou de pouca conversa. Gosto de sossego (Idoso 3).

EXCERTO 40

Ele é uma pessoa muito prestável, muito simpático e muito educado (Idoso 5).

Técnicos

Os Técnicos em relação aos jovens referem que estes estão muito centrados neles próprios, nos seus problemas, nas suas dificuldades e nas suas dinâmicas do dia-a-dia. Os jovens são descritos por uma baixa auto – crítica, fazem uma avaliação de si próprios acima daquilo que caracteriza as suas atitudes e comportamentos, enquanto formandos. Em relação a auto – estima, os Técnicos referem que tanto as crianças, como os jovens têm uma baixa auto – estima.

EXCERTO 41

Eles (Pessoas Idosas) estão sempre muito centrados neles próprios, acreditam que são muito solidários e querem ajudar muito o outro, mas na realidade não é assim (Técnico 2).

EXCERTO 42

Eles (Jovens) acham-se muito mais do que aquilo que cumprem. (...) Mas depois é preciso confrontá-los com a realidade, depois aqueles que começam a desenvolver a auto – crítica (Técnico 3).

Os Técnicos referem que, tal como os jovens, as pessoas idosas também estão muito centrados neles próprios, nos seus problemas, nas suas dificuldades e nas suas dinâmicas do dia-a-dia. Os Técnicos referem que as pessoas idosas revelam uma baixa auto estima e não revelam entre ajuda e solidariedade. Contudo, no Lar estão algumas pessoas idosas a partir dos 50 – 60 anos, que têm aptidões e por isso não têm uma auto – estima assim tão baixa.

EXCERTO 43

Relativamente às nossas crianças, jovens e idosos a norma será uma auto estima baixa (Técnico 4).

EXCERTO 44

Também temos ali pessoas com 50 – 60 anos que sabem fazer trabalhos manuais e têm ali algumas aptidões para, por isso também é que não têm assim uma baixa auto estima conseguem ainda fazer algumas coisas por eles. Uns têm menos outros têm mais (Técnico 1).

Diretores

No caso das crianças, estas são retiradas às famílias e a maioria das vezes sentem-se responsabilizadas por esta situação. Como tal, a sua imagem e auto – estima são negativas.

EXCERTO 45

Muitas vezes eles não conseguem entender, eles é que estavam mal e foram retirados porque, normalmente quem é que são castigados, as crianças. A família está mal, mas são eles que são castigados (Diretor 2).

EXCERTO 46

Sim, por isso a auto – estima não é a melhor, a forma como eles se vêem, têm uma perceção negativa (Diretor 2).

No caso dos jovens, que são jovens de risco provenientes de famílias desestruturadas de bairros sociais, com elevado absentismo escolar, com uma imagem de delinquência ou pré-delinquência. Faz parte do trabalho da equipa técnica a alteração tanto da imagem, como da auto – estima dos jovens.

EXCERTO 47

Agora os Formandos, como sabe são jovens de risco, que vêm de situações complicadas de vida, de famílias também complicadas, com um absentismo escolar bastante elevado. (...) Há aqui uma espécie de desabrochar, que é difícil para nós e têm de ser muito motivados, nós é que temos de motivá-los para esse desabrochamento, também da imagem que eles têm, da imagem de delinquência que muitos deles são pré - delinquentes. Nós queremos que eles tenham uma imagem e uma auto – estima completamente diferente daquela de quando eles cá chegaram e isso tem de ser mais trabalhado (Diretor 1).

EXCERTO 48

Alguns deles têm a auto – estima muito em baixo, alguns deles e depois aqui tentam ser os maiores, porque vêm para um sítio protegido (Diretor 4).

Os Diretores em relação às pessoas idosas consideram que no caso dos idosos é difícil a sua integração no Lar, podendo sentir-se infelizes e fecharem-se mais neles próprios, o que

poderá estar relacionado também com os seus problemas de saúde. Alguns deles veem-se a eles próprios pelas profissões que tinham e pelo contributo que podem dar à Aldeia de Santa Isabel.

EXCERTO 49

Quando eles veem, penso que mais na situação dos idosos (...) às vezes leva-os a que eles se fechem e que só passado algum tempo é que comecem a perceber a dinâmica da Aldeia (Diretor 1).

EXCERTO 50

Os idosos podem viver nas piores condições, mas é o cantinho deles, portanto a integração é sempre muito difícil, muito, muito. Eles sentem isto, como o final da linha (Diretor 3).

EXCERTO 51

Alguns deles veem a eles próprios um bocadinho daquilo que eram, das profissões que tinham. Por exemplo o Sr. .. agora é agora um agricultor de alta escala (Diretor 1).

6.3 Contacto Intergeracional

Crianças

Existe uma concordância nas respostas das crianças, estas referiram que o contacto com as pessoas idosas acontece muito raramente, ocorrendo primordialmente em Festas.

EXCERTO 52

Mais ou menos. Às vezes vamos lá, mas quase nunca (Criança 2).

EXCERTO 53

Só quando temos festas e isso tudo (Criança 3).

EXCERTO 54

Não (Criança 1).

Jovens

Verifica-se uma unanimidade em relação ao contacto com as pessoas idosas, que ocorre de forma ocasional, quando se cruzam ou nas Datas Comemorativas.

EXCERTO 55

Eles estão trancados (Jovem 8)

EXCERTO 56

Eles estão lá dentro, não saem (Jovem 5).

EXCERTO 57

O máximo que digo é bom dia, boa tarde (Jovem 1).

EXCERTO 58

Só nas Festas (Jovem 3).

Pessoas Idosas

Todas as pessoas idosas referem que o contacto com as crianças e jovens é ocasional, ocorrendo apenas nas Festas e quando se cruzam com eles, cumprimentam, conversam um bocadinho, no Refeitório, perto da igreja ou na horta.

EXCERTO 59

Aqui no Lar só tive uma vez com os jovens, no Natal, em que eu fiz de Pai Natal num pequeno Teatro com eles (Idoso 1).

EXCERTO 60

Quando me veem Olha o Sr. ..., veem ter comigo à horta, a perguntar isto e aquilo (Idoso 4).

EXCERTO 61

Quando eu vou ao refeitório, eles cumprimentam-me sempre e perguntam se eu estou bem (Idoso 5).

EXCERTO 62

Quando vou dar uma volta pelo portão, passo pela igreja, eles estão ali de patins, eu falo com eles, jogarem à bola, isso tudo e falo com eles (Idoso 3).

Técnicos

Os Técnicos referem que o contacto que existe entre as gerações acontece nos momentos formalmente planeados pela Aldeia de Santa Isabel, almoços, festas, missas ou quando se cruzam ocasionalmente, nomeadamente à hora de almoço na cafetaria ou nos cursos de corte e confeção e cabeleireiro, no caso dos jovens e das pessoas idosas. De certa forma, os Técnicos consideram que existe um maior contacto entre as pessoas idosas e os jovens, do que com as crianças do Lar.

EXCERTO 63

Quando há formalmente momentos criados pela própria aldeia. Festas, Almoços, as Missas. Natal, Carnaval. O Final de Ano (Técnico 3).

EXCERTO 64

Encontram-se muitas vezes ali à hora do almoço, portanto os nossos idosos acabam por conviver mais ainda com os Formandos, do que com as crianças do Lar (Técnico 1).

EXCERTO 65

Sem ser nas Festas programadas, o contacto pode ser diário, mas não é formal. É de passagem, é no intervalo. É quando se cumprimentam (Técnico 4).

Diretores

O Contacto intergeracional entre as crianças, jovens e pessoas idosas vai acontecendo cada vez mais, sendo a intergeracionalidade uma preocupação não só da própria Direção, mas também da Aldeia de Santa Isabel.

EXCERTO 66

A frequência acontece cada vez mais (Diretor 2).

6.4 Sentimentos de Bem – Estar

Crianças

Houve uma resistência inicial por parte das crianças em falar sobre aquilo que lhes poderia trazer bem-estar. Surgiu a questão da educação e do comportamento, parecendo ser uma preocupação vincada nestas crianças. As crianças manifestaram um desejo de maior liberdade, que lhes possibilitasse uma maior aproximação e um regresso às suas famílias.

EXCERTO 67

A mim não me faz nada (Criança 1).

EXCERTO 68

Gosto de estar aqui, dos Educadores que trabalham cá. Não preciso de mais nada já estou bem (Criança 3).

EXCERTO 69

Sermos todos bem-educados (Criança 3).

EXCERTO 70

Parar de fazer xixi na cama algumas pessoas (Criança 2).

EXCERTO 71

Este quer ir para casa do pai. Este quer ir para casa da mãe (Criança 1).

EXCERTO 72

Nós temos todos visitas, menos alguns que estão cá (Criança 3).

EXCERTO 73

Ela tem visitas e às vezes vai para casa do pai (Criança 2).

EXCERTO 74

Eu já disse ficar com a minha mãe, ponto final parágrafo (Criança 2).

Jovens

A maioria dos jovens relativamente aquilo que lhe podia acontecer para se sentirem melhor, manifestam um desejo de maior liberdade para saírem do Centro de Formação na hora de almoço, haver mais atividades desportivas em grupo, terem uma melhor alimentação. Um dos jovens revela interesse em realizar eventos para mostrar o trabalho da sua oficina de Cozinha.

EXCERTO 75

Podemos sair à hora de almoço. Organizarem mais torneios turma contra turma (Jovem 3).

EXCERTO 76

Corta – matos, ténis, basket, corridas de bicicleta, corrida normal, tiro ao alvo, corrida de estafeta. Muitas ideias. Sprint, resistência e mais nada (Jovem 3).

EXCERTO 77

Mais Liberdade, isto parece uma prisão (Jovem 6).

EXCERTO 78

No meu caso como sou de cozinha, acho que devíamos fazer mais eventos para os alunos para mostrar aquilo que fazemos. (...) acho que nós podíamos apresentar o nosso trabalho e não ficar só na nossa oficina (Jovem 1).

EXCERTO 79

Não sei. Mudarem-nos para o refeitório e termos uma alimentação de jeito (Jovem 7).

Pessoas Idosas

As pessoas idosas referem que aquilo que podia acontecer para se sentirem melhor, seria melhorar as relações entre os residentes do lar, existindo um maior entendimento, tolerância, respeito e entre ajuda. É também referida a vontade de trabalhar ou voltar a exercer

funções e tarefas, exercidas anteriormente, tendo em conta as limitações atuais inerentes aos problemas de saúde. O desejo de proximidade da família e de encontrar uma companheira/namorada também são mencionados pelas pessoas idosas.

EXCERTO 80

O que podia ser feito, é o que eu digo, é sermos uma família, darem todos bem uns com os outros (Idoso 1).

EXCERTO 81

Não há respeito uns pelos outros (Idoso 6).

EXCERTO 82

Se eu tivesse noutra situação, eu gostava de continuar a fazer o que eu fazia. Por exemplo eu era voluntária, trabalhava como voluntária num infantário (Idoso 5).

EXCERTO 83

O que eu gostava para me sentir melhor era estar perto da minha filha (Idoso 6).

EXCERTO 84

A não ser que me saísse o Euro milhões, (...) Nessa altura eu arranjava uma garota nova (Idoso 4).

Técnicos

Os Técnicos acerca daquilo que poderia trazer bem - estar para as crianças, apesar de haver contacto com os jovens e as pessoas idosas, seria benéfico a criação de laços afetivos com as pessoas fora do Lar.

EXCERTO 85

Eu acho que devia ser trabalhado mais essa humanização e a criação de laços afetivos mais vinculados. Com o exterior e com a comunidade. Sim. Para eles (crianças) sentirem um grupo de pertença aqui na Aldeia, eu acho que eles não sentem isso (Técnico 6).

Para os jovens, as atividades desportivas em grupo, a interiorização das regras de forma inovadora e criativa.

EXCERTO 86

Sim. Desporto. Sei que eles (jovens) gostam (Técnico 4).

EXCERTO 87

Nós sermos mais criativos na forma como trabalhamos a interiorização das regras (jovens). É um trabalho que nós podemos desenvolver melhor, enquanto adultos, Técnicos, Pedagogos, Mestres, Formadores, Educadores (Técnico 3).

Para as pessoas idosas, referem a satisfação das necessidades básicas e a necessidade de atenção, o contacto e as conversas com as pessoas fora do Lar.

EXCERTO 88

É um bocadinho pela satisfação e também pela atenção que lhes é dada, porque eles (pessoas idosas) gostam muito de atenção e às vezes os pequenos momentos de atenção fazem o seu dia (Técnico 2).

Diretores

Os Diretores referem que aquilo que poderia ajudar a melhorar o bem – estar das crianças, jovens e pessoas idosas seria aumentar os recursos humanos para trabalhar com eles. Os Diretores reconhecem que aquilo que os deixaria mais felizes, com os jovens fazer mais visitas de estudo, com as pessoas idosas mais passeios ao exterior, com as crianças mais colónias de férias e mais Festas para todos, no entanto surgem algumas limitações das próprias programações e do funcionamento de cada valência, bem como da própria Instituição.

EXCERTO 89

Poderíamos ter mais recursos humanos, ajudavam a melhorar o bem-estar dos jovens, das crianças do Lar, como no Lar de Idosos (Diretor 2).

EXCERTO 90

São limitações que vêm de todo o lado e inerentes ao próprio funcionamento dos Lares e ao Centro de Formação, por exemplo nós gostávamos de cada vez mais andar com os jovens a fazer visitas de estudo, mas não podemos andar todos os dias a fazer visitas de estudo. Gostávamos muito de andar com os idosos a fazer passeios, não podemos (Diretor 1).

Da parte do Lar das crianças, pretende-se que houvesse mais visitas da parte das famílias, na medida em que todas as crianças do lar desejam ter uma família.

Da parte da Formação Profissional pretende-se a realização de um trabalho, não só com o formando, mas também com a família deste.

EXCERTO 91

Não há nenhuma criança naquele Lar que não queira uma família, por mais que eles sejam bem tratados no Lar, eles querem sempre uma família (Diretor 2).

EXCERTO 92

Ao nível da Formação não é por acaso que nós temos uma equipa multidisciplinar, que trabalha centrada no formando e também na própria família do formando, portanto nós não nos preocupamos só com a felicidade do formando, mas também com o bem-estar da própria família dele (Diretor 1).

EXCERTO 93

Ao nível dos Lares, o que é que nós pretendemos, que houvesse mais vistas das partes das famílias (Diretor 1).

As pessoas idosas poderiam sentir-se melhor, se tivessem mais visitas por parte das famílias, se houvesse mais recursos humanos para trabalhar com eles, terem mais atenção, serem mais tolerantes e respeitarem mais os outros e as diferenças de cada um. Algumas pessoas idosas preferem estar mais isolados, mas nesta valência as atividades intergeracionais poderiam servir para as pessoas idosas perceberem que para eles é mais benéfico estar em interação do que estar isolado e fechado sobre si próprio.

EXCERTO 94

Se há muitos a família não se coloca porque não existe, há outros que existindo nunca os veem visitar (Diretor 3).

EXCERTO 95

O grau de tolerância é muito baixo, cada um tem a sua forma de ver as coisas, os seus hábitos e não gostam de ser mudados (Diretor 1).

EXCERTO 96

Eles queriam era estar no cantinho deles, que ninguém os chateasse. Não é fácil. Acho que daí estas atividades, a Aldeia torna-se mais intergeracional, é isso que se tem feito, é uma forma até dos idosos perceberem que têm mais a ganhar se estiverem nesta interação, do que se estiverem isolados (Diretor 2).

6.5 Atitudes face às atividades intergeracionais

Crianças

As respostas das crianças indicam uma certa ambivalência, no entanto sobrepõe-se uma atitude mais positiva relativamente à realização de atividades com as pessoas idosas, sendo que uma das crianças aponta como benefícios para as pessoas idosas, melhorar a saúde física e partilhar as memórias de juventude das pessoas idosas.

EXCERTO 97

Muito mau (Criança 1).

EXCERTO 98

Acho que sim (Criança 2).

EXCERTO 99

Não (Criança 3).

EXCERTO 100

Sim, podemos experimentar (Criança 3).

EXCERTO 101

Eu acho que sim, porque os idosos ficam bué tempo sentados ao sofá e isso tira-lhes estabilidade, perdem e começam a ficar sem movimentação e isso faz mal e é essencial a gente praticarmos sempre alguma coisa física faz bem, é saudável. E faz-lhes lembrar um bocado a sua juventude e isso é bom para eles, acho eu (Criança 4).

O local sugerido para a realização das atividades é o pátio, a Praça da Alegria e a relva. As atividades são o jogo das damas, xadrez, gincana, mikado, burro, jogo da malha.

Jovens

A maioria dos jovens mostra-se apreensiva quanto à realização de atividades com as pessoas idosas, por um lado afirmam claramente que não gostariam de realizar as atividades e por outro referem ser algo que nunca tinham pensado. No entanto, dois jovens dos cursos de Cozinha e Cabeleireiro, interagem com as pessoas idosas e encaram essa interação como uma forma de diminuir a solidão sentida por eles através do diálogo, da partilha de experiências e histórias de vida.

EXCERTO 102

Não. (...) Não lhe vou dizer que não, também não lhe vou dizer que sim, porque nunca houve outra pessoa que pensasse nisso. (...) Nunca pensaram nisso? Crianças no seu lugar. Idosos no seu lugar. (...) Ainda não tinha pensado nisso. Com a minha avó, experimento as comidas boas dela, falo com ela. Agora com estes idosos não os conheço, não temos tema de conversa, vou dizer o quê? (Jovem 3).

EXCERTO 103

Nunca vi nenhum idoso na minha Oficina (Jovem 6).

EXCERTO 104

Eu sou um felizardo porque trabalho com um idoso (...) Eles ficam muito fechados e não falam com ninguém, eu acho que só de nós ouvirmos a história de vida deles, já é alguma coisa (Jovem 1).

EXCERTO 105

No Cabeleireiro as senhoras às quintas-feiras vão arranjar o cabelo, as senhoras ficam a contar a história delas (Jovem 7).

EXCERTO 106

Os idosos vão lá e estão sempre a falar, é porque eles não têm com quem falar, quando encontram quem os ouça (Jovem 1).

O local sugerido para a concretização das atividades é a igreja, no local dos matraquilhos, perto do lago. As atividades são jogos de matraquilhos, cantar e fazer teatro.

Pessoas Idosas

Todas as pessoas idosas mostram uma atitude positiva acerca da realização de atividades intergeracionais, desde que, se necessário, possam ter apoio para se deslocarem pela Aldeia de Santa Isabel.

EXCERTO 107

Eu gostava (Idoso 5).

EXCERTO 108

Eu gostava de fazer, porque eu já fazia antes de vir para aqui, (...) atividades com as crianças, desde que eu me possa deslocar, não me importo (Idoso 1).

EXCERTO 109

A mim é a mesma coisa, desde que eu me possa deslocar (Idoso 2).

O local sugerido para a concretização das atividades é ao pé do café, um parque perto do refeitório e do bar. As atividades são teatro, cerâmica, pintura, trabalhar na horta, croché, tricô.

Técnicos

Os Técnicos mostram uma atitude positiva relativamente à concretização das atividades intergeracionais, estas trariam vantagens para as pessoas da Aldeia de Santa Isabel. Os Técnicos reconhecem que a prática de atividades intergeracionais poderá ajudar a melhorar a auto – estima das crianças, jovens e pessoas idosas, através da partilha de experiências e saberes, conhecimento que ajudam na valorização de cada pessoa. No entanto, são apontadas algumas dificuldades, em conciliar os horários, os jovens que estão ocupados numa dinâmica de aprendizagem, as pessoas idosas que estão no Lar, mas não se sentem motivados para as atividades e as crianças que frequentam a escola.

EXCERTO 110

Para a Instituição sim. A vantagem é diretamente para as pessoas (Técnico 3).

EXCERTO 111

Colocam-se aqui outras questões (...) temos vindo a verificar que às vezes há alguma dificuldade em compatibilizar horários. Isto às vezes não é fácil, porque os jovens estão aqui numa dinâmica de aprendizagem, têm o tempo todo muito cronometrado e os nossos idosos efetivamente estão cá às vezes é a questão da motivação, propriamente dita para as atividades e as crianças passam o dia inteiro fora, estão na escola (Técnico 2).

EXCERTO 112

Não tenho participado, nem sequer observado qualquer tipo de encontro mais regular entre Lar de Idosos por exemplo e Centro de Formação, que é uma coisa que a mim me apetecia muito, mesmo ao nível disciplinar (Técnico 3).

O local sugerido para a concretização das atividades é a Praça da Alegria na hora de almoço. As atividades são os jogos tradicionais, as damas, pinturas na tela, leitura de um conto, ensinar os idosos a ler e a trabalhar nos computadores.

Diretores

Os Diretores referem que já é uma prática corrente na Aldeia de Santa Isabel, que todas as atividades desenvolvidas são direcionadas para todas as valências, embora existam

algumas atividades internas que fazem parte de cada valência. A Festa dos Santos Populares, tal como explicaram, foi exemplo deste espírito intergeracional e um Concurso realizado pelos jovens da Formação Profissional e que este ano, pela primeira vez teve a participação das pessoas idosas e das crianças.

EXCERTO 113

São todas as atividades, em que estão direcionadas para todas as valências, ou seja, não há uma atividade que não inclua as outras valências, a não ser algumas internas (Diretor 1).

EXCERTO 114

Há as específicas, que fazem parte da própria valência (Diretor 2).

EXCERTO 115

Este ano pela primeira vez teve crianças e idosos, teve um dinamismo diferente, até porque (Diretor 3).

O local sugerido para a concretização das atividades é a Praça da Alegria e uma nova praça, o Pátio do Galo, o Ginásio, a zona da borracheira e junto ao café. As atividades nos Santos Populares, Carnaval com baile ou concurso de mascaras. O Dançarte, atividade com música, Concurso de Ortografia.



A Aldeia Santa Isabel percorre o caminho da intergeracionalidade, que envolve vários grupos geracionais com as suas especificidades, condições e estratégias inerentes a um contexto institucional.

Para dar resposta aos nossos objetivos, podemos caracterizar o **contacto intergeracional** entre as crianças, jovens e pessoas idosas, como muito reduzido, ocorrendo de forma ocasional, quando se cruzam em alguns espaços da Aldeia de Santa Isabel ou nas Festas, em datas comemorativas, vejamos por exemplo o Excerto 53 em que a Criança 3 diz “Só quando temos festas e isso tudo”, o Excerto 56 em que o Jovem 5 diz “Eles estão lá dentro, não saem” e o Excerto 59 em que o Idoso 1 diz “Aqui no lar só tive uma vez com os jovens, no Natal, em que eu fiz de Pai Natal num pequeno teatro com eles”. O fato do contacto intergeracional ocorrer com pouca frequência, revela que não existem relações entre as gerações das crianças, jovens em risco e as pessoas idosas.

As valências para as crianças, jovens e pessoas idosas funcionam em instalações independentes, embora pertençam à mesma Instituição e tanto as crianças, como os jovens e as pessoas idosas sentem e expressam o afastamento e distanciamento entre eles. O autor Mahki (2008) faz referência à segmentação etária através de centros específicos para crianças, para jovens e para pessoas idosas. Esta segmentação por grupos etários, por sua vez, pode influenciar as interações e as relações entre gerações, assim como, comprometer as oportunidades de convivência intergeracional e, conseqüentemente, criar ou agravar processos de discriminação e de exclusão social (Andrade, 2002).

Na opinião dos Técnicos e dos Diretores, não existe **idadismo entre as gerações**. Os Técnicos que acompanham e trabalham com as três gerações, de uma forma geral, não se apercebem da existência de conflitos e de comportamentos menos positivos. Na opinião destes, o contacto que existe entre os jovens e as pessoas idosas através dos Cursos de Cabeleireiro, Corte e Confeção é positivo.

No entanto, através de uma análise mais detalhada das intervenções dos participantes, parecem existir manifestações de idadismo, entre as crianças, os jovens e as pessoas idosas, por exemplo, quando as crianças e os jovens empurram as cadeiras ou prestam outro tipo de apoio às pessoas idosas. Os Diretores referem que nas festas os jovens às vezes ajudam as pessoas idosas por iniciativa própria. Esta situação pode ser uma manifestação de idadismo pouco clara, na medida em que os jovens podem ajudar as pessoas idosas por simpatia e boa vontade ou poderá relacionar-se com o fato de quando, nós estamos perante uma pessoa idosa, assumirmos que é mais frágil e quereremos ajudar. Todavia, essa ajuda poderá ser prejudicial a longo prazo para as pessoas idosas, porque de certa forma poderá substituir tarefas ou movimentos que poderiam ser realizados por estes (Marques, 2011).

Outra das manifestações de idadismo, surge na descrição de uma das crianças acerca das pessoas idosas, em que estão presentes crenças e estereótipos em relação às pessoas idosas, através de características negativas de desânimo, de inutilidade e incapacidade, como podemos ver no Excerto 1 quando a criança 4 diz: “Se for já idoso, as pessoas já não têm a noção do que estão aqui a fazer, perdem os sentidos, perdem a vida, estão cá para ocupar espaço (...) Acho que é isso”.

Da parte dos jovens surge na forma como descrevem as pessoas idosas, existindo crenças e estereótipos negativos de que as pessoas idosas não gostam, não aceitam e criticam a geração dos jovens. Outra manifestação de idadismo da parte dos jovens, diz respeito à forma como encaram a perspetiva de realização de atividades com as pessoas idosas, que por um lado afirmam claramente que não gostavam de realizar as atividades e por outro referem ser algo que nunca tinham pensado. Da parte das pessoas idosas, o idadismo pode surgir, quando uma das pessoas idosas atribui características negativas aos jovens, como podemos ver no Excerto 10 em que o idoso 1 diz: “são mal criados, ordinários mesmo uns com os outros e já me têm chamado velho”.

Estas manifestações de idadismo vão de encontro a revisão de literatura, Butler (1969), demonstrando que o idadismo acontece nas gerações mais novas em relação às mais velhas, mas também das gerações mais velhas em relação às mais novas.

Lima (2012) e Marques (2011) descrevem o idadismo como atitude tripartida, referindo que as atitudes idadistas em relação aos idosos assumem três componentes, 1º crenças e estereótipos; 2º preconceitos ou sentimentos e 3º as atitudes e atos de

discriminação. Neste trabalho, surge idadismo associado às crenças e estereótipos, pela atribuição de traços negativos e também comportamentos discriminatórios, quando os jovens chamam “velhos” às pessoas idosas.

Quanto à imagem que as crianças, jovens em risco e as pessoas idosas têm de si próprios, percebemos que no geral, os participantes têm uma imagem negativa sobre si próprios em termos de **auto – conceito e auto – estima**.

Os Técnicos e os Diretores corroboram a perspectiva evidenciada pelas crianças, jovens em risco e pessoas idosas, já que indicam que estes revelam uma imagem negativa de si próprios, ao nível do auto – conceito e da auto – estima. Na opinião destes, no caso das crianças, pode estar relacionado com o fato destas estarem institucionalizadas, da forma como vivenciam essa experiência e do impacto ao nível do desenvolvimento emocional e social das crianças. No caso dos jovens, são jovens provenientes de famílias desestruturadas de bairros sociais, com elevado absentismo escolar, com uma imagem de delinquência ou pré – delinquência. No caso das pessoas idosas pode estar relacionado com a entrada no Lar, com uma adaptação inicial difícil no Lar e com os seus problemas de saúde. Segundo a opinião dos Técnicos e Diretores os jovens e as pessoas idosas, estão muito centrados neles próprios, nos seus problemas, nas suas dificuldades e nas suas dinâmicas do dia-a-dia.

Estas conclusões estão de acordo com a literatura que refere que, adversidades familiares relacionadas com a violência, pobreza, negligência e outros problemas familiares, podem contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens em situações de risco (Dickson, Emerson & Hatton, 2005). E que, no caso das crianças e jovens em risco ou que se encontrem em acolhimento institucional, se não tiverem nenhuma figura de referência consistente, podem apresentar um auto – conceito e uma auto – estima enfraquecida (Nunes, 2010).

Relativamente aos **sentimentos de bem – estar**, as crianças e as pessoas idosas manifestam um desejo de uma maior aproximação das suas famílias, os jovens gostavam de ter mais atividades desportivas em grupo. As pessoas idosas gostariam de melhorar as relações entre os residentes do Lar, no sentido de haver mais entendimento, tolerância, respeito e solidariedade (vejamos o Excerto 80 em que o idoso 1 refere que “o que podia ser feito, é o que eu digo, é sermos uma família, darem todos bem uns com os outros”) e têm

vontade de ter uma ocupação, de exercerem certas funções, algumas delas desempenhadas anteriormente, tendo em atenção os seus problemas de saúde.

Os Técnicos e Diretores também partilham da mesma opinião, na qual se salienta a necessidade de atenção, de contacto, de melhorar as relações e a criação de laços afetivos em cada uma das gerações e entre elas, na Aldeia de Santa Isabel e no exterior, através das famílias de cada um.

Quanto às **atitudes relativamente às atividades intergeracionais**, as crianças e os jovens mostram-se apreensivos, no que se refere á realização de atividades com as pessoas idosas, no sentido de ser algo desconhecido, que nunca tinham pensado. Como se pode ver no Excerto 102 em que o jovem 3 refere que “Não. Não lhe vou dizer que não, também não lhe vou dizer que sim, porque nunca houve outra pessoa que pensasse nisso (...) crianças no seu lugar. Idosos no seu lugar (...) ainda não tinha pensado nisso”. As pessoas idosas mostram uma atitude positiva acerca da realização de atividades com as crianças e jovens, apesar dos Técnicos referirem que estes não se sentem motivados para as atividades.

Os Técnicos e Diretores reconhecem a importância da prática de atividades intergeracionais e mostram uma atitude positiva, no entanto apontam algumas dificuldades inerentes ao funcionamento de cada uma das valências, como por exemplo, a conciliação dos horários das três valências.

Todos os contextos institucionais possuem as suas próprias regras e formas de funcionamento e a Aldeia de Santa Isabel atendendo a três grupos geracionais, bastante distintos, os Profissionais de cada valência direcionam-se para esse determinado grupo com quem trabalham, surgindo assim, algumas dificuldades como a incompatibilidade de rotinas, objetivos distintos e o planeamento de atividades em separado.

Em relação ao local, o local sugerido pela maioria, foi o espaço exterior, a Praça da Alegria. As atividades sugeridas foram das mais variadas, tais como, os jogos tradicionais, cantar, teatro, musica, cerâmica, pintura, horta, leitura de um conto, ensino da leitura e computadores.

De seguida para sintetizar tudo o que foi referido anteriormente na Discussão, iremos mostrar uma tabela com as principais barreiras e principais facilitadores para cada um dos

grupos de participantes (crianças, jovens, pessoas idosas, técnicos e diretores) útil para uma possível futura intervenção intergeracional.

Quadro 3. Síntese dos Principais Facilitadores e Barreiras a uma possível intervenção intergeracional.

Grupos de Participantes	Principais Facilitadores	Principais Barreiras
Crianças	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de laços afetivos com pessoas fora do Lar; 	<ul style="list-style-type: none"> - Contacto Intergeracional muito reduzido; - Manifestações de Idadismo; - Atitudes apreensivas quanto á realização de atividades intergeracionais;
Jovens	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação para atividades desportivas em grupo; - Interação positiva entre jovens dos cursos de Cabeleireiro e Corte e Confeção e as pessoas idosas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Contacto Intergeracional muito reduzido; - Manifestações de Idadismo; - Atitudes apreensivas quanto à realização de atividades intergeracionais;
Pessoas idosas	<ul style="list-style-type: none"> - Vontade em melhorar as relações entre os residentes do Lar, para maior entendimento, tolerância, respeito e solidariedade; - Necessidade de atenção, contacto e conversas com as pessoas fora do Lar; - Atitude positiva quanto à realização de atividades intergeracionais; 	<ul style="list-style-type: none"> - Contacto Intergeracional muito reduzido; - Manifestações de Idadismo; - Problemas de saúde e dificuldades de locomoção;
Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Atitude positiva quanto à realização de atividades intergeracionais; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades de conciliação dos horários das 3 valências, incompatibilidade de rotinas. - Falta de motivação das pessoas idosas para as atividades intergeracionais.
Diretores	<ul style="list-style-type: none"> - Atitude positiva quanto à realização de atividades intergeracionais; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades de conciliação dos horários das 3 valências, incompatibilidade de rotinas.

De seguida na Quadro 4. iremos apresentar os locais e as sugestões de atividades intergeracionais propostas pelo grupo de participantes (crianças, jovens, pessoas idosas, técnicos, diretores).

Quadro 4. Sugestões de locais e atividades intergeracionais apontadas pelos participantes.

Grupos de participantes	Locais	Sugestões de Atividades Intergeracionais
Crianças	Praça da Alegria	Jogos de Damas, Xadrez, Gincana, Mikado, Burro e Jogo da Malha.
Jovens	Igreja, perto do Lago, local dos matraquilhos	Jogo dos Matraquilhos, Cantar e Teatro.
Pessoas Idosas	Parque perto do café, refeitório e bar.	Teatro, Cerâmica, Pintura, Horta, Croché e Tricô.
Técnicos	Praça da Alegria	Jogos Tradicionais, Damas, Pinturas, Leitura de Conto, Ensinar as pessoas idosas a ler e escrever e a trabalhar nos computadores.
Diretores	Praça da Alegria, Pátio do Galo, Ginásio, junto ao café.	Festas dos Santos Populares, Carnaval com Baile ou Concurso de Mascaras, Dançarte, Atividades com Musica e Concurso de Ortografia.

7.1. Conclusões

Podemos concluir, que a Aldeia de Santa Isabel apresenta-se como uma instituição de grande potencial intergeracionalidade, que, manifesta interesse na promoção da intergeracionalidade tendo já concretizado algumas atividades de cariz intergeracional entre as crianças, jovens em risco e pessoas idosas. Neste sentido, a Aldeia Santa Isabel necessita

de desenvolver cada vez mais uma visão holística dada pelos vários intervenientes, para que as próximas ações e atividades intergeracionais possam emergir daqueles a quem se destinam, e desta forma, se tornarem mais contextualizadas, significativas e enriquecedoras. Consideramos fundamental gerar processos de participação em que crianças, jovens, pessoas idosas e técnicos profissionais através da escuta e diálogo possam ser envolvidos e considerados no delineamento dos objetivos, bem como no planeamento de todas as atividades.

Tal como foi referido anteriormente na Discussão e no Quadro 3. Síntese das principais barreiras e facilitadores a uma possível intervenção futura, evidenciamos alguns facilitadores, tais como, as atitudes positivas quanto à realização de atividades intergeracionais da parte das pessoas idosas, dos técnicos e diretores; a vontade das pessoas idosas em melhorar as relações entre os residentes do lar de idosos; a necessidade de atenção, contacto e conversas das pessoas idosas com pessoas fora do lar de idosos e a necessidade de criação de laços afetivos das crianças com pessoas fora do lar das crianças. Estas conclusões, funcionam como condições facilitadoras e impulsionadoras para a realização de atividades intergeracionais e vão no sentido da nossa revisão de literatura e modelo teórico de processo, na medida em que o contacto intergrupais positivo influencia positivamente o desenvolvimento de relações de confiança e afetividade e a criação de modelos e figuras de referência, originando efeito positivo sobre a diminuição do idadismo, a promoção de um auto – conceito e auto – estima positiva e aumento de sentimentos de bem – estar nas crianças, jovens em risco e nas pessoas idosas. Não esquecendo as quatro condições facilitadoras, que constituem as nossas variáveis moderadoras (estatuto de igualdade, partilha de objetivos, cooperação intergrupais, apoio da autoridade). No entanto, surgem algumas dificuldades ou barreiras que devem ser consideradas relacionados com a imagem e os estereótipos existentes entre crianças, jovens e pessoas idosas; a relação entre as crianças, jovens e as pessoas idosas; o desempenho e a vontade dos profissionais; a mobilidade e as condições físicas e de saúde dos idosos e o ambiente e condições em que se proporcionam as oportunidades de convívio.

No Quadro 4. apresentamos as sugestões de locais e atividades intergeracionais apontadas pelos participantes, e no que diz respeito aos locais, a maioria sugeriu a Praça da Alegria. Relativamente às atividades intergeracionais, existem sugestões de atividades comuns aos vários grupos, nomeadamente, os jogos tradicionais sugeridos pelas crianças e pelos técnicos; o teatro sugerido pelos jovens e pelas pessoas idosas; a pintura sugerida pelos

técnicos e pelas pessoas idosas e as atividades com música, cantar e Dançarte sugeridas pelos jovens e pelos diretores.

Por fim, podemos afirmar que este trabalho torna-se pertinente e inovador pela escassez de trabalhos nesta área da intergeracionalidade e das crianças e jovens em risco; por não termos conhecimento de programas de intervenção entre pessoas idosas e crianças/jovens em risco em Portugal e ainda, por não termos também conhecimento de estudos sobre o idadismo em crianças e jovens em risco. Salienta-se que a Aldeia de Santa Isabel é uma Instituição que reúne as condições indispensáveis para se tornar cada vez mais Intergeracional. Como mostra a seguinte frase mencionada no folheto de divulgação: “ Nesta Aldeia, o elo que nos une a todos é sempre mais forte que todas as diferenças, sejam de idade, estatuto, feitio ou até ideologia. A nossa presença aqui empenha-nos a todos no lema “todos por todos”, para que esta Casa do Homem de Todas as Idades seja sempre a Aldeia mais Aldeia de Portugal” (Diretor da Aldeia de Santa Isabel).



VIII. LINHAS ORIENTADORAS

Aldeia de Santa Isabel

De seguida de uma forma muito sucinta e para complementar aquilo que já foi referido, iremos indicar algumas diretrizes ou linhas orientadoras que possam orientar ou estruturar uma possível intervenção intergeracional.

Sugerimos a elaboração de um Projeto Intergeracional comum às várias valências integrado no Plano de Atividades Geral e Anual da Aldeia de Santa Isabel, com os mesmos objetivos e que se fundamente na promoção da intergeracionalidade, através de programas e atividades estruturadas e regulares (semanais) entre as crianças, jovens e as pessoas idosas. Desta forma, irão revelar-se resultados positivos, tal como o estudo desenvolvido por Greenblatt em 1982, que teve resultados positivos e cujo objetivo era promover e facilitar o desenvolvimento de atitudes positivas e promover relações significativas entre pessoas idosas e adolescentes através de atividades semanais planeadas e estruturadas.

Outro aspeto a considerar, na parte da concretização das atividades prende-se com as dificuldades ao nível do funcionamento cognitivo e físico dos idosos, como por exemplo, o não saber ler, nem escrever e as dificuldades de locomoção.

Sugerimos o desenvolvimento das atividades intergeracionais indicadas pelos participantes, tais como os Jogos Tradicionais, Cantar, Teatro, Musica, Cerâmica, Pintura, Horta, Leitura de um conto, Ensino da Leitura e Escrita e dos Computadores. Contudo, salientamos as atividades educativas e recreativas como prioritárias, como por exemplo o Ensino da Leitura e Escrita e dos Computadores, a Musica e o Teatro por apresentarem resultados positivos em termos da literatura. A título de exemplo referimos o “Foster Grand Parent Program” que promoveu o desenvolvimento de diversos tipos de programas, nomeadamente, educativos, recreativos e por exemplo, em Chicago, pessoas idosas trabalharam em programas pré-escolares a ajudar as crianças na aprendizagem da leitura, enquanto que os estudantes do ensino básico de Ohio promoveram ensino personalizado de informática às pessoas idosas (Wacker, Roberto & Piper, 2002). Em relação aos Programas Recreativos o objetivo destes é a criação de respeito e compreensão entre as gerações, desafiando, uma vez mais, os estereótipos acerca do envelhecimento e da velhice através de peças de teatro, workshops e/ou outros projetos.

No que se refere ao desempenho dos Técnicos/Profissionais, é necessário contornar a falta de disponibilidade que existe para a concretização das atividades e a exigência das mesmas e a conciliação de horários, através da comunicação e da cooperação no planeamento.

A Aldeia de Santa Isabel pensada como um espaço de relações intergeracionais, dentro e fora da Instituição, sugerimos que sejam consideradas para as atividades e convívio intergeracional as dinâmicas relacionais dentro e fora da Instituição, através da participação e envolvimento das famílias das crianças, dos jovens e das pessoas idosas. Uma vez que foi referido tanto pelas crianças, como pelas pessoas idosas o desejo de aproximação das suas famílias.

As atividades intergeracionais são perspetivadas como referido pela Literatura e como resultado do nosso diagnóstico de necessidades através das intervenções dos nossos participantes como algo benéfico ao nível do bem – estar social e emocional dos grupos geracionais, de enriquecimento das aprendizagens, de promoção do auto – conceito e auto – estima positivas, de diminuição de crenças e estereótipos idadistas, de promoção da inclusão, do respeito, da tolerância, da solidariedade intergeracional e de estabelecimento de relações sociais e afetivas.

8.1. Limitações

A seleção dos participantes poderá ser considerada uma limitação neste trabalho, na medida em que foi intencional realizada com o auxílio dos Diretores e Técnicos de cada uma das valências, que indicaram quem poderiam ser os participantes.

Também se colocam questões inerentes aos instrumentos e técnicas utilizadas (Focus Group), para o Diagnóstico de Necessidades de Contacto Intergeracional que, vão de encontro aos estudos intergeracionais utilizando, muitas vezes, apenas métodos e dados qualitativos. Os instrumentos e técnicas utilizadas acarretam por si só algumas limitações, nomeadamente ao nível da relação entre a gravação das conversas e dos constrangimentos dos participantes, pela inibição de estarem na presença de uma pessoa estranha, bem como da validade da informação fornecida pelos mesmos.

O tamanho da amostra poderá ser outra limitação do nosso estudo, por se tratar de um número reduzido de participantes, parecendo ser uma limitação recorrente neste tipo de intervenções (Jarrott, 2011), não sendo possível generalizar as nossas conclusões a todos os utentes da Aldeia de Santa Isabel.

Por último, devido a questões institucionais, éticas, de confidencialidade e anonimato não nos foi possível recolher mais informação para uma descrição mais pormenorizada dos participantes deste trabalho.

8.2. Futuras Linhas de Investigação

Como temos vindo a refletir, as intervenções intergeracionais podem ser uma das estratégias mais eficazes de aproximar as gerações e tornar as relações intergeracionais mais afetuosas e significativas. Permitem amenizar as ideias e estereótipos pré – concebidas e contribuem ainda, para a promoção do auto – conceito, auto – estima e bem – estar das gerações. Deste modo, estudos e intervenções posteriores iriam beneficiar se aumentassem o número de participantes e procedessem á aplicação de outros métodos e instrumentos (qualitativos e quantitativos) para confirmarem estes e obterem outros resultados, também seria interessante realizar uma transcrição e análise mais detalhada, mais rica, mais centrada na organização e estrutura do discurso e não apenas no conteúdo do discurso.

Torna-se igualmente importante o desenvolvimento de mais estudos e intervenções nesta área da intergeracionalidade, das relações intergeracionais entre crianças e jovens em risco e as pessoas idosas, abordando esta temática do idadismo..

Terminamos referindo que se torna pertinente compreender os problemas e dificuldades da nossa sociedade, e que o perceber a sua origem/ as suas causas pode tornar-nos mais capazes de realizar um trabalho de prevenção e intervenção de maior qualidade e com consciência que poderemos ir utilizando estratégias diferentes e significativas, que caminham para um maior bem – estar consigo e com os outros.

Referências Bibliográficas

- Aday, R., Mcduffie, W., & Sims, C. (1993). Impact of an intergenerational program on black adolescents attitudes toward the elderly. *Educational Gerontology*, 19 (7), 663 – 673.
- Allport, G. (1954). *The Nature of Prejudice*. Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company.
- Alves, J.F, & Novo, R.F. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, (6), 65-77.
- Alves, S. N (2007). *Filhos da Madrugada – percursos adolescentes em lares de infância e juventude*. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Ames, B. & Youatt, J. (1994). Intergenerational education and service programming: A model for selection and evaluation of activities. *Gerontology*, 20 (8).
- Andrade, F. 2002. *Uma experiência de solidariedade entre gerações: contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa: IIE
- Antunes, I. (2007). As limitações da idade. Brito, I. [Coord.] (2007). *O fim da vida*. Braga: UCP
- Arsenault, D. C., & Beedy, M. D. (1999). Practical advice for planning and conducting focus group. *Nursing research*, 48 (5), 280-283.
- Associação Portuguesa de Famílias Numerosas. (<http://www.apfn.com.pt/>) Consultado em Maio 2012
- Bales, S.S. ; Eklund, S.J.; Siffin, C.F. (2000). Children's perceptions of elders before and after a school – Based intergenerational Program. *Educational Gerontology*, 26, 677-689.
- Berg, B.L & Lune, H (2012) *Qualitative research methods for the social sciences* (8th ed.) Boston Pearson.
- Bizarro, L. (1999). *O bem-estar psicológico durante a adolescência*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Lisboa, Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia, Lisboa.
- Bringle, G.& Kremer, F. (1993). Evaluation of an intergenerational Service – Learning Project for undergraduates. *Educational Gerontology*, 19 (5), 407-416.
- Buunk, A., & Van Vugt, M. (2007). *Applying social psychology: from problems to solutions*. London: Sage Publications.
- Butler, R.N. (1969). Ageism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9, 243-246.
- Calheiros, M. (2006). *A construção social do mau trato e negligência parental: Do senso comum ao conhecimento científico*. Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia. Imprensa de Coimbra Lda.
- Calheiros, M.; Garrido, M. & Santos, S. (2011). *Crianças em risco e perigo. Contextos, Investigação e Intervenção*. Vol. 1, Lisboa: Edições Sílabo.
- Calheiros, M.; Garrido, M. & Santos, S. (2012). *Crianças em risco e perigo. Contextos, Investigação e Intervenção*. Vol. 2, Lisboa: Edições Sílabo.
- Call, K.T., Riedel, A.A., Hein, K., McLoyd, V., Petersen, A., & Kipke, M. (2002). Adolescent health and well-being in the twenty-first century: A global perspective. *Journal of Research on Adolescence*, 12 (1), 69-98.
- Casa 2012 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens. Instituto de Segurança Social, I.P.
- Chen, N. (1997). Building Bridges – Na Intergenerational Program. *Journal of Extension*, 35, 5.
- Costa, A. (2012). *Auto-conceito e auto-eficácia em crianças/jovens institucionalizados*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Jurídica. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto.

- Cummings, S.M.; Williams, M.M.; Ellis, R.A. (2003). Impact of an Intergenerational Program on 4th Grader's Attitudes toward elders and school behaviors. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, Vol 8 (1).
- Cunha, F. (2012). Gerações LX – Proposta de Projeto piloto para diminuir o idadismo e promover um auto – conceito positivo num grupo de seniores e jovens. Departamento de Psicologia Social e das Organizações. Escola de Ciências Sociais e Humanas. ISCTE. Instituto Universitário de Lisboa.
- David S. Meshel; Richard P. McGlynn (2004). *Intergenerational contact, Attitudes, and stereotypes of adolescents and older people*. *Educational Gerontology*, 30 pp. 457-479.
- Decreto de Lei nº 2/86, de 2 de Janeiro – Lares de Infância e Juventude.
- Decreto de Lei nº 147/99 de 9 de Setembro – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo
- Dellmann – Jenkins, M., Lambert, D. & Fruit, D. (1991). Fostering Preschoolers prosocial behaviour toward the elderly: the effect of na intergenerational program. *Educational Gerontology*, 17, 21-32.
- Dellmann-Jenkins, M. (1997). A senior-centered model of intergenerational programming with young children. *Journal of Applied Gerontology*, 16, p. 41-53
- Demo, P. (2006). Pesquisa e informação qualitativa. Campinas, SP: Papirus.
- Dickson, K., Emerson, E., & Hatton, C. (2005). Self-reported anti-social behavior: Prevalence and risk factors amongst adolescents with and without intellectual disability. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49 (11), 820-826.
- Dovidio, J., Gaertner, S., & Kawakami, K. (2003). Intergroup contact: the past, present, and the future. *Group Processes & Intergroup Relations*, 6(1), 5–21.
- DuBois, D.L., Holloway, B.E., Valentine, J.C., & Cooper, H. (2002) Effectiveness of mentoring programs for youth: A meta---analytic review. *American Journal of Community Psychology* 30(2), 157---197.
- Erikson, E. (1968). *Identity: youth and crisis*. New York: Norton.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de janeiro; Zahar Editores. (trabalho original publicado na lingual inglesa em 1968).
- Ferreira, F. *As crianças e a comunidade: uma perspectiva intergeracional da educação*. Grupo de Trabalho 6: Infância(s), Família(s) e Comunidade(s): um olhar sociológico em torno de experiências de cidadania. IV Congresso Português de Sociologia. Mundos sociais: saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Humanas. 25 a 28 de Junho de 2008.
- Ferreira, P. *Envelhecimento Activo e Relações Intergeracionais*: Grupo de Trabalho 10: Gerações e Contemporaneidade. XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Lisboa. 26 a 29 de Julho de 2011.
- Fonseca, A.C. (2004). *Crianças e jovens em risco: análise de algumas questões atuais*. In, Vieira, et al. (2004). *Crianças e jovens em risco. Da investigação à Intervenção*. PP. 11-37. Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra. Almedina.
- Fonseca, A.M (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. 1ªed. Lisboa. Climepsi Editores.
- Fontaine, C. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores
- Freitas, L.N. (2010). *Modo de vida de crianças institucionalizadas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Fundação Calouste Gulbenkian, 2012. Disponível em: www.entregeracoes.org
- George, D., Whitehouse, C., & Whitehouse, P. (2011). A Model of Intergenerativity: How the Intergenerational School is Bringing the Generations Together to Foster Collective Wisdom and Community Health. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(4), 389-404.(pp.244 - 270). Petrópolis: Editora Vozes.

- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Lisboa: Texto Editores.
- Gonçalves, D., Martín, I., Guedes, J., Cabral- -Pinto, F., Fonseca, A.M. (2006). Promoção da qualidade de vida dos idosos portugueses através da continuidade de tarefas produtivas. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 7 (1), 137-143.
- Greenblatt, F. (1982). Adopt – A – Grand Child Program: improving attitudes of adolescents toward the aged. *Activities, adaptation and aging*, 3(1), 21-25.
- Grossman, J.B. & Rhodes, J.E. (2002). The test of time: Predictors and effects of duration In youth mentoring relationships. *American Journal of Community Psychology*, 30 (2), 199--219.
- Guadalupe, S. (2003). Programa Rede Social: questões de intervenção em rede secundária. *Interações*, 5, 67-90.
- Guadalupe, S. (2008). *A saúde mental e o apoio social na família do doente oncológico*. Dissertação de Doutoramento em Saúde Mental não publicada, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Guedeny N, Guedeny (2004). *A Vinculação – conceitos e aplicações*. 1ª ed Lisboa: Climepsi Editores.
- Hart, S. (2007). Child Participation and Child Protection. *The International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect Special Report, 1*.
- Heiman, J., Gutheil, I., & White-Ryan, L. (2011). Preschool children's attitudes toward older adults: comparison of intergenerational and traditional day care. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(4), 435-444.
- Kaplan, M., Henkin, N. & Kusano, A. (2002). *Linking lifetimes: A global view of intergenerational Exchange*. Lanham, MD: University Press of America.
- Kessler, E., & Staudinger, U. (2007). Intergenerational potential: effects of social interaction between older adults and adolescents. *Psychology and Aging*, 22 (4), 690-704.
- Kornhaber, A., & Woodward, K. (2003). *Gandparents, grandchildren: the vital connection*. New Jersey: Transactions Publishers.
- Krueger, R. (1998). *Analyzing & Reporting Focus Group results*. Focus Group Kit 6. Sage Publications.
- Instituto Nacional de Estatística – INE (2011). *Indicadores Sociais 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística I.P.
- Instituto Nacional de Estatística – INE (2002). *O envelhecimento em Portugal: situação sócio-demográfica e sócio-económica recente das pessoas idosas*. Lisboa: INE/DECP/Serviço de Estudos sobre a População.
- Intergera (2004). *Programa de Estudos, Eventos e Pesquisas Intergeracionais*. Área Temática de Direitos Humanos. Actas do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte
- Intergeneracionalidade: Projecto Viver. Disponível em <http://www.viver.org/sobreoviver/diagnostico/6.html>
- Intergeneracionalidade. [cited 2006 Abr 20] Disponível em: <http://www.viver.org/intergeracionalidade/5.html>
- Ivester, L., & King, K. (1977). Attitudes of Adolescents toward the aged. *The Gerontologist*, 17, 85-89.
- Jarrott, S. (2011). Where have we been and where are we going? Content analysis of evaluation research of Intergenerational Programs. *Journal of Intergenerational* Vol.9 pp. 37-52
- Kaplan, M., Liu, S. & Hannan, P. (2002). *Intergenerational Engagement in retirement communities: a case study of a community capacity – building model*. *Journal of Applied Gerontology*, 25 (5), 406 – 426.
- Krueger, R. A. & Casey, M. A. (2000). *Focus Group. A Practical Guide for Applied*

Research. Thousand Oaks: Sage.

Lima, M. 2010. *Envelhecimento(s)*. Estado da Arte. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Little, M., Axford, N., & Morpeth, L. (2004). Risk and Protection in the Context of Services for Children in Need. *Child and Family Social Work*, 9, 105-118.

Lyons, E. & Coyle, A. (2007). *Analysing Qualitative Data in Psychology*. Sage. Publications.

Malki, M. 2008. *L'intergénération, une démarche de proximité*. Communication «Les Défis des relations intergénérationnelles». Colloque organisé par la Fondation Roi Baudouin. Bruxelles: Accordages.

Manual de processos-chave – *Lar de Infância e Juventude*. Instituto de Segurança Social, I.P..

Marques, S. (2011). Discriminação da Terceira Idade. Coleção de Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Martins, P.C. (2004). *Proteção de Crianças e Jovens em Itinerários de Risco – representações sociais, modos e espaços*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Martins, E. & Szymanski, H. (2004). Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9, 177-187.

Martins, P.C.M. (2005). *A qualidade dos serviços de proteção às crianças e jovens: as respostas institucionais*. Intervenção realizada no VI Encontro Cidade Solidária: crianças em risco: Será possível converter o risco em oportunidade? Fundação Calouste Gulbenkian.

Maslow, A.H. (1943). A dynamic theory of human motivation. *Psychological Review*, 50, 370-396.

Matos, M. G. (1997). *Comunicação e Gestão de Conflitos na Escola*. Lisboa: Edições FMH.

Matos, L. (2011). *A Hipótese de Contacto e a Expressão de Preconceito contra Minorias Étnicas em Jovens Adultos de Escolas Portuguesas*. Tese de Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores. Escola das Ciências Sociais e Humanas: Instituto Universitário de Lisboa.

Morgan, D.L (1998). *Planning Focus Groups. Focus Group Kit 2*. Sage Publications Thousand Oaks London.

Nelson, T. 2002. *Ageism: stereotyping and prejudice against older persons*. Cambridge: MIT Press.

Newcomb, M. (1990). Social support and personal characteristics: a developmental and interactional perspective. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 9, 54-68.

Novo, R. (2003). Para além de eudaimonia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Nunes, L. 2009. *Promoção do bem-estar subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia do Desenvolvimento, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

Nunes, M.A.C. (2010). Auto – conceito e suporte social em adolescentes em acolhimento institucional. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da saúde apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Palmeirão, C. (2007). *A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações*. Porto: FPCEUP (Dissertação doutoramento).

Palmore, E. B. (1999). *Ageism. Negative and Positive* (2.^a ed.) New York: Springer Publishing Company, inc

Palmore, E. (2001). The Ageism Survey: First Findings. *The Gerontologist*, 41 (5), 572 – 575.

Pasion, S. & Jacquemin, A. (1999). O auto - retrato em crianças institucionalizadas. *Paidéia* (Ribeirão Preto) 1999, Vol.9, N.17, pp. 50-60.

- Pedrozo, S. K., Portella, M. R. (2003). Solidão na velhice: Algumas reflexões a partir da compreensão de um grupo de idosos. *Boletim da Saúde*, 17(2), 172-182.
- Pereira, P.M., & Santos, A.V. (2011). Conceptualização de situações de mau trato. Da lei de protecção à avaliação psicossocial. Em M.M. Calheiros, M.V. Garrido, & S.V. Santos. *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (Vol.1, pp.15-31). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pettigrew, T. (1998). Intergroup Contact Theory. *Annual Review of Psychology*, 29, 65 – 85.
- Pettigrew, T., & Tropp, L. (2006). A Meta-Analytic Test of Intergroup Contact Theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90 (5), 751–783.
- Potter, J. & Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology beyond attitudes and behaviour*. Sage Publications.
- Quitães, Cláudia Raquel Pereira (2009). *Era uma vez a Instituição onde eu cresci: Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização*. Tese de Mestrado Área de Especialização em Psicologia da Justiça. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rabello, E. T. (2001). *Personalidade: estrutura, dinâmica e formação – um recorte eriksoniano*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- REAPN. 2008. *Envelhecimento Activo*. Rediteia n.º41. Portugal.
- Schwartz, L. K., & Simmons, J. P. (2001). Contact quality and attitudes toward the elderly. *Educational Gerontology*, 27, 127-137.
- Sekulovic, R. (2007). Involving Children in Advocacy - What Does It Mean?. *The International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect Special Report*, 2-3.
- Senos, J. (1997). Identidade Social, auto-estima e resultados escolares. *Análise Psicológica*, 16 (1), 123-137.
- Silva, M. (2011). *O Bem – Estar subjetivo de Adolescentes Institucionalizados*. Mestrado Integrado em Psicologia. Universidade de Lisboa, Departamento de Psicologia Clínica e da Saúde da Faculdade de Psicologia, Lisboa.
- Siqueira, A. & Dell’Algio, E. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 71-80.
- Siqueira, A. & Dell’Aglío, E. (2010). Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação de Vida e Rede de Apoio Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 407-415.
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33–47). California: Brooks & Cole.
- Tierney, J.P., Grossman, J.B., & Resch, N.L. (1995). *Making a difference. An impact study of Big Brothers/Big Sisters*. Philadelphia: Public/Private Ventures
- Trent, C., Gloss, C. & C Rockett, J. (1979). Changing adolescent 4 – It Club members attitudes toward the aged. *Educational Gerontology*, 4(1), 33-48.
- Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 102-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Veloso, E. (2007). As universidades da terceira idade em Portugal: um contributo para a análise da sua emergência. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Vol.41, N.º3.
- Veenhoven, R. (2005). Is life getting better? How long and happily do people live in modern society? *European Psychologist*, 10, 330 – 343.
- Vieira, S. (2010). *Paredes que separam Gerações: Crianças e Idosos em Instituições*. Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

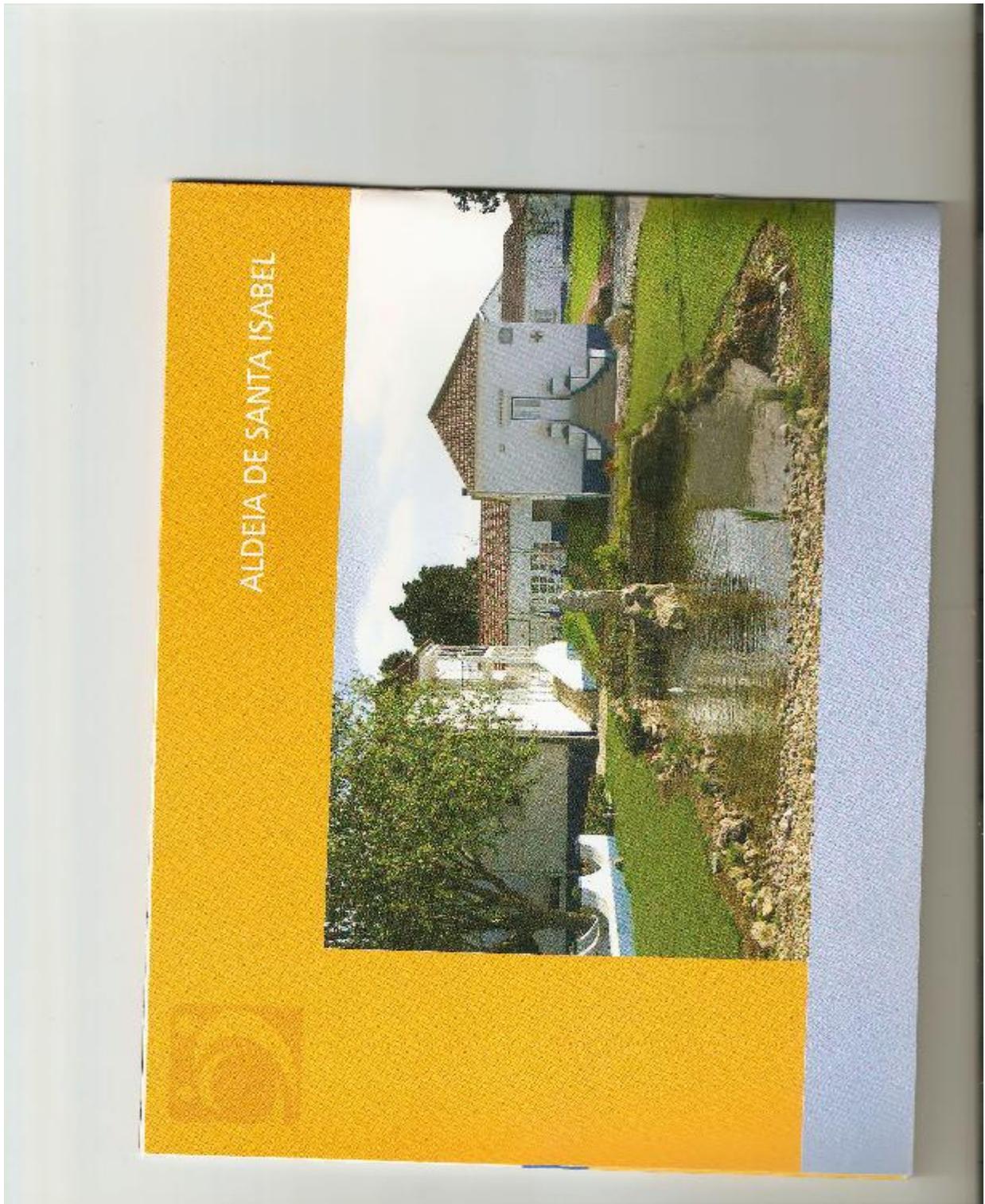
- Vilaverde, M. (2000). *Factores de risco e factores protectores em crianças vítimas de maus tratos a viver em instituições*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia. (Tese de Mestrado não publicada).
- Wacker, R., Roberto, K. & Piper, L. (2002). *Community Resources for older adults: programs and services in a era of change* (2 Ed.) California: Sage Publications, Pine Forge Press.
- Waterman, A. (1993). Two conceptions of happiness: contrasto f personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of personality and social psychology*, 64, 678 – 691.
- Weber, L.N. A Ficção e a realidade de crianças institucionalizadas: uma proposta de intervenção.
- Widdicombe, S. (1993). Autobiography and Change: Rhetoric and Authenticity of “Gothic Style. In E. Burman & I. Parker (Eds). *Discourse Analytic Research: repertoires and readings of texts in practice* (pp.94-113). London: routledge.
- Zuccherro, R. (2010). Share your experience and i’ll lend you my ear: older adult outcomes of na intergerational service – learning experience. *Gerontology & Geriatrics Education*, 31, 383 – 402.

Anexo A. Variáveis que influenciam as variáveis resultado**Variáveis que influenciam as Variáveis Resultado**

Variáveis	Tamanho do Efeito	Alterabilidade	Citações
Alterações da estrutura das Famílias	++	0	**
Alterações no Estatuto da Pessoa idosa	+	0	*
Problemas de saúde	+	0	*
Alterações Económicas das Famílias	+	0	*
Envelhecimento da População	++	0	*
Isolamento da pessoa idosa	++	+	**
Tomada de perspetiva do outro	+	+	**
Contato Positivo	++	++	*****
Estatuto Igualitário	+	+	**
Suporte de Autoridade	+	+	*
Partilha de Objetivos	+	+	**
Cooperação Intergruppal	+	+	**
Aprendizagem sobre o Exogrupo	+	+	*

Criação de Laços Afetivos	+	+	*
Generatividade nas Pessoas Idosas	+	+	*
Formação na Identidade das crianças e jovens	+	+	*
Sistema de Segurança Social e Emprego	+	0	*
Institucionalização e práticas institucionais	+	+	**

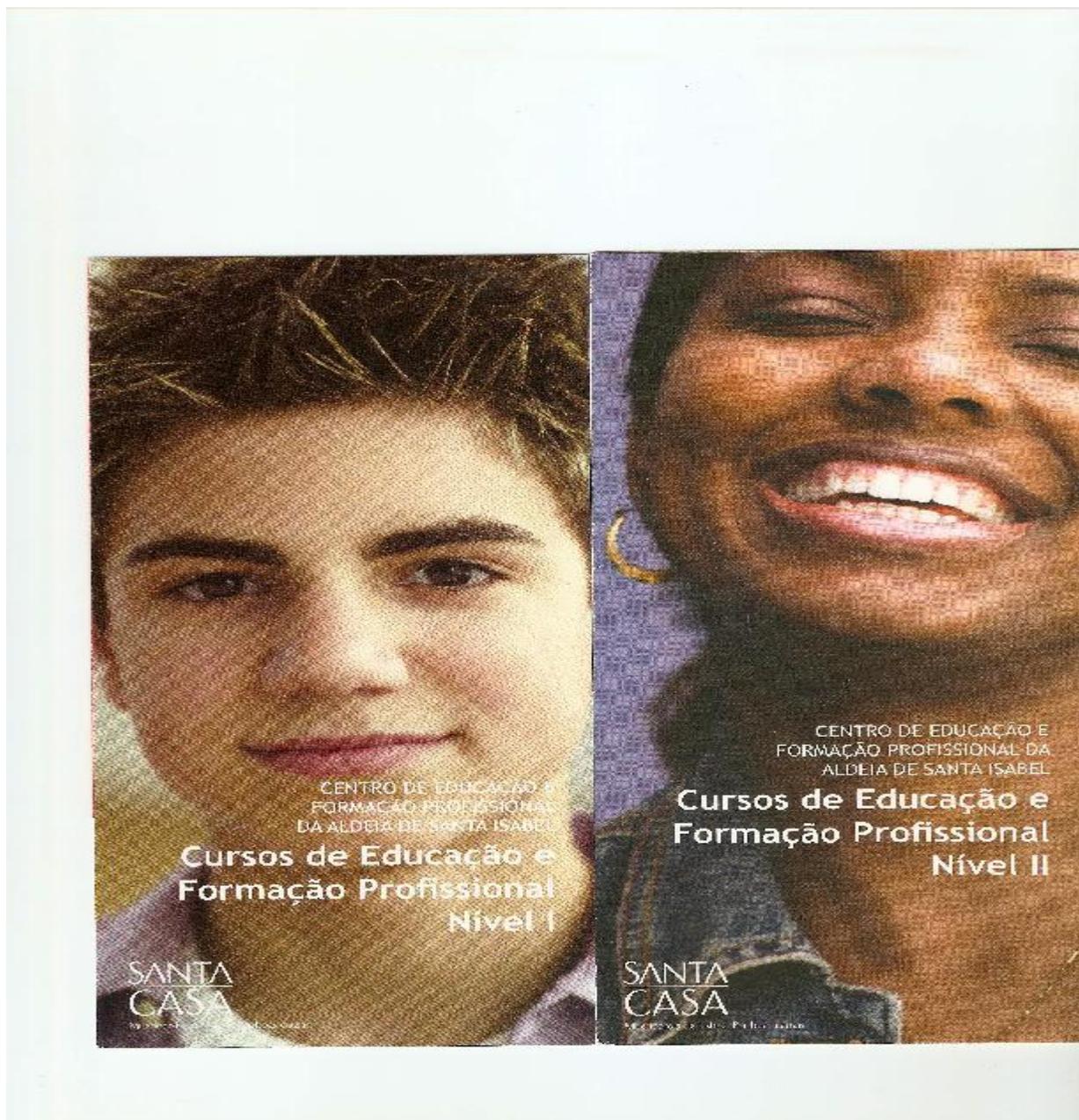
Anexo B. Foto da Aldeia de Santa Isabel



Anexo C. Mapa da Aldeia de Santa Isabel



Anexo D. Folhetos de Divulgação



Anexo E. Guião dos Focus Group

Guião do Focus Group com as Crianças

Introdução e agradecimentos

Agradecer a presença dos participantes; Apresentação da Moderadora: o seu papel e objectivos; Apresentação dos (as) participantes.

Objectivos do Focus Group

No âmbito do desenvolvimento de um novo projecto sobre a Intergeracionalidade da Aldeia de Santa Isabel, este encontro serve para que possamos ouvir as experiências, dificuldades, necessidades, propostas e/ou sugestões dos (as) crianças. Assim, apesar de informal, este focus group é uma reunião de trabalho que tem como objectivo envolver as crianças na Avaliação de Necessidades de Contacto Intergeracional.

Regras de funcionamento

Nesta conversa não existem respostas certas ou erradas, mas, possivelmente, pontos de vista diferentes. São importantes as ideias de todos vocês, por isso sintam-se à vontade para partilhar as vossas ideias e opiniões, mesmo que estas difiram das expressas pelos outros participantes.

Iremos gravar esta conversa para que não corramos o risco de perder algum dos vossos comentários e para que depois possamos trabalhar esta informação. Os vossos nomes não serão incluídos em nenhum relatório, pelo que os comentários feitos aqui serão anónimos.

Esta conversa vai ser composta por duas partes, uma em que vamos jogar a um Jogo onde irão aparecer as seguintes questões:

- 1 – Costumam estar com as pessoas mais velhas?
- 2 – Como se dão com as pessoas mais velhas?
- 3 – Como é que vocês são? Como são as crianças?
- 4- Como são as pessoas mais velhas?
- 5 – O que gostas mais em ti? O que gostas menos em ti?
- 6 – O que vos faz sentir bem? O que poderia acontecer para melhorar a vossa vida?
- 7 – O que é que vocês acham de fazerem jogos com as pessoas mais velhas?

Na segunda parte vamos pedir-vos para imaginarem e falarem sobre o local e o que gostariam de fazer com as pessoas mais velhas.

Guião do Focus Group com os Jovens

Introdução e agradecimentos

Agradecer a presença dos participantes; Apresentação da Moderadora: o seu papel e objectivos; Apresentação dos (as) participantes.

Objectivos do Focus Group

No âmbito do desenvolvimento de um novo projecto sobre a Intergeracionalidade da Aldeia de Santa Isabel, este encontro serve para que possamos ouvir as experiências, dificuldades, necessidades, propostas e/ou sugestões dos (as) Jovens. Assim, apesar de informal, este focus group é uma reunião de trabalho que tem como objectivo envolver os (as) Jovens na Avaliação de Necessidades de Contacto Intergeracional.

Regras de funcionamento

Nesta conversa não existem respostas certas ou erradas, mas, possivelmente, pontos de vista diferentes. São importantes as ideias de todos vocês, por isso sintam-se à vontade para partilhar as vossas ideias e opiniões, mesmo que estas difiram das expressas pelos outros participantes.

Iremos gravar esta conversa para que não corramos o risco de perder algum dos vossos comentários e para que depois possamos trabalhar esta informação. Os vossos nomes não serão incluídos em nenhum relatório, pelo que os comentários feitos aqui serão anónimos.

Esta conversa vai ser composta por duas partes, uma em que vamos jogar a um Jogo, onde irão aparecer as seguintes questões:

- 1 – Costumam estar com as pessoas mais velhas?
- 2 – Como é a vossa relação com os idosos? Como se dão com as pessoas mais velhas?
- 3 – Como é que vocês são? Como são os Jovens?
- 4 – Como são as pessoas mais velhas?
- 5 – O que gostas mais em ti? O que gostas menos em ti?

6 – O que vos faz sentir bem? O que poderia acontecer para melhorar a vossa vida? O que poderia ser feito para se sentirem melhor?

7 – Qual é a vossa opinião sobre actividades e programas com as pessoas mais velhas? Gostavam de fazer actividades com as pessoas mais velhas?

Na segunda parte vamos pedir-vos para imaginarem e falarem sobre o local e o tipo de actividades que gostariam de fazer com as pessoas mais idosas.

Guião do Focus Group com as pessoas idosas

Introdução e agradecimentos

Agradecer a presença dos participantes; Apresentação da Moderadora: o seu papel e objectivos; Apresentação dos (as) participantes.

Objectivos do Focus Group

No âmbito do desenvolvimento de um novo projecto sobre a Intergeracionalidade da Aldeia de Santa Isabel, este encontro serve para que possamos ouvir as experiências, dificuldades, necessidades, propostas e/ou sugestões das pessoas idosas. Assim, apesar de informal, este focus group é uma reunião de trabalho que tem como objetivo envolver as pessoas idosas na Avaliação de Necessidades de Contacto Intergeracional.

Regras de funcionamento

Nesta conversa não existem respostas certas ou erradas, mas, possivelmente, pontos de vista diferentes. São importantes as ideias de todos vocês, por isso sintam-se à vontade para partilhar as vossas ideias e opiniões, mesmo que estas difiram das expressas pelos outros participantes.

Iremos gravar esta conversa para que não corramos o risco de perder algum dos vossos comentários e para que depois possamos trabalhar esta informação. Os vossos nomes não serão incluídos em nenhum relatório, pelo que os comentários feitos aqui serão anónimos.

Esta conversa vai ser composta por duas partes, uma em que vamos jogar a um Jogo onde irão aparecer as seguintes questões:

1 – Costumam estar com as crianças e os jovens?

- 2 – Como é a vossa relação com as crianças e os jovens?
- 3 – Como é que vocês são? Como são os Idosos?
- 4 – Como são as crianças e os jovens?
- 5 – O que gostas mais em ti? O que gostas menos em ti?
- 6 – O que vos faz sentir bem? O que poderia acontecer para melhorar a vossa vida? O que poderia ser feito para se sentirem melhor?
- 7 – Qual é a vossa opinião sobre actividades e programas com as crianças e jovens? Gostavam de fazer actividades com as crianças e jovens?

Na segunda parte vamos pedir-vos para imaginarem e falarem sobre o local e o tipo de actividades gostariam de fazer com as crianças e jovens.

Guião do Focus Group com os Técnicos

Introdução e agradecimentos

Agradecer a presença dos participantes; Apresentação da Moderadora: o seu papel e objectivos; Apresentação dos (as) participantes.

Objectivos do Focus Group

No âmbito do desenvolvimento de um novo projecto sobre a Intergeracionalidade da Aldeia de Santa Isabel, este encontro serve para que possamos ouvir as experiências, dificuldades, necessidades, propostas e/ou sugestões dos (as) Técnicos. Assim, apesar de informal, este focus group é uma reunião de trabalho que tem como objectivo envolver os (as) Técnicos na Avaliação de Necessidades de Contacto Intergeracional.

Regras de funcionamento

Nesta conversa não existem respostas certas ou erradas, mas, possivelmente, pontos de vista diferentes. São importantes as ideias de todos vocês, por isso sintam-se à vontade para partilhar as vossas ideias e opiniões, mesmo que estas difiram das expressas pelos outros participantes.

Iremos gravar esta conversa para que não corramos o risco de perder algum dos vossos comentários e para que depois possamos trabalhar esta informação. Os vossos nomes não serão incluídos em nenhum relatório, pelo que os comentários feitos aqui serão anónimos.

Esta conversa vai ser composta por duas partes, uma em que vamos jogar a um Jogo onde irão aparecer as seguintes questões:

- 1 – Como caracterizam o contacto que existe entre as crianças/jovens e os idosos?
- 2 – Acham que existe preconceito entre as gerações das crianças/jovens e idosos?
- 3 – Como é que as crianças/jovens se vêm a eles próprios?
- 4 – Como caracterizam a auto - estima das crianças/jovens e idosos?
- 5 – Qual é a vossa percepção acerca do bem-estar das crianças/jovens e idosos? O que poderia ser feito para se sentirem melhor?
- 6 – Acham que a concretização de actividades e programas traria vantagens para a Instituição?

Na segunda parte vamos pedir-vos para imaginarem e falarem sobre o local e o tipo de actividades que poderiam ser realizadas entre as crianças/jovens e as pessoas idosas.

Guião do Focus Group com os Directores

Introdução e agradecimentos

Agradecer a presença dos participantes; Apresentação da Moderadora: o seu papel e objectivos; Apresentação dos (as) participantes.

Objectivos do Focus Group

No âmbito do desenvolvimento de um novo projecto sobre a Intergeracionalidade da Aldeia de Santa Isabel, este encontro serve para que possamos ouvir as experiências, dificuldades, necessidades, propostas e/ou sugestões dos (as) Directores. Assim, apesar de informal, este focus group é uma reunião de trabalho que tem como objectivo envolver os (as) Directores na Avaliação de Necessidades de Contacto Intergeracional.

Regras de funcionamento

Nesta conversa não existem respostas certas ou erradas, mas, possivelmente, pontos de vista diferentes. São importantes as ideias de todos vocês, por isso sintam-se à vontade para partilhar as vossas ideias e opiniões, mesmo que estas difiram das expressas pelos outros participantes.

Iremos gravar esta conversa para que não corramos o risco de perder algum dos vossos comentários e para que depois possamos trabalhar esta informação. Os vossos nomes não serão incluídos em nenhum relatório, pelo que os comentários feitos aqui serão anónimos.

Esta conversa vai ser composta por duas partes, uma em que vamos jogar a um Jogo onde irão aparecer as seguintes questões:

- 1 – Como caracterizam o contacto que existe entre as crianças/jovens e os idosos?
- 2 – Acham que existe preconceito entre as gerações das crianças/jovens e idosos?
- 3 – Como é que as crianças/jovens se vêm a eles próprios?
- 4 – Como caracterizam a auto - estima das crianças/jovens e idosos?
- 5 – Qual é a vossa percepção acerca do bem-estar das crianças/jovens e idosos? O que poderia ser feito para se sentirem melhor?
- 6 – Acham que a concretização de actividades e programas traria vantagens para a Instituição?

Na segunda parte vamos pedir-vos para imaginarem e falarem sobre o local e o tipo de actividades que poderiam ser realizadas entre as crianças/jovens e os idosos.

Anexo F. Exemplo de 2 perguntas do Jogo de Perguntas dos Jovens

O que vos faz sentir bem? O que poderia acontecer para melhorar a vossa vida? O que poderia ser feito para se sentirem melhor?

Como é que vocês são? Como são os Jovens?

Anexo G. Consentimento Informado dos Participantes

Consentimento Informado – Focus Group

Eu, EdUARDE Nascimento
concordo em participar neste Trabalho de Projeto sobre a Intergeneracionalidade na Aldeia de Santa Isabel, que irá ser conduzido pela Susana Martins, Psicóloga Clínica e Aluna do Mestrado em Psicologia Comunitária e Protecção de Menores do ISCTE.

Eu compreendo que o objetivo deste estudo é realizar uma conversa em grupo sobre a Intergeneracionalidade na Aldeia de Santa Isabel.

Eu compreendo que o estudo implique uma conversa do grupo que terá a duração de cerca de uma hora e que irá ser gravada.

Eu compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, o que significa que tenho a possibilidade de desistir a qualquer momento.

Eu também compreendo que toda a informação revelada irá ser confidencial e que os nomes de todos os participantes do estudo serão protegidos pela confidencialidade.

A Moderadora encontra-se disponível para responder a qualquer questão, que eu possa ter sobre o estudo e sobre o que se espera de mim.

Eu li e compreendo esta informação e concordo em participar neste estudo.

Assinatura: Não consegue assinar

Susana Martins

Data: 13/05/2013

Assinatura da Moderadora

Anexo H. Transcrição dos Focus Group

Focus Group Crianças

Já vos falei de como vai funcionar o jogo, vocês podem responder, estejam à vontade para dizer as vossas opiniões, as vossas ideias, os vossos comentários positivos ou negativos, mas é para estarem à vontade para dizerem aquilo que pensam e fica gravado para não se perder os vossos comentários, porque é tudo importante. Vou tirar aqui estas folhinhas amarelas que têm aqui perguntas e assim cada um de vocês vai tirar uma folhinha que tem uma pergunta e depois vão responder. E eles têm de adivinhar qual é a pergunta?

Tira uma folhinha, és o primeiro, a ver o que diz.

Costumam estar com as pessoas mais velhas?

Moderadora: Vocês aqui na Aldeia de Santa Isabel costumam estar com os idosos?

Criança 2: Mais ou menos. Às vezes vamos lá, mas quase nunca.

Moderadora: E tu queres dizer?

Criança 1: Não.

Moderadora: Costumam estar com as pessoas mais velhas?

Criança 1: Mais ou menos.

Criança 3: Só quando temos festas e isso tudo.

Moderadora: Na altura das festas é que costumam estar com eles. Ya.

Moderadora: E tu?

Criança 4: É igual.

Moderadora: É muito raro, só nas Festas é que costumam estar com eles.

Criança 1: Já está. Agora sou eu. Tens de dizer em voz alta.

Como é que vocês são? Como é que se são as crianças?

Moderadora: Como é que vocês se descrevem?

Criança 3: Eu descrevo como uma menina normal.

Moderadora: Assim características.

Criança 3: Sou um bocadinho teimosa, às vezes sou mal educada.

Criança 2: Quase nunca.

Criança 3: E sou uma menina calma.

Moderadora: E tu? Queres dizer como são as crianças?

Criança 2: Normais, somos crianças.

Moderadora: O que é que tu achas? Como é que são as crianças?

Criança 2: São normais.

Moderadora: Quais são as características?

Criança 2: Uns têm defeitos, outras não, outras fazem xixi na cama.

Moderadora: E mais?

Criança 1: Uns tiram macacos no nariz.

Criança 3: O que é que isso interessa?

Criança 4: As crianças são um bocado mal-educadas, nunca estão satisfeitas com nada, não sabem estar num sítio, precisam sempre de mais e aquilo não lhes chega. Acabam por não ter um comportamento adequado para aquela certa idade.

Moderadora: É aquilo que tu achas?

Criança 4: Sim.

Vamos passar para outra, quem tira agora?

O que vos faz sentir bem? O que poderá acontecer para melhorar a vossa vida?

Moderadora: Aqui na Aldeia de Santa Isabel o que vos faz sentir bem? O que poderia acontecer para se sentirem melhor?

Criança 1: A mim não me faz nada.

Criança 3: Sermos todos bem-educados.

Criança 1: A mim não me faz nada.

Criança 2: Parar de fazer xixi na cama algumas pessoas.

Criança 1: Pará lá. Já não faço.

Moderadora: O que vos faz sentir bem? O que vocês gostam?

Criança 3: Nada.

Criança 3: Gosto de estar aqui, dos Educadores que trabalham cá.

Criança: Não preciso de mais nada já estou bem.

Criança 1: Eu não gosto das Educadoras que estão cá, quanto mais.

Moderadora: Então, porque? Gostavas que os Educadores fossem diferentes? Como?

Criança 3: Ele não gostava que houvesse Educadores.

Moderadora: Se não houvesse Educadores como é que seria?

Criança 3: Um desastre.

Moderadora: Vocês tinham mais liberdade, faziam o que queriam. Era isso?

Criança 1: Claro.

Moderadora: Gostavam de ter mais liberdade?

Criança 1: Sim.

Moderadora: Para fazer o quê?

Criança 1: Este quer ir para casa do pai. Este quer ir para casa da mãe.

Moderadora: Eles queriam ir, estar com as famílias?

Criança 2: Claro.

Moderadora: Isso era bom que acontecesse?

Criança 2: Sim, era.

Moderadora: E tu também?

Criança 2: Sim, Mas para a casa da mãe já não queria.

Moderadora: Vocês não costumam estar com a família, com os pais?

Criança 3: Eu tenho visitas.

Criança 3: Nós temos todos visitas, menos alguns que estão cá.

Criança 2: Ela tem visitas e às vezes vai para casa do pai.

Moderadora: E tu? O que gostavas que acontecesse?

Criança 1: Não sei.

Moderadora: E tu?

Criança 2: Eu já disse ficar com a minha mãe, ponto final parágrafo.

Moderadora: E tu?

Criança 1: Ficar com ela.

Moderadora: Era o que vocês gostavam que acontecesse?

Criança 2: Era, era.

Moderadora: Vou a outra... O que diz? **Como são as pessoas mais velhas?**

Moderadora: Como é que vocês acham que são as pessoas mais velhas, que chamamos os idosos?

Criança 2: Não sei.

Criança 4: Se for já idoso, as pessoas já não têm a noção do que estão aqui a fazer, perdem os sentidos, perdem a vida, estão cá para ocupar espaço. Pessoas assim adultos, muitas têm

filhos, o seu papel é só educar, transmitir aquilo que lhes transmitiram, têm o seu trabalho para se conseguirem a si e aos seus filhos e às suas famílias. Já são independentes, já podem fazer aquilo que querem. Acho que é isso.

Moderadora: E tu?

Criança 1: Não sei. Pergunte ao ... ele sabe.

Moderadora: Não costumam estar com pessoas mais velhas? Com os avós?

Criança 2: Não.

Moderadora: Nunca estão.

Criança 2: Os meus avós não veem cá.

Moderadora: Não costumam estar, nem sabem como elas são. E tu? Sabes, tens assim alguma ideia?

Criança 1: Não.

Moderadora: E tu?

Criança 3: Também não.

Moderadora: Vamos passar para outra. Esta é igual à outra. **Como vocês se dão com as pessoas mais velhas?** Vocês não costumam estar com elas, por isso esta não pode ser.

Criança 2: Agora sou eu.

Criança 3: Não tu já foste.

O que gostas mais em ti? O que gostas menos em ti?

Moderadora: Para vocês pensarem em vocês, o que é que cada um gosta mais em si.

Criança 1: Gosto de ser palhaço.

Criança 3: Gosto da minha maneira de ser.

Moderadora: Então como é?

Criança 3: Uma menina de 14 anos normal.

Criança 1: Tens uma corcunda, não és normal.

Criança 3: Sou simpática, sensível.

Moderadora: E o que tu gostas menos?

Criança 3: Quando sou mal-educada.

Moderadora: E tu?

Criança 2: Eu nada.

Moderadora: Há sempre coisas que nós gostamos.

Criança 2: Sou um menino.

Moderadora: Como é que ele é?

Criança 3: É dorminhoco.

Criança 2: Eu dorminhoco, sou quase sempre o primeiro a acordar do nosso quarto.

Criança 1: É um bocadinho preto.

Moderadora: É simpático, triste, aborrecido. Como é que ele é? O que tu achas?

Criança 4: É um bocado responsável, acho que às vezes prefere ir por maus caminhos, porque o influenciam e prefere ir atrás do que se impor e isso é errado. É influenciável, vai na conversa dos outros meninos. É bem comportado, na minha opinião é o que se porta melhor no meio de tanta gente. Até agora sim.

Criança 2: Não eles portam-se melhor.

Criança 3: Sim, mas sem contar connosco.

Moderadora: Tantas coisas boas sobre ti, és responsável, portas-te bem, de todos és o que te portas melhor.

Moderadora: E tu? O que é que gostas mais em ti?

Criança 1: Nada.

Moderadora: Deve haver coisas que tu gostas.

Criança 2: É palhaço.

Moderadora: É uma coisa boa, ele sabe fazer rir os outros.

Criança 4: A mim não faz.

Criança 3: Só faz rir os maluquinhos.

Criança 4: Ele dá piadas tão secas. Até o menino mais pequeno tem mais graça do que ele.

Moderadora: Mas ele tenta dizer coisas engraçadas para vocês rirem, às vezes vocês riem, às vezes não tem graça nenhuma.

Criança 4: Pois.

Criança 2: Ele para nos fazer rir no quarto é melhor não dizer isto. Dá puns. Ya e dá arrotos.

Moderadora: Ele é muito brincalhão, faz palhaçadas e disparates para rirem.

Moderadora: E tu?

Criança 3: Ele é fixe.

Criança 4: Eu sou uma pessoa que gosto de ser responsável.

Criança 1: Faz rir com aquele nariz poin.

Criança 4: Gosto que as pessoas possam confiar em mim e que vejam –me como um exemplo. Não gosto, quando ago sem pensar, tenho de melhorar.

Moderadora: Às vezes fazes coisas sem pensar, é isso?

Criança 4: Digo tudo e mais alguma coisa e depois arrependo-me. Não gosto de estragar a minha reputação, é bue da mau, não gosto.

Moderadora: Que és responsável, que te portas bem, é isso?

Criança 4: Sim.

Criança 3: Agora sou eu.

Entra um menino na sala. Com licença.

Moderadora: Senta-te aqui. Podes responder a esta pergunta.

O que é que vocês acham de fazer atividades e jogos com as pessoas mais velhas?

Criança 1: Muito mau.

Criança 2: Acho que sim.

Criança 3: Não.

Moderadora: E tu? O que é que tu achas?

Riem-se.

Criança 3: Fala logo estás com medo de alguém.

Criança 1: Gosto de fazer jogos.

Criança 1: Com os velhos.

Criança 1: Ah, sim.

Moderadora: E tu?

Criança 2: A mesma coisa.

Moderadora: Gostavas de fazer jogos?

Criança 2: Ele veio para aqui e estragou tudo.

Criança 1: Tu és mal-educado.

Criança 2: Quem saiba o mais mal-educado cá de casa és tu.

Criança 2: Agora é ela.

Moderadora: Gostavas de fazer jogos?

Criança 3: Sim, podemos experimentar.

Moderadora: E tu?

Criança 4: Eu acho que sim, porque os idosos ficam bué tempo sentados ao sofá e isso tira-lhes estabilidade, perdem e começam a ficar sem movimentação e isso faz mal e é essencial a

gente praticarmos sempre alguma coisa física faz bem, é saudável. E faz-lhes lembrar um bocado a sua juventude e isso é bom para eles, acho eu.

Agora é para vocês imaginarem qual é que podia ser o local, o sítio onde vocês pudessem fazer os jogos com os idosos.

Criança 2: Na praia.

Criança 1: No Jardim zoológico.

Moderadora: Não, aqui na Aldeia de Santa Isabel.

Criança 1: No pátio.

Criança 4: Na relva, uma gincana.

Moderadora: E ideias, atividades, era isso que eu ia perguntar. O que gostavam de fazer com eles?

Criança 1: Jogar às damas. Era o que eles jogavam na altura.

Criança 3: Jogar à cadeira de rodas.

Moderadora: Se pudessem fazer atividades com as pessoas mais velhas, o que podiam fazer?

Criança 3: Xadrez. Gincana e jogos e mais.

Criança 1: Cartas.

Criança 2: Como se chama? Mikado.

Criança 2: Ao Burro.

Criança 4: Jogo da Malha.

Criança 1: D^a nós não podemos jogar com os idosos aos fins-de-semana?

Moderadora: Gostavam que eles vos ensinassem.

Criança 1: O nosso jogo do burro está no auditório.

Moderadora: Em que sítio?

Criança 4: Na relva.

Criança 4: Na praça da alegria.

Diretora: Nunca fizeram atividades lúdica com os idosos.

Focus Group Jovens

Moderadora: Depois de terem sido dadas estas explicações sobre o que nós vamos fazer ... sobre as regras de funcionamento, sobre o objetivo do meu trabalho, depois de eu me ter apresentado. Vou-vos mostrar então aqui as perguntas ... Vamos fazer assim, elas estão aqui não sei se dá para todos, mas se calhar podíamos fazer cada um tirava uma pergunta e depois todos respondiam e falavam sobre este tema. Pode ser? Quem quer ser o primeiro? A tirar um papelinho com uma pergunta?

Moderadora: És tu? Corajoso ... Vamos ver qual é a pergunta, tens de ler em voz alta e depois mostrar para eles verem também. E quem não sabe ler. Se não souberem eu leio.

Jovem 1 - O que vos faz sentir bem? O que poderia acontecer para melhorar a vossa vida? O que poderia ser feito para se sentirem melhor?

Moderadora: Aqui na Aldeia de Santa Isabel o que vos faz sentir bem, o que é que podia ser feito para melhorar a vossa vida?

Jovem 2: Aqui na Aldeia de Santa Isabel ou fora?

Moderadora: Aqui na Aldeia de Santa Isabel, sim.

Jovem 3: Podermos sair à hora de almoço. Organizarem mais torneios turma contra turma.

Moderadora: Torneios de quê? Torneios inter turmas, mas de quê? Futebol?

Jovem 3: De tudo.

Moderadora: De tudo? Assim dá lá ideias...

Jovem 3: Corta – matos, ténis, basket, corridas de bicicleta, corrida normal, tiro ao alvo, corrida de estafeta. Muitas ideias. Sprint, resistência e mais nada.

Moderadora: Olha e mais ideias? E tu? O que é que tu achas que podia ser feito aqui para te sentires melhor. O que gostavas que acontecesse? Tens assim alguma ideia.

Jovem 4: Não.

Moderadora: E tu?

Jovem 5: É o mesmo.

Moderadora: Haver mais torneios. E tu? Já disseste, saírem à hora de almoço, mas vocês não podem sair à hora de almoço?

Jovem: Estamos tipo presos.

Moderadora: E tu? O que achas?

Jovem 6: Mais Liberdade, isto parece uma prisão.

Moderadora: Então sentem-se presos?

Jovem 6: Bastante.

Jovem 3: Tínhamos um divertimentinho sagrado da hora de almoço, matrecos, tiraram.

Técnica: Estão de castigo por não cumprirem as regras.

Jovem 5: Uns pagam pelos outros.

Técnica: Depois de 1, 2 e 3 avisos.

Moderadora: Pode ser que quando eles voltarem a cumprir as regras voltem a pôr os matrecos. O que vos disseram é que vocês não estavam a cumprir as regras, se vocês voltarem a cumprir as regras a mesa de matraquilhos volta.

Moderadora: Eles gostavam de voltar a ter lá a mesa de matraquilhos, era uma maneira de passarem o tempo, de se divertirem.

Jovem 5: Ping – Pong, acho que devia falar com o Coordenador.

Moderadora: Snocker e Ping – Pong. Isso era tudo. Pronto, ficam aqui as ideias.

Moderadora: E tu?

Jovem 1: No meu caso como sou de cozinha, acho que devíamos fazer mais eventos para os alunos para mostrar aquilo que fazemos. Aquilo que nós fazemos é pouca coisa, porque os alunos aqui têm uma noção errada daquilo que nós fazemos. Eu acho que nós podíamos apresentar o nosso trabalho e não ficar só na nossa oficina.

Moderadora: Mostrar mais o vosso trabalho. E tu?

Jovem 2: Não sei.

Moderadora: O que achas que podia ser feito?

Jovem 7 : Não sei. Mudarem-nos para o refeitório e termos uma alimentação de jeito.

Jovem 3: Tem de ir experimentar.

Jovem 1: Geralmente a comida não é bem-feita, por exemplo a maioria das vezes, o arroz não está feito como deve ser. Não tem tempero, a comida não está bem confeccionada, não está no ponto exato.

Técnica: Uma vez por mês, uma turma vai almoçar à cozinha.

Moderadora: O refeitório está noutra zona, está em obras.

Moderadora: Vamos passar para outra pergunta. Quem quer tirar?

Jovem 3: Eu. **Qual é a vossa opinião sobre atividades e programas com as pessoas mais velhas? Gostavam de fazer atividades com as pessoas mais velhas?**

Moderadora: O que é que vocês acham das atividades intergeracionais? Voçês gostavam de fazer atividades com as pessoas idosas, com as pessoas mais velhas?

Jovem 3: Não.

Jovem5: Sim.

Jovem 6: Não.

Jovem 3: Não lhe vou dizer que não, também não lhe vou dizer que sim, porque nunca houve outra pessoa que pensasse nisso.

Moderadora: Nunca pensaram nisso?

Jovem 3: Crianças no seu lugar. Idosos no seu lugar.

Moderadora: Estão assim separados.

Técnica: Geralmente só se juntam nas datas comemorativas, no Carnaval eles estiveram a dançar todos contentes na Praça da Alegria.

Moderadora: Então é só nessas alturas que vocês estão todos juntos? Só assim nas Festas do Natal.

Jovem 3: Só nas Festas.

Moderadora: Mas vocês gostavam que houvesse outros momentos que estivessem todos juntos? Como por exemplo?

Técnica: Diz-nos tu. Sim, é isso.

Jovem 3: O que é que eu gostava de fazer com os idosos? Riem-se ...

Moderadora: Que tipo de atividades?

Jovem 3: Boa Pergunta. Ainda não tinha pensado nisso. Com a minha avó, experimento as comidas boas dela, falo com ela. Agora com estes idosos não os conheço, não temos tema de conversa, vou dizer o quê?

Técnica: Tem acontecido com alguns idosos, que têm mais capacidade, têm ido às nossas oficinas. Gostarias de lá ver um idoso, que vocês explicassem o que estão a fazer, é um exemplo.

Jovem 3: Pode ser. Não sei, não gostei muito dessa ideia.

Jovem 3: Não sei.

Moderadora: Mais alguma ideia? Tu gostavas? Tu já disseste que não.

Moderadora: E tu? Gostavas de fazer atividades com os idosos?

Jovem 5: Nunca me passou pela cabeça.

Jovem 6: Nunca vi nenhum idoso na minha Oficina.

Jovem 3: Nem eu. Crianças já lá foram todas.

Técnica: Na altura das férias eles vão com rotatividade às oficinas.

Jovem 6: Os idosos ainda não passaram por nenhum dos cursos.

Técnica: Alguns já, não todos.

Moderadora: E do teu? Estava a pensar no Curso de Culinária?

Jovem 1: Eu gostaria que eles fossem, eu sou um felizardo porque trabalho com um idoso e faço voluntariado com crianças e por isso eu sei como é que funciona. Os idosos têm um problema, as pessoas abandonam os idosos, só o facto de pararmos um pouco e conversarmos com eles já é suficiente. Eles ficam muito fechados e não falam com ninguém, eu acho que só de nós ouvirmos a história de vida deles, já é alguma coisa, ajuda a ver a vida um pouco diferente daquilo que é. Na minha oficina não dá tempo para parar e explicar, tem de ser um dia que não há - já muita coisa para fazer, eles vão lá muitas vezes, mas é para comer. Às quintas feiras ele vai passar o dia connosco. Deveríamos dar mais valor aos idosos.

Moderadora: Achavas que era importante haver mais essa interação, irem mais aos cursos.

Jovem 7: No Cabeleireiro as senhoras às quintas-feiras vão arranjar o cabelo, as senhoras ficam a contar a história delas, estão noutra ambiente e estão mais ocupadas.

Jovem 1: Os idosos vão lá e estão sempre a falar, é porque eles não têm com quem falar, quando encontram quem os ouça.

Moderadora: Eles estão muito sozinhos. Muitos deles já passaram pelos cursos que vocês estão a tirar.

Jovem 1: O meu Mestre fala muito mesmo, fala coisas construtivas. Vamos ouvir o que eles têm para nos dizer, vai ser construtivo de certeza. Já passaram por coisas que nós ainda não passamos.

Jovem 3: Como o devido respeito podemos passar para a próxima pergunta.

Jovem 2: Como é que vocês são? Como são os jovens?

Características:

Jovem 7: Impacientes.

Jovem 3: Maus.

Jovem 2 : Mal-educados.

Jovem 5: Românticos.

Jovem 7: Acho que de geração para geração geração fica pior,

Jovem 3: Não há - de ficar pior que isto.

Jovem 6: Os jovens são rebeldes.

Jovem 1: Os Jovens têm orgulho em ser rebeldes.

Moderadora: Valorizam mais os jovens serem mais rebeldes.

Jovem 1: Eu vim para aqui para estudar, vim para aqui porque eu gosto. Eu venho para aqui, fumo um charro. Eu também era assim, mudei a minha mentalidade, quando entrei os jovens que eram certos, quem prestava era os bandidos.

Técnica: Passam a ser conhecidos pelo mal que fazem do que pelo bem.

Jovem 1: É isso.

Moderadora: Falamos nos jovens serem rebeldes, irreverentes, bandidos, maus, irresponsáveis ...

Jovem 3: Arruaceiros.

Jovem 6: Criminosos.

Jovem 5: Trabalho comunitário.

Jovem 5: Um pintor a ir lavar roupa.

Moderadora: Trabalham muito vocês.

Moderadora: Vamos a mais uma?

Jovem 4: **O que gostas mais em ti? O que gostas menos em ti?**

Moderadora: O que cada um de vocês gosta mais em si próprio.

Jovem 4: Da minha maneira.

Moderadora: Da tua maneira de ser. Gostas da tua maneira de ser? Mais calmo?

Jovem 4: Sim.

Moderadora: Uma característica tua que gostes menos.

Jovem 3: A pressão não ajuda.

Moderadora: Agora és tu?

Jovem 3: Sou fiel para com os meus, sou fiel, tudo o que envolve a fidelidade.

Moderadora: Podes ser fiel aos teus interesses, aos teus amigos.

Jovem 3: Aos meus amigos, já disse.

Jovem 3: Não gosto de quando me esqueço dos ténis no balneário para fazer educação física. Causa desconforto.

Moderadora: E tu?

Jovem 5: Gosto de tudo.

Moderadora: O que gostas mais em ti? Um exemplo.

Jovem 5: Já disse tudo. A minha maneira de ser. Sou um bom rapaz.

Moderadora: E o que gostas menos?

Jovem 5: Não.

Moderadora: E tu? O que gostas mais em ti?

Jovem 6: Do meu ser.

Moderadora: Explica melhor.

Jovem 6: Não sei explicar. Sou amigo.

Moderadora: És amigo do teu amigo.

Moderadora: O que gostas menos?

Jovem 6: Da minha Profissão.

Moderadora: Gostas menos da tua profissão. Tas no curso de Pintura.

Jovem 3: Afinal não sou o único. Afinal vim para aqui para me esquecer da Jardinagem.

Moderadora: E tu?

Jovem 8: Da minha maneira de ser.

Moderadora: Explica melhor.

Jovem 8: De ser amigo.

Moderadora: E o que gostas menos?

Jovem 8: Não sei, desconheço.

Moderadora: E tu?

Jovem 1: Eu gosto da minha profissão.

Moderadora: E uma coisa que gastes menos.

Jovem 3: Ele já disse lavar a loiça.

Jovem: Não uma característica.

Jovem 1: Às vezes não sou grato para as pessoas.

Moderadora: Não valorizas aquilo que os outros fazem por ti. E tu?

Jovem 2: Dignidade e Frontalidade.

Moderadora: És logo muito frontal.

Jovem 2: Ligo muito mal aquilo que os outros dizem.

Moderadora: E tu?

Jovem 7: Sou respeitadora, sei estar.

Moderadora: E o que tu gostas menos?

Jovem 7: Sou teimosa e já chega.

Moderadora: Só faltam 3 perguntas.

Como são as pessoas mais velhas? Como é que vocês descrevem os idosos? Como são os idosos?

Jovem 3: São pessoas com muitos anos.

Jovem 5: Com muita sabedoria.

Jovem 3: Com maneira de pensar completamente diferente, porque já viveram. São pessoas que odeiam tudo da nova geração, é isto que eu acho.

Moderadora: Não gostam dos Jovens.

Jovem 6: Acabavam com a nossa raça.

Moderadora: E mais? E tu?

Jovem 5: Eles acham que por serem mais velhos sabem tudo e não sabem, têm a mania da sabedoria.

Jovem 2: Está a falar dos idosos daqui?

Moderadora: Não, os idosos em geral.

Jovem 3: Vai ver quando tiver a sessão com eles.

Moderadora: E tu?

Jovem 1: Querem ter atenção, mas não aceitam que querem essa atenção. Têm a mania da sabedoria, “eles são a sabedoria”, porque já viveram coisas que nós não imaginamos.

Jovem 2: Acho que não aceitam muito bem a nossa geração.

Jovem 2: Varia de pessoa para pessoa. Há idosos que nos entendem outros não.

Moderadora: Não aceitam bem?

Jovem 2: Não, apontam o dedo.

Jovem 1: Quando eles eram novos, não havia nada disto. Na idade deles havia umas coisas, agora há outras, não têm que comparar. A geração deles não podia fazer muita coisa, ou se fazia, fazia escondido. Mas os jovens fazem tudo, podem tudo. Há mais liberdade.

Moderadora: E tu?

Jovem 7: São gerações diferentes. Não gostam muita coisa que nós fazemos, criticam. Mas há muitos idosos que compreendem.

Moderadora: Alguns não gostam, não concordam, de algumas coisas que os jovens fazem, da maneira de vestir.

Jovem 7: Não podemos usar saia, mostrar o corpo ou calças rotas.

Jovem 3: Olha aquele com as calças para baixo.

Jovem 1: Posso fazer uma questão? O que a senhora acha sobre este assunto dos idosos?

Moderadora: Tem a ver com o tema do meu trabalho, da relação entre os jovens e os idosos e os idosos como vocês disseram podem ser vistos como pessoas com mais experiência de vida, pode haver uma partilha de saberes, de aprendizagens, de histórias de vida que eles têm, se houver essa interação entre vocês e os idosos... Vocês não falaram aqui, mas há aqui um pensar no envelhecer, já imaginaram como vai ser quando vocês forem idosos, o que vocês vão pensar quando tiverem a idade deles.

Jovem 3: Não vamos gostar dos jovens.

Costumam estar com as pessoas mais velhas?

Jovem 8: Eles estão trancados.

Moderadora: Concordam todos com o que o vosso colega disse. Não costumam estar com eles?

Jovem 6: Só no refeitório ou na Praça da Alegria.

Jovem 3: Incomodam-me vê-los a comerem, não têm maneiras e postura.

Jovem 5: Eles estão lá dentro, não saem.

Jovem 1: O máximo que digo é bom dia, boa tarde.

Moderadora: É só cumprimentarem, quando se cruzam.

Jovem 7: Estou habituada a dizer bom dia, boa tarde, quando encontro alguém.

Como é a vossa relação com os idosos?

Jovem 3: Não há relação. Eles estão no canto deles.

Moderadora: Eles estão sempre mais fechados e vocês estão sempre aqui. Nunca estão com as pessoas idosas.

Jovem 3: Não vamos ajudar muito no seu trabalho.

Qual seria o local e que tipos de atividades podiam fazer com os idosos? Já falaram de algumas coisas, de irem aos cursos.

Jovem 7: Na igreja.

Jovem 5: Os idosos gostavam da mesa de matreco lá em cima.

Moderadora: No sítio dos matreco. Fazer jogos de matreco com eles.

Moderadora: Que outros locais?

Jovem 2: Ao pé do lago.

Moderadora: O que faziam?

Jovem 2: Cantar. É uma ideia.

Alguns participantes saem. Adeus. Obrigada.

Moderadora: Um local, um sítio onde poderiam fazer atividades com os idosos. E que tipo de atividades?

Jovem 1: Teatro.

Jovem 6: Não acho, eles não têm cabeça para decorar as falas.

Jovem 5: No Natal, não teve que decorar falas.

Jovem 2: Vamos fazer um teatro para mudos.

Jovem 1: Os idosos representavam e os jovens falavam.

Jovem 2: O papel deles podia ser de improviso.

Moderadora: Os idosos podiam improvisar.

Jovem 2: Mas alguns idosos têm mais dificuldades,

Moderadora: Problemas mentais ou cognitivos, para além dos problemas de saúde.

Jovem 7: Tinha de se pensar bem, não temos feito mais nada, para além de ir à missa e do almoço das Festas.

Jovem 2: Umhas senhoras estavam a fazer perguntas da bíblia e cantavam.

Moderadora: Eles iam ficar contentes em fazer algumas atividades com vocês?

Jovem 2: Sim.

Moderadora: Obrigada.

Focus Group Idosos

Vou começar por me apresentar, eu chamo-me Susana Martins, sou Psicóloga e estou a tirar agora o Mestrado, sou aluna de Mestrado e o meu tema da tese de Mestrado é sobre a Intergeracionalidade, para perceber as relações entre as gerações, porque aqui na Aldeia de Santa Isabel temos as várias valências, temos a valência das crianças, dos jovens e dos idosos. Para perceber como é o contacto intergeracional. Vamos fazer um jogo de perguntas. Eu vou mostrar uma de cada vez. Eu vou dando um papelinho, nós lemos e depois todos respondem. Aqui não há respostas certas nem erradas, há pontos de vista diferentes. É bom que se sintam à vontade para dizerem as vossas ideias, as vossas opiniões, as vossas sugestões sobre as perguntas que nos vamos falar aqui. É bom que possam falar todos e participar todos, um de cada vez. Pode haver comentários positivos ou negativos, mas a ideia é ouvir-vos para perceber como é que se relacionam, como é o contacto entre as várias gerações.

Vamos tirar um papelinho, quer tirar um? Quer ler ou quer que eu leia?

Qual a vossa opinião sobre atividades e programas com as crianças e jovens?

Moderadora: Gostavam de fazer atividades com as crianças e com os jovens?

Idoso 5: Eu gostava.

Idoso 6: Eu gostava, mas não posso.

Idoso 5: Eu gosto.

Moderadora: Não pode?

Moderadora: Há vários tipos de atividades, se calhar algumas não podia, outras sim. Não pode?

Idoso 6: Os meus ossos.

Moderadora: Pode fazer outras coisas, que não tenha que se movimentar muito.

Idoso 6: Aqui na Aldeia já conheço o piso.

Idoso 1: Eu gostava de fazer, porque eu já fazia antes de vir para aqui, porque eu dava aulas às crianças de Cerâmica, mas tive este problema do AVC e afetou-me o lado esquerdo, eu sou canhoto, não posso. Mas atividades com as crianças, desde que eu me possa deslocar, não me importo.

Idoso 2: A mim é a mesma coisa, desde que eu me possa deslocar.

Moderadora: E a Senhora?

Idoso 3: Também.

Moderadora: E o senhor?

Idoso 4: Também.

Moderadora: Gostavam todos.

Moderadora: Quer tirar um papelinho?

Costumam estar com as crianças e com jovens?

Idoso 2: Aqui, muito pouco tempo.

Moderadora: É raro estarem com eles.

Idoso 6: Ai, eu falo com eles, eles veem beijar-me. Eu conheço todos.

Idoso 1: Aqui no Lar só tive uma vez com os jovens, no Natal, em que eu fiz de Pai Natal num pequeno Teatro com eles. Eu no Natal geralmente faço de Pai Natal, então fiz um pequeno teatrinho com eles. Eu sempre trabalhei com os jovens em teatro e fiz cinema, fiz várias coisas. Dentro das minhas possibilidades, estou completamente à vontade.

Moderadora: Não costuma estar com eles? Foi só no Natal?

Idoso 1: Sim, foi só no Natal que me convidaram para a Peça de Teatro.

Idoso 4: Eu costumo estar, não são todos, quando me veem Olha o Sr. ..., veem ter comigo à horta, a perguntar isto e aquilo, às vezes alguns chateiam-me um bocadinho, não vão aí para cima, vejam aqui de lado, isso não é para estragar. Mas quando me veem fazem uma grande festa, vão ter comigo à horta.

Moderadora: É assim de passagem?

Idoso 4: Estou com eles, estou mais tempo com eles, quando vão ter comigo à Horta, perguntam o que é isto? Isto é batata, isto é feijão, isto é tomateiro e tal. Às vezes veem ter comigo a casa.

Idoso 5: A mim aconteceu-me uma coisa engraçada um dia, já foi há cerca de 1 mês. A minha irmã veio visitar-me, era um fim-de-semana, eu estava aqui dentro do Lar e a minha irmã disse Olha vamos dar uma volta pela Aldeia, vou conhecer isto e eu fui com ela e depois sentámo-nos no banquinho do jardim e estava uma criança, que eu vi pela voz que era uma criança. Eu disse: Olá estás boa? Estou e como era hora do lanche a minha irmã tinha-me trazido 2 bolos e 2 pacotes de leite e a miúda viu-me comer e a minha irmã sentiu que a miúda estava com vontade de comer o bolo e a minha irmã disse Oh ... não te importas de dar um bolo e um leite à menina. Não, não me importo, até lhe dou com boa vontade. Eu dei, a criança veio aproximar-se de mim, deu-me um grande beijinho e um abraço. Eu gosto muito de crianças. E todos os dias eu tenho lidado com muitos jovens, quando eu vou ao refeitório, eles cumprimentam-me sempre e perguntam se eu estou bem e eu digo, eu estou bem graças a deus. E vocês também? Estamos.

Moderadora: Quando se cruzam ali fora, no refeitório?

Idoso 5: É, aqui com os idosos é diferente o convívio.

Moderadora: Quer dizer alguma coisa? Costuma estar com as crianças e com os jovens?

Idoso 3: Quando vou dar uma volta pelo portão, passo pela igreja, eles estão ali de patins, eu falo com eles, jogarem à bola, isso tudo e falo com eles.

Moderadora: Vamos ver outra ...

Como é a vossa relação com as crianças e com os jovens? Já acabaram por responder.

Idoso 1: A resposta já é repetitiva.

Moderadora: Ali é se costumavam estar, aqui como é que é a relação. Era o que estavam a dizer, eles passam por vocês, cumprimentam, conversam um bocadinho quando se cruzam, lá fora no refeitório.

Idoso 3: Ou mesmo no fim-de-semana, estão ali.

Idoso 1: Embora eu ache que há muitos jovens aqui que são, não são corretos,

Moderadora: Porquê?

Idoso 1: Andam à pancada uns com os outros, fumam os seus charros.

Idoso 5: As crianças vieram cá na altura do Carnaval e eles ficam alegres quando nos veem.

Como são as crianças e os jovens?

Idoso 1: As crianças são amáveis, agora os Jovens são um bocado brutos, da raça negra, não tenho nada contra eles, mas são mal criados, ordinários mesmo uns com os outros e já me têm chamado velho e eu às vezes olho para eles e eles encolhem-se, ainda no outro dia passei por 2 que iam a fumar droga. Disseram o que é que tu queres ó velho. Eu fiquei assim, no estado em que estou o que é que eu vou dizer, vou-me meter com eles para quê, ainda levo alguma trancada, é melhor não me meter mais com eles. Seguiram o seu caminho. Acho que eles se comportam muito mal uns com os outros e também são muito porcos, tudo o que comem mandam para o chão, pacotes de leite, pacotes de iogurte. Os jovens, não as crianças.

Moderadora: E da sua parte.

Idoso 2: Eu lido com eles muito pouco. Só lidei uma vez com eles ali no pavilhão. Fomos convidados e participei a mandar bolas para as latas.

Moderadora: Foi só nessa altura?

Idoso 2: Sim.

Moderadora: E a Senhora?

Idoso 3: Para mim não me têm faltado ao respeito graças a deus.

Moderadora: E a sua opinião? Como são as crianças e jovens?

Idoso 4: A mim têm- me tratado bem, ..., veem a correr a mim, quando estou lá na horta. Olha o tio ... a conversar comigo.

Moderadora: Assim de uma maneira geral?

Idoso 4: Para mim são educados, têm-me respeitado sempre.

Moderadora: E a sua opinião. Como são as crianças e os jovens?

Idoso 5: Eu acho que as crianças são muito alegres, muito expressivas e quando vêm ter comigo, dão-me um beijinho e perguntam Então estás bem? Eu digo, eu estou e vocês estão bem. Elas dizem, sim, sim, gosto muito de ti. Eu também de vocês. Dão-me um beijinho e vão-se embora. Com os jovens já é mais diferente, eles falam comigo, perguntam se eu estou bem e às vezes alguns dos jovens gostam de me ajudar, quando eu saio do refeitório eles ajudam-me a vir até aqui ao Lar. Eu gosto da ajuda deles e agradeço. Porque eu gosto de lidar com malta jovem. Com os idosos já é diferente, não é, mas também gosto de lidar com eles.

Moderadora: E a sua opinião? Como são as crianças e jovens?

Idoso 6: É ótima, todos me respeitam. Ontem com o Monitor, todos me vieram beijar, são ótimos, são amorosos todos eles.

Como são os idosos?

Idoso 1: Eu acho que, aqui cada um tem o seu feitio, como os dedos da mão, cada um é diferente. Há uns que lidam mais uns com os outros, outros são mais, separam-se uns dos outros. Eu no meu caso, é como tenho dito lá em baixo, fazemos uma família, mas nem toda a gente é o mesmo, consegue cumprimentar, dar os bons dias e outros são agressivos e outros são mais dinâmicos. E eu noto aqui umas grandes diferenças, entre nós, os utentes do próprio lar, muito agressivos e não respeitam, não dizem obrigado quando a gente quer tentar facilitar a vida a alguns e outros são mais simpáticos. Há uns com quem eu mais me dou e outros que

me afasto um bocado. Não queria afastar-me, mas sou obrigado a afastar-me, porque o meu feitio não se adequa, não se adapta à maneira deles. É assim.

Moderadora: E a sua?

Idoso 2: É a mesma. Há uns mais calmos que outros, há ali uma senhora que tem Alzheimer e eu dou-me bem com ela, ela gosta de estar ao pé de mim e há outras pessoas que lhe querem bater.

Moderadora: Bater a quem a si?

Idoso 2: Não á senhora.

Idoso 1: Acho que Ela é uma das pessoas mal tratada aqui, porque as pessoas não compreendem a doença que a senhora tem. No outro dia, pedi na sala que todos sejassem unânimes, a Senhora ... está a tirar um curso para a sua visualidade e está a ser posta no maple ao fundo da sala para ir com o seu próprio pé à casa de banho, há muita gente que não compreende a situação e quer dar a ajuda. Eu acho que ninguém lhe deve dar a ajuda, porque ela tem de aprender a fazer as coisas sozinhas. Já me tenho aborrecido com isso ...

Idoso 5: É verdade, eu gosto da opinião dele.

Idoso 1: É como eu, eu vou na rua e toda a gente, quer ajuda, não quero, como eu tenho uma doença que é do cérebro, se me ajudam todos os dias, esta mão pára e esta também. É o caso da D^a ... se a ajudarem, ela nunca mais aprende a sentar-se e a ir à casa de banho. Temos de deixá-la levantar-se sozinha, fazer os seus erros, que ela própria tem de ir aprendendo.

Moderadora: E da vossa parte, como são os idosos?

Idoso 4: Ai Doutora, deus tem-me ajudado e levo uma vida diferente, estou ali nos Chalézinho eu ando sempre cá por fora a trabalhar, de manhã até à noite, no jardim, na horta, regar, sachar, cavar...

Moderadora: E gosta?

Idoso 1: Oh se gosto. Tenho uma vida diferente, deus tem-me ajudado, não é. E a coisa está a caminhar bem e enquanto deus quiser, vou tendo saúde, vou tendo sempre esta vida assim. Estou ali no Chalézinho, estou ali com mais um colega, já estou ali há 7 anos com ele, mas é uma coisa muito má, conforme é um homem, devia ser uma senhora.

Moderadora: Queria ter uma senhora?

Idoso 4: Pois, claro, era mais bonito.

Técnica: Depende da senhora, desculpe lá, meter-me na conversa.

Idoso 4: Assim uma coisinha de jeito, não é.

Moderadora: Queria uma namorada?

Idoso 4: Pois, fazia-se o almoço, comia-se, bebia-se e conversava-se, era diferente. Era outra vida. Mas enfim, olha paciência.

Moderadora: E da vossa parte, como são os idosos?

Idoso 6: São todos maravilhosos, estou aqui há 4 anos, nunca ninguém me faltou ao respeito.

Moderadora: Digam lá assim algumas características. Os idosos que características têm? Como é que são?

Idoso 1: Eu acho que cada um tem o seu feitio, uns mais agressivos, antipáticos e outros mais simpáticos. Aqui há pessoas muito antipáticas e há pessoas muito simpáticas, há uns que acordam de manhã e não são capazes de dizer nem bom dia, nem boa tarde, nem nada. Não cumprimentam, são egoístas, talvez a própria doença deles, são mais fechados é um egoísmo bastante grande. Outros são mais dados, são mais comunicativos. Por exemplo, eu tenho aqui um amigo, que é como se fosse um irmão, eu digo que ele é o meu irmão mais velho. Tivemos uma relação de pouco tempo, mas chegámos à conclusão que visitámos os mesmos sítios, com a diferença de 13 anos, mais velho. Visitámos os mesmos sítios, os mesmos quartéis, os mesmos teatros e cinemas, fizemos as mesmas coisas, tivemos muitas pessoas em comum, dá-me a sensação que eu fui a continuação dele. Eu gosto muito aqui do meu ... Não se conheciam? Conhecemo-nos aqui, fomos viver para o mesmo quarto, aliás eu fui para o quarto dele e depois das conversas e chegámos a uma conclusão, ainda hoje. É o meu amigo, é dos meus grandes amigos cá dentro. Se não for o único. Como amigo é o único, o resto convívio.

Moderadora: Já está emocionado.

Idoso 1: Mas é verdade.

Idoso 6: Da minha parte também digo que é a minha irmã mais nova. Já tive cá um dissabor com ela, foi um único aborrecimento que tive até aos 88 anos, nunca me tinha aborrecido com ninguém até esta data. Mas era para o bem dela. Entrou uma pessoa que não tinha culpa nenhuma por causa dela.

O que é que gostam mais em vocês? E o que gostam menos?

Pensem em vocês nas características, na personalidade. O que é que cada um gosta mais em si próprio e o que é que gosta menos.

Idoso 1: Bem, eu, falando eu primeiro. O que eu gosto mais em mim, eu recolho-me muito ao meu quarto, porque como estou a escrever um livro no computador. Às vezes estou muito acompanhado no salão, mas estou muito sozinho, porque eu me isolo. Então vou para o meu computador e estou ali tarde a escrever no computador ou a jogar.

Moderadora: Isso é uma coisa que gosta?

Idoso 1: Gosto de me isolar, embora goste de convívio. Gosto de tudo, mas como às vezes o convívio lá em baixo na sala não é aquele convívio que nós gostaríamos de ter, porque há pessoas que cheiram mal, outras que cheiram a urina, outros que discutem uns com os outros, depois arranjam uma gritaria aquilo parece quase a Praça da Figueira, uns gostam de um programa, outros não gostam de um programa. Depois aborrecem-se uns com os outros e eu para me fugir, para não estar a saltar-me a tampa, então vou para o meu quarto e estou ali sossegadinho, ninguém me incomoda. Acabo de almoçar, vou para o quarto, saiu dali pelas quatro horas. Quando quero lanchar, quando não quero continuo e estou isoladinho no quarto e entretido a escrever, estou a fazer aquilo que gosto.

Moderadora: E a si, o que é que gosta mais?

Idoso 2: Musica, vou para o quarto e vou ouvir musica.

Moderadora: E o que gosta menos?

Idoso 2: Das confusões. E respeito aquela senhora que eu gosto muito dela, aquela que tem Alzheimer. Há muitos idosos que não compreendem a doença da senhora e ela coitada faz asneiras, que é natural.

Idoso 1: Ela não sabe aquilo que faz.

Idoso 2: Houve duas pessoas lá dentro que lhe quiseram bater. Eu vou para dentro do quarto para não estar ali.

Idoso 1: Empurram-lhe a cadeira, a senhora não sabe o que diz e segundo me disseram era uma pessoa muito correta, muito inteligente, uma pessoa que fazia parte de um partido qualquer. Quando estive preso no Linhó, como Comunista e ela ia às prisões visitar os doentes, os presos. Agora é uma pessoa que não sabe onde está, cospe para o chão, é capaz de passar por mim e tentar arranhar-me. E há pessoas que a desprezam e a empurram. Para não ver essas coisas, fugo para o meu quarto.

Idoso 2: Hoje estava a ver que lhe batiam.

Moderadora: E da vossa parte, o que é que gostam mais em si? Que característica é que gosta mais?

Idoso 3: Eu gostava que nos déssemos bem uns com os outros, não haver barulho, nem discussões, eu também não sou amiga de discutir, não gosto de chatear ninguém, nem que ninguém me chatee. Sou caladinha, sou de pouca conversa, mas também não gosto de ser mentirosa, nem que ninguém minta ao meu respeito. Gosto de sossego, também.

Moderadora: E o senhor diga lá, o que gosta mais em si.

Idoso 4: Eu sempre gostei de passear, andar bem arranjado, comer e beber bem. Beber, mas dentro da norma. Eu vou buscar o meu almoço e jantar e como ali no meu Chalezinho. Enfim dar os meus passeiozinhos. Agora a coisa está assim um bocadinho a mudar, a idade faz um bocadinho de diferença. Também gostava muito de miúdas e tal, mas agora começa a andar para trás. Os anos não perdoam. Há - já saúde, é o principal.

Idoso 5: No caso dos idosos, há muitos que gostam de conviver, aqui o caso do Sr. ... ele é uma pessoa muito prestável, muito simpático e muito educado. É uma pena uma rapariga jovem como eu estar aqui, é ou não é verdade.

Idoso 4: É sim, senhora.

Idoso 5: Ele fala muito comigo. Eu por acaso sou uma pessoa que quando acordo tenho um bom, acordo sempre bem-disposta e tenho duas colegas de quarto, a ... que é uma pessoa que é deficiente mental e ela não ouve bem e tenho a D^a ... que está comigo. Quando ela acorda primeiro que eu dou conta, eu digo Bom Dia D^a ... está bem? E ela diz: estou bem e a ...

dormiu bem. Dormi, graças a deus. Falamos muito uma com a outra, eu gosto de lidar com as pessoas, só que eu tenho um defeito Doutora. Eu acho que é defeito, porque às vezes eu tenho a mania, isto já acontece há muitos anos de meter o nariz onde eu não sou chamada. Eu às vezes gosto de me meter, dar a minha opinião e às vezes não gostam.

Idoso 6: É verdade. Mete-se muito e não aceita muitas vezes aquilo que a gente quer ajudar.

Idoso 5: Por exemplo, quando eu chego à sala de convívio e as pessoas estão a falar muito alto, porque a maioria das pessoas idosos falam alto, porque têm problema de audição e eu não consigo ouvir as pessoas falarem muito alto, baralha-me um bocado a cabeça, faz-me confusão. É por isso que eu muitas vezes altero a voz e digo para estarem caladas.

Moderadora: Ralha com eles, manda calar.

Idoso 5: Eles não gostam.

Idoso 1: Depois é uma confusão parece a Praça da Figueira.

Idoso: 5E a D^a ... chama-me muito a atenção.

Idoso 6: Já tenho chamado muitas vezes à atenção. Já me tiraram o guardanapo, não tiraram nada, está aí.

Idoso 5: Sabe o que é, eu tenho pouca sensibilidade, não consigo às vezes sentir o guardanapo.

Moderadora: E da sua parte, o que é que gosta mais em si?

Idoso 6: Gosto muito do sossego.

Idoso 5: Eu quando entrei, eu ainda via, ajudava a pôr as mesas, conversava com as auxiliares, tirava as mesas, punhas as mesas. Depois, desde que comecei a perder a visão nunca mais consegui fazer isso.

Moderadora: Não consegue fazer essas coisas.

Idoso 5: Há muita coisa que eu não consigo. Agora como tenho uma monitora, vem todas as semanas cá, eu agora tenho conseguido fazer as coisas um pouco sozinha. As auxiliares até estão contentes comigo, porque eu há cerca de 15 dias atrás eu usava fralda, não consegui aguentar a urina, porque não conseguia ir à casa de banho e urinava muito. Mas desde que a

semana passada, ela começou a vir e ensinou-me a ir e vir muitas vezes à casa de banho e eu agora faço isso sozinha e já não uso a fralda de dia. Para mim é bom.

Moderadora: Vamos a mais uma pergunta é a última ...

O que vos faz sentir bem? Ou o que poderia ser feito para se sentirem melhor? O que é que acham que podia acontecer para melhorar a vossa vida? Aqui na Aldeia de Santa Isabel.

Idoso 1: O que podia ser feito, é o que eu digo, é sermos uma família, darem todos bem uns com os outros, não é cada um puxar para seu lado, depois a corda parte-se para um lado e depois ninguém se dá.

Moderadora: Haver mais convívio?

Idoso 1: Sim. Sim, mais convívio, mais respeito. Principalmente mais respeito uns pelos outros.

Idoso 6: Não há respeito uns pelos outros. Há uma pessoa que se custa a mexer, já não sabe o que faz, não há respeito por ela. Se ela fizer qualquer coisa, mandam logo.

Moderadora: Gostava que houvesse mais respeito, mais convívio, as pessoas compreenderem umas às outras.

Idoso 2: A D^a ... as pessoas não compreendem o estado em que ela está, depois empurram-na, sua porca, vai-te embora, eu não a quero aqui e assim.

Idoso 1: Mas ela é muito maltratada aqui.

Moderadora: E da sua parte, o que podia ser feito para melhorar a sua vida?

Idoso 3: Mesmo que eu pedisse não me dão.

Idoso 5: Se eu tivesse noutra situação, eu gostava de continuar a fazer o que eu fazia. Por exemplo eu era voluntária, trabalhava como voluntária num infantário. Mas eu trabalhei lá 4 anos como voluntária num infantário aqui em Lisboa. Eu gostava muito de lidar com as crianças. Gosta de crianças e gostava de fazer isso? Eu adoro trabalhar com as crianças e um dia o Diretor, que é o responsável pelo infantário, viu-me estar na casa de banho, eu não dei conta estava distraída, porque usava daquelas fraldas de pano, que antes não se usava como se

usa agora, era de lavar à mão. Eu lavava com sabão azul e branco as fraldas, as fraldas só com urina eu esfregava bem e saía bem, agora aquelas que ficavam com a mancha do coco, eu esfregava e punha bastante sabão e deixava ensaboar para apanhar um bocadinho de sol e depois esfregava outra vez saía bem e pendurava. O Diretor do Lar dizia, mas você é excepcional, você é uma auxiliar de ação educativa que eu nunca tive cá, porque é carinhosa com as crianças, faz as papas, dá as papas às crianças, dá-lhes o banhinho e ainda lava as fraldas, você é excepcional. Eu ajudava muito.

Moderadora: E gostava de fazer isso aqui?

Idoso 5: Eu gostava, mas agora eu não posso, comecei a piorar mais do reumático, desisti. Foi aos 35 anos, eu desisti.

Moderadora: Já não conseguia?

Idoso 5: O último mês que eu trabalhei lá levaram-me uma menina e ela tratava-me por mamã. Ela tinha 1 anito, era mamã, mamã. Eu peguei nela ao colo e desci as escaditas, porque havia umas escadas para descer para ir para o recreio. Eu peguei nela ao colo, desci as escadas, Sá que eu torci o pé, conforme eu torci o pé para não deixar a criança cair eu agarrei-a, abracei-a e chamei a responsável, que era a Educadora. E disse Olhe pegue aqui na ... que eu não posso mais, torci o pé e acho que magoei o pé. Como eu tinha botas altas, daquelas que se usavam no inverno, eu não liguei. Quando cheguei a casa o pé estava negro e inchado, tive que ir ao Hospital de Santa Maria e telefonei para o táxi, eu tinha descontos na altura, o táxi veio à minha porta e disse Quero ir para o Hospital de Santa Maria, ao serviço de Urgências. Chego lá às urgências, o médico chamou-me e disse Então ... o que é que se passa? Foi hoje de manhã que torci o pé no serviço onde eu estava a fazer e o pé está muito inchado e está negro, veja lá o que é que tem o meu pé.

Moderadora: Vamos passar a este senhor ... Muitas coisas para contarem. Era um dia inteiro.

Idoso 6: O que eu gostava para me sentir melhor era estar perto da minha filha.

Idoso 4: Oh Doutora, eu para me sentir bem, já com esta idade que eu tenho, olha que deus me dê saúde, para me ir mexendo, vou ali e acolá. A não ser que me saísse o Euro milhões, assim a vida mudava.

Moderadora: Era bom.

Idoso 4: Nessa altura eu arranjava uma garota nova, elas querem é dinheiro. Comprava uma bruta vivenda, o principal era que ela me tratasse bem até à hora da morte. Depois quando eu fechasse os olhos, pronto. Assim é que a vida mudava. Melhorava muito. Fazia quando tinha 25 anos.

Moderadora: Para terminar e como temos estado aqui a falar sobre as relações com as crianças e jovens e se gostavam de estar mais tempo com eles. Se gostavam de fazer atividades com eles. Agora vou-vos pedir imaginarem o local.

Onde poderia ser? Para terem atividades com as crianças e os jovens qual era o local, qual era o sítio onde podiam conviver e interagir com eles e fazer atividades.

Idoso 4: Ao pé do café.

Idoso 6: Quando há festas eles veem para o pé de nós.

Moderadora: Um sítio onde estivessem com eles com mais frequência, se houvesse atividades mais regulares assim todas as semanas ou de 15 em 15 dias em que sitio é que achavam que seria melhor?

Idoso 1: Já me foi uma vez proposto, mas depois ...

Idoso 5: Os jovens gostam mais por exemplo há aqui um parque perto do refeitório, perto do Bar.

Moderadora: É o sítio onde eles costumam estar. Que tipo de atividade?

Idoso 1: Eu estava a dizer o seguinte, eu quando fui fazer teatro com eles.

Idoso 5: Os jovens têm formação profissional, podem não ter muito tempo para conviver connosco.

Moderadora: Isso também é verdade. Tinha de se ver um horário que eles estivessem mais livres.

Idoso 1: Voltando ... No dia em que estive a fazer o teatro com eles, falei com a Diretora, que faz parte da escola deles e ela disse-me que como eu tinha estado numa escola de ensino especial e ensinava cerâmica às crianças e a fazer coisinhas, aquelas coisas que os miúdos podem fazer. Sim, senhora a gente vai pensar nisso, até agora nunca mais não me disseram

nada. Não vou eu andar atrás. Entretanto o Diretor o principal, da Aldeia, um dia eu estava no café e ele ouviu falar de mim que eu era ceramista se eu não me importava de dar aulas de cerâmica, mesmo às pessoas mais novas, eu disse que não me importava, desde que a minha locomoção chegasse mais perto. O meu problema é ser canhoto, faço trabalho com a mão direita e faço peças com a mão direita, as mesmas que fazia com a esquerda, mas antigamente esta trabalhava, esta ajudava, agora esta não ajuda nada. Mas por exemplo eu faço peças grandes com o barro. Já arranjei uma tendinite, mas não me importava pelo menos de orientar. O Mestre, nunca cá veio e eu julguei que era uma pessoa ótima para ajudar a fazer essas coisas e tudo ficou em águas de bacalhau como se costuma dizer. Não vou andar atrás. Agora, por acaso já falei com a Doutora que está aqui atrás de nós, eu gosto de pintar, ela deu-me as tintas, eu tenho me esquecido de um verniz que se dá nos acrílicos para parecer óleo, mas tenho me esquecido completamente.

Moderadora: Podia ser atividades que podia fazer com as crianças e jovens, já estão aqui umas ideias.

Idoso 1: Cerâmica, gosto muito de fazer cerâmica. E tenho encomendas, agora tenho umas encomendas que me fizeram. Já me encomendaram um Santiago, eu todos os anos eu faço santos António e presépios. Todos os anos eu vou à televisão com os meus Santos António e faço durante o programa um boneco ao vivo e já tenho ido à Fátima Lopes, ao Porto. Tenho ido ao Goucha e a vários programas, já fui ao Portugal no Coração fazer bonecos ao vivo. Aqui não há condições, na sala lá em baixo não há condições, mete água, mete sujidade, é impossível. Tinha de se arranjar outro espaço. Ir lá para cima para a Olaria, não consigo ir ter à Olaria. Hoje para vir do quarto para aqui, não sei que jeito dei às minhas costas, estou muito aflito da minha anca. Era mais fácil eles virem cá, uma salinha com umas mesas grandes, onde houvesse água, porque eu não me importo de ensinar, pelo menos aquilo que sei. Nem de ensaiar teatro, que eu fiz essas coisas todas, novelas, teatros, televisão. Há pouco tempo dei uma entrevista na televisão com a Cristina Ferreira, já tinha dado outra com a Júlia Pinheiro, sobre a minha vida. Desde os 19 anos que trabalho na televisão.

Moderadora: Podiam contar essas histórias de vida às crianças e aos jovens, falar sobre as vossas experiências, em que trabalharam.

Idoso 1: E isso que se baseia o meu livro. É uma Biografia. Quando chegar aqui à altura, passa a ser um Diário. Por enquanto ainda falta, para chegar aqui ao Lar ainda falta cerca de 20 anos. Todos os dias escrevo quatro, cinco páginas.

Moderadora: Tem muita coisa para escrever, muitas histórias. Que mais atividades, que coisas podiam ser feitas com as crianças e com os jovens. Há pouco falou da Horta.

Idoso 4: Quando eu lá estou eles vão ter comigo, perguntar o que é isto e aquilo.

Idoso 1: Eu penso no seguinte, o Sr. ... tem um bocado de terreno.

Idoso 5: Uma coisa que eu gostava muito e não pude fazer, era o Sr... na altura em que eu via, ela dizia muitas vezes, quando vier cá a sua irmã, a ... vai ver a minha Horta e o meu jardim. Um dia destes eu vou. Fui adiando, adiando, deixei de ver, nunca fui à Horta deste Senhora, era uma coisa que eu gostava de ter visto.

Idoso 4: É pena.

Idoso 1: Agora há bastantes programas na televisão em que aparecem as escolas que têm pequenas hortinhas para as crianças, eu estava a lembrar-me se o Senhor ... tivesse um terreno só dedicado às crianças para lhes ensinar a plantar alfaces, a regar os alhos, a plantar, para eles começarem a ver que a alface não nasce do supermercado, nem os alhos.

Moderadora: Uma boa ideia,

Idoso 1: Além de ser uma distração para o Senhor, pode ser é que ele não tenha paciência.

Idoso 4: Uns vasos grandes ao pé do Lar já têm uns pimentos, uns tomateiros. Quem tem estado a fazer é um sujeito que está no Lar com os miúdos, que ele também percebe.

Idoso 1: Acho que sim, já há uma Horta Comunitária, porque eu a semana passada, eu vi lá das 12h ou das não sei quantas, das 16h vendem-se alfaces e perguntei é do Senhor ..., não, não é da Horta.

Idoso 4: Pertence à Jardinagem, eles também estão a aprender.

Moderadora: Tem uma horta que é sua.

Idoso 4: Já foi o ano passado foi na altura que eu tinha ali feijão verde, tomates, tinha batata, veio cá uma senhora da santa da misericórdia, ela admirou-se, e perguntou, o que é que o Sr. faz a isto, olhe minha senhora é para dar. Dou a este, dou aquele. O senhor tem bom coração.

Moderadora: Aqui uma boa ideia, poder ensinar às crianças e aos jovens.

Idoso 4: É o meu suporte, se eu não andar assim, já não ando satisfeito. É o que o faz sentir bem, o que gosta de fazer. Às vezes vem o Inverno, está a chover, estou lá dentro de casa, sou eu é que sei como é que estou. Assim não, levanto-me às 6h – 5h30 da manhã e vou para a horta. Assim que se começa a ver, ele aí vai. Antes era uma horta de cima, a Doutora ainda não viu. E agora é uma horta de baixo.

Moderadora: Assim está ocupado, distraído.

Idoso 4: Sempre a mexer, sempre a mexer.

Moderadora: E a Senhora está mais caladinha, diga lá qual seria o local para se fazer as atividades com as crianças e com os jovens e o que é que acha que podia fazer? Assim ideias, o que podia fazer com eles.

Idoso 3: Eles atividades já sei que têm, aos fins-de-semana jogam à bola

Moderadora: E consigo? Tem algumas ideias de coisas que gostava de fazer com eles.

Idoso 3: Não sei se ali eles têm Educadora de Infância, acho que sim.

Moderadora: Cuidar deles? Gostava de tomar conta das crianças.

Idoso 3: Se ela está lá vou tirar o lugar dela.

Moderadora: Se tivessem oportunidade de estar mais tempo com eles, o que é que gostavam de fazer?

Idoso 1: Houve uma coisa que a Senhora disse que queria, mas não lhe fazem.

Idoso 3: Gostava de trabalhar.

Moderadora: Em quê? O que é que gostava de fazer?

Idoso 3: Sei lá, qualquer trabalho, não tenho medo.

Moderadora: Qualquer coisa. Para ocupar.

Idoso 1: Ajudar a arrumar os quartos.

Idoso 3: Sim, são capazes de não me dar, já está cheio de funcionárias. Mas gostava de fazer alguma coisa.

Idoso 3: Sim, trabalhar.

Moderadora: E com as crianças e jovens o que podia fazer com eles?

Idoso 5: Eu tenho muitas ideias. Participar e às vezes ensinar-lhes, que no meu tempo eram diferentes de agora. Quando eu estudei, eu sou Angolana e lá o ensino era diferente de cá, porque lá havia a escola primária. A infantil e a Primária e depois havia o liceu, que se estudava até ao 7º ano.

Moderadora: Mas aqui na Aldeia de Santa Isabel o que gostava de fazer, era brincadeiras com as crianças, jogos.

Idoso 5: Quando eu era miúda fazia jogos com eles, cantávamos, a cabra cega.

Moderadora: Fazia muitos jogos com eles.

Idoso 5: Eu estudei até ao 5ºano.

Moderadora: Vamos só ouvir esta senhora.

Idoso 6: Eu adorava fazer croché, tricô. Eu adorava, tenho um desgosto, não puder. Já não vejo. Antes não estava parada, nem 5 min eu estava parada.

Moderadora: Outra coisa?

Idoso 6: Era isso ensinar esses trabalhinhos. Infelizmente, tenho um grande desgosto.

Moderadora: Gostava de ter uma ocupação, como aquela senhora.

Idoso 6: Esses eram os trabalhos que eu mais gostava de fazer, nunca estava parada. Fiz 7 colchas para doutoras da santa casa.

Meus queridos, está na hora de terminar (disse uma das senhoras). Obrigada.

Focus Group Técnicos

Depois de explicadas as regras de funcionamento, eu tenho aqui umas folhinhas que eu vou dar para fazermos aqui um jogo. Cada um de vocês vai tirar uma folhinha e cada uma destas folhinhas tem uma pergunta. Lançamos a pergunta e todos podem conversar sobre a pergunta, dar as vossas, ideias, sugestões, comentários.

Moderadora: Quem começa, quem quer tirar? **Acham que existe preconceito entre as gerações das crianças e jovens e os idosos?** Do convívio ou contacto que existe acham que há algum tipo de discriminação, preconceito, dos idosos em relação aos jovens e às crianças e também das crianças e jovens em relação aos idosos?

Técnico 1: É assim ao contrário do que a ... estava a dizer que os jovens sentem, os nossos idosos não mostram assim que têm relações más com os jovens.

Técnico 2 : Eu até acho que não há relações constantes nem todos os dias, nem todo o dia, mas as relações que existem entre os idosos e entre os formandos, do Cabeleireiro, quer do Corte e Confeção que são assim mais fortes, eu até acho que são muito positivas, porque já se cumprimentam, dão um beijinho. Acho que não há preconceito. Fiquei espantada com esse comentário.

Técnico 5: Eles têm a noção que pela maneira de vestir, de falar que os idosos, que os idosos olham para eles assim um bocadinho de lado.

Técnico 4: Eu noto que as nossas Costureiras conhecem o nome dos vossos idosos de cor, conhecem-nos a quase todos, pelo menos os mais autónomos. Portanto eu acho que isso é uma coisa positiva.

Técnico 3: A mim o que me está a chamar a atenção daquilo que estou a ouvir, é que estamos a ouvir falar de grupos de formandas, as raparigas parece que têm mais facilidade na aproximação, pode ser pelas características dos cursos, Cabeleireiro, faz atendimento e Confeção também faz atendimento.

Técnico 2: Pois eu acho que tem um bocadinho a ver com isso.

Técnico 4: Mas por exemplo quando há a missa ou algumas atividades, eu noto que alguns grupos de rapazes, eles empurram, não é preciso estarmos a pedir, eles próprios têm iniciativa de empurrar a cadeira, as cadeiras de rodas. Acho que poderia haver um preconceito na sociedade em geral em relação aos mais velhos, porque fazem menos, produzem menos. Poderá haver esse preconceito. Aqui na nossa dinâmica da Aldeia não se sente tanto isso, embora nós podemos fazer muito mais daquilo que fazemos em termos de atividades, mas não se sente tanto isso, porque eles estão de uma forma ou de outra habituados a empurrar cadeirinhas a arranjar o cabelo ou a roupa dos idosos. Quando é por exemplo as festas as costureiras fazem os fatos ou as capas, por exemplo. Eles já estão muito nesta dinâmica, agora não sei se outras oficinas também participam tanto ou não.

Técnico 5: Os carpinteiros e eletricitas costumam ir lá ao lar.

Técnico 1: Quando há algumas situações pontuais vão lá ao Lar e acho que não há, até eles costumam meter-se com eles, os idosos com os jovens de alguma forma, mas são assim coisas pequeninas, não é assim grandes amizades. Agora preconceito em si, eu acho que não.

Técnico 3: O que é muito curioso, porque tendo em conta as características do nosso público da Formação Profissional, acho que seria muito fácil haver preconceito, tanto da parte deles para com os mais velhos, e dos mais seniores ao verem os jovens, logo pela imagem física, pelas atitudes e pelos comportamentos que eles muitas vezes têm, mas é tão interessante que na prática, na primeira interação. Eu até agora desde que aqui estou ainda não ouvi uma única história de um jovem nosso faltar ao respeito a um idoso.

Técnico 2: Isso não, nunca, nunca também.

Técnico 3: Mais facilmente os nossos formandos faltam ao respeito e com alguma frequência aos adultos, mas formadores, mestres ou técnicos, mas um idoso, eles sabendo que é uma pessoa do Lar.

Técnico 4: Eu lembro-me de uma vez um grupo ter atirado pedras para a zona do Lar em brincadeira, aconteceu, pronto. Eu lembro-me quando fui confrontar os dois grupos, a primeira coisa que eles disseram, foi não estava nenhum idoso, não estava nenhum idoso. Foi a preocupação em dizer, nós nunca quisemos fazer mal a um idoso. Foi só uma brincadeira entre eles, calhou estar ali ao lado do Lar, mas a preocupação deles foi salvaguardar isso.

Moderadora: Vocês aqui deste lado querem fazer assim algum comentário. Não?

Técnico 7: Não. Por uma simples razão, eu não trabalho diretamente, nem com miúdos, nem com graúdos e portanto não tenho esse.

Técnico 4: Embora esta é a nossa percepção.

Técnico 3: Já tivemos uma vez um grupo nosso que foi à Horta do Senhor ... e tirou lá uns tomates. Quando foram confrontados, estava eu e a ... e aconteceu uma coisa muito curiosa, ela arruma o grupo e a ... disse épa é o Senhor ... vocês querem é só pedirem, que ele dava-vos aquilo que ele tinha e não tinha. Eles encaixaram isto muito bem. A pessoa em causa não se acusou, mas houve uma pessoa do grupo que assumiu a responsabilidade do grupo, porque queria resolver a situação. Um miúdo interiormente muito bem formado.

Moderadora: Não se estava a sentir bem e acabou por tomar a iniciativa.

Técnico 3: Foi assim a única situação que me lembro, mas atenção só para contextualizar, a sala de formação é aqui e a Horta do Senhor ... é aqui.

Moderadora: Sentam-se em cima quase da Horta.

Técnico 3: É tudo muito ali.

Técnico 1: Tivemos também um idoso que arrancou as alfaces todas do Senhor ... independentemente de ser outro colega. Ele acha que aquilo é de todos, é dele.

Técnico 7: Se calhar estava a apetecer-lhe salada.

Técnico 1: Era para dar em troca de rebuçados.

Como caracteriza o contacto que existe entre as crianças, jovens e os idosos? Esta pergunta era se achavam que havia preconceito ou algum tipo de discriminação, esta é como caracterizam o contacto que existe, com que frequência é que estão juntos? Em que alturas?

Técnico 3: Quando há formalmente momentos criados pela própria aldeia. Festas, Almoços, as Missas. Natal, Carnaval. O Final de Ano.

Técnico 1: Mas por exemplo agora com este grupo de residentes eles encontram-se muitas vezes ali à hora do almoço, portanto os nossos idosos acabam por conviver mais ainda com os Formandos, do que com as crianças do Lar. Os nossos idosos não têm assim tanto contacto com as crianças, do que com os Formandos. Os Formando vão à hora de almoço à Cafeteria.

E há um grupo de idosos que se senta em frente ao Cabeleireiro, seniores, homens e mulheres, também interagem. Sim.

Moderadora: E isso acontece quando eles têm aulas?

Técnico 3: O contacto acontece quando os jovens podem sair das oficinas. Pode ser no momento do intervalo ou um jovem tem de sair da oficina para fazer um recado então passa por eles.

Técnico 4: Sem ser nas Festas programadas, o contacto pode ser diário, mas não é formal. É de passagem, é no intervalo. É quando se cumprimentam.

Moderadora: É ocasional. Não há assim um momento em que se juntem as gerações.

Técnico 4: Tirando as Festas, ou algum programa ou atividade programada, é ocasionalmente. Fora quando há aqui prestação de serviços, entre aspas, as idosas írem ao Cabeleireiro. Írem buscar, eu não sei se vão buscar ou se são as nossas Formandas que vão levar ao vosso lar os arranjos.

Técnico 2: Algumas vão lá pedir para arranjar algumas coisas, outras Formandas veem entregar, algumas delas até sabem o nome dos utentes, das senhoras, principalmente a quem querem entregar. Perguntam pelas pessoas, é muito interessante. Principalmente uma Formanda de Corte e Confeção que regularmente perguntava pela ... e pela Dona Muito engraçado isto. É curioso porque a miúda foi lá uma vez ao Lar entregar um Xailinho e desde então, todas as vezes que se cruza comigo pergunta por ela, é giro.

Técnico 2: Agora digamos, é assim, eu também acho que os contactos, mesmo que sejam assim pontuais, acho que são de qualidade. Porque em sítios, em aldeolas, nós não estamos a ver os jovens a írem a casa dos velhotes com tanta regularidade como era esperado. Acho que é o normal.

Como é que as crianças, jovens e idosos se veem a eles próprios?

Moderadora: Para perceber qual é a imagem que eles têm deles próprios. A ... como estive no grupo dos Jovens já deu para perceber um bocadinho a imagem que eles têm deles próprios e aquilo que os outros pensam deles. Como é que vocês acham que eles se veem? Se calhar as colegas falam dos idosos.

Técnico 1: É complicado num grupo de 46, conseguir.

Técnico 2: Eles estão sempre muito centrados neles próprios, acreditam que são muito solidários e querem ajudar muito o outro, mas na realidade não é assim.

Técnico 1: Eles estão muito centrados neles, nos seus problemas, nas suas dificuldades, nas dinâmicas que acontecem com eles no dia-a-dia. Se calhar é normal, não é.

Moderadora: Estão centrados nas relações entre eles, nos desentendimentos.

Técnico 2: Sim, nas coisas pessoais deles. Se os óculos estão aqui, mas estavam ali, isto já é um problema. Os óculos desapareceram. O estigma do roubo. E às vezes não é nada disto.

Técnico 3: Nós não temos o estigma, temos roubos mesmo.

Moderadora: E os jovens?

Técnico 4: É parecido a esta, muito centrados neles próprios e nas dinâmicas deles, nas coisinhas deles do dia-a-dia, é a ideia que eu tenho, mas aqui a nossa Psicóloga tem um contacto mais direto com eles e faz dinâmicas de grupo com eles.

Técnico 3: Espontaneamente não surge deles falarem dos idosos, quanto muito se os tenho de os confrontar com alguma coisa para trabalhar as competências pessoais e sociais ou o relacionamento interpessoal então sou eu que os confronto. Estamos num sítio de respeito, temos pessoas mais velhas e uso um bocado o fundamento da própria cultura da aldeia. E eles aí encaixam muito bem, mas daí a verbalizarem algum desagrado ou darem algum testemunho, ah pois coitados dos nossos velhos, isto tipo de coisas não. Mas a minha perceção é de que compete-nos a nós estimular, porque reparem nós temos estado a dizer até aqui é que nós fazendo muito pouco, eles naturalmente já conseguem ter uma proximidade, vamos imaginar o que seria se conseguíssemos criar mais momentos. Alguma caracterização dos nossos Formandos, pelo menos dos Cursos que eu acompanho, muitos deles não têm proximidade com avós, os que têm, têm em demasia, portanto não há ali propriamente o registo de uma família normativa, em que há 3 gerações e os nossos jovens conseguem ter os pais e os avós e estão com os avós, quando os pais não podem, não. Ou são avós que salvam os miúdos de uma história de vida muito tramada e os avós são a única pessoa que eles têm de referência ou então não existe esta figura, são muito poucos os casos em que há uma coisa

intergeracional e isso seria interessante, mesmo para o nosso trabalho com os nossos miúdos a proximidade com as gerações mais velhas, para haver aqui uma ressonância interior inclusive.

Moderadora: E em termos da imagem, os jovens que imagem é que eles têm deles próprios. Como é que eles se descrevem? Que características?

Técnico 3: Eles acham-se muito mais do que aquilo que cumprem. Um exercício tão simples como nós temos um auditório que tem uns degraus, então eu coloco-os mais lá em cima, mesmo em cima de um palco e eu digo-lhes, então agora vamos imaginar que, eu quero perceber como é que vocês se avaliam em termos do papel do Formando. Aí onde vocês estão é o número zero. O pior Formando de sempre, aquele que nunca faz nada de jeito, está sempre a falar, não quer trabalhar, falta o respeito a toda a gente, pronto e nomeio as características todas. Aqui em baixo no último degrau, está o super Formando, aquele que vem todos os dias, a horas, cumpre as funções e faço a descrição. Aqui no meio, aquilo não tem mesmo 10 degraus, eu tenho de representar, aqui no meio está o 5, agora coloquem onde vocês acham que estão. Eles vão para o 8, estão sempre lá em cima. Seja, porque são inseguros e é uma defesa, uma coisa mais maníaca e então ou outro tipo de confronto. Ou fazem um bocadinho e já acham que já fizeram tanto e dentro deles a representação até é essa.

Técnico 2: Foi feito com muito esforço.

Técnico 3: Que lá vão eles. Mas depois é preciso confrontá-los com a realidade, depois aqueles que começam a desenvolver a auto - crítica. Eles normalmente começam a recuar. E é muito curiosa ver eles a descer os degraus. Portanto, eles têm muito pouco auto – crítica, consideram-se muito lá em cima.

Acham que a concretização de atividades e programas traria vantagens para a Instituição?

Moderadora: Programas Intergeracionais. O que é que acham da realização de Programas e Atividades Intergeracionais? Se isso iria trazer vantagens à Aldeia de Santa Isabel?

Técnico 5: Trazia mais vantagens para as pessoas. Para os idosos e para os jovens.

Técnico 3: Para a Instituição sim. A vantagem é diretamente para as pessoas. Para nós, ter coisas a funcionarem, era mais um nível de intervenção e portanto nós temos aqui boas

condições para termos respostas originais em termos de intervenção, seja no vosso público-alvo, seja no nosso.

Moderadora: é verdade, há aqui as condições necessárias para que isso aconteça. Temos aqui as valências, das crianças, dos jovens e dos idosos, em termos de espaço também.

Técnico 2: Colocam-se aqui outras questões, que é às vezes temos verificado que é um bocadinho, estou a olhar para a ... porque temos aqui um Projeto em comum com o Centro de Formação Profissional, mas que nós temos vindo a verificar que às vezes há alguma dificuldade em compatibilizar horários. Isto às vezes não é fácil, porque os jovens estão aqui numa dinâmica de aprendizagem, têm o tempo todo muito cronometrado e os nossos idosos efetivamente estão cá às vezes é a questão da motivação, propriamente dita para as atividades e as crianças passam o dia inteiro fora, estão na escola. Pronto, as atividades a acontecerem seriam pós – horário nosso de trabalho ou ao fim de semana. Isto às vezes é um bocadinho difícil, porque toda a gente tem a sua vida pessoal, é um pouco mais complicado.

Moderadora: Tentar conciliar mais ao final da tarde ou integrar no programa dos jovens, algum momento.

Técnico 5: Nós estamos a tentar.

Técnico 3: Eu desde que estou na Aldeia, é o 3º, desde 2010 não tenho participado, nem sequer observado qualquer tipo de encontro mais regular entre Lar de Idosos por exemplo e Centro de Formação, que é uma coisa que a mim me apetecia muito, mesmo ao nível disciplinar. A sensação que eu tenho é que estas dificuldades vão desaparecer agora, mas é agora a fase ideal para tentarmos ultrapassar, mesmo a motivação. Porque para os novos que entrarem já é assim, já existe, agora que é novidade, mas percebo perfeitamente, até porque mesmo para nós internamente para conseguirmos gerir os horários, as disponibilidades de um Técnico, de um Educador, de um Formador, para um Mestre.

Técnico 2: Estou a dizer isto, numa perspetiva positiva, pronto, temos de tentar, não estou a dizer isto no sentido negativo. Agora, às vezes as dinâmicas, são um bocadinho difíceis de conjugar, obviamente. Por tudo aquilo que se passa, porque nós não vamos tirar as crianças da escola para fazermos uma atividade, acho eu.

Técnico: Olá ... desculpem o atraso, eu só entro às três.

Moderadora: Estamos aqui nesta pergunta, se acham que a concretização de atividades e programas intergeracionais iria trazer vantagens aqui para a Aldeia de Santa Isabel.

Técnico 6: Já falaram todos.

Qual é a vossa perceção acerca do bem-estar das crianças, jovens e idosos e o que poderia ser feito para se sentirem melhor? Falando um bocadinho do bem-estar, se calhar os Técnicos de cada valência falarem da parte dos idosos, qual é a perceção que tem do bem-estar deles, o que poderia ser feito para se sentirem melhor. Da parte dos jovens e das crianças.

Técnico 1: O idoso é complicado, para eles se sentirem bem, é preciso muita coisa. Eles quase nunca estão bem. A nível individual, o que é que lhes faz falta, a saúde, como eles dizem.

Técnico 2: O facto de eles sentirem o Lar como a ultima etapa, é um bocadinho complicado, porque eles gerem o seu dia-a-dia pelas satisfações das necessidades básicas. Por exemplo, se a comida hoje foi uma grande porcaria, então o meu mundo vai acabar, porque está tudo contra mim. É um bocadinho pela satisfação e também pela atenção que lhes é dada, porque eles gostam muito de atenção e às vezes os pequenos momentos de atenção fazem o seu dia.

Moderadora: Alguém a conversar com eles.

Técnico 2: Eu vejo muitas vezes, o Senhor ... falar muitas vezes convosco e acho que aquilo é um momento de felicidade, nem sei o que é que vocês falam.

Técnico 8: Ninguém vos obriga, nem temos nada planeado.

Técnico 2: E ele chega e mete-se no assunto ou vocês metem-se com ele e eu acho isto muito interessante. Eu já me tenho questionado, o que é que aqueles senhores falaram tanto. Futebol. Ele gosta muito deste contacto.

Técnico 7: Normalmente, até, não sempre, são eles que veem ter com a gente, mas é verdade aquilo que estás a dizer. E as conversas são basicamente de 2 ou 3 contextos e muitas vezes levamos seca. Eu acredito. Mas também nos sentimos bem, porque sabemos que aquilo é importante para eles.

Técnico 1: E levar a notícia para dentro, no caso do Senhor ... ele gosta muito de trazer sempre novidades. Ele consegue saber sempre qualquer coisa. No outro dia era por causa da loja, o que ia vender. Ele gosta muito disso, de levar a notícia. É muito engraçado.

Técnico 4: E não há lugar melhor que este na Misericórdia para isso. Onde é que eles têm tanta interação, não há outras com estas características.

Técnico 2: Eu sinto mesmo que estes pequenos contactos com outros colaboradores é muito importante para eles.

Moderadora: É isso que os faz sentir bem. Estarem distraídos, ocupados, a conversar, alguém que os ouça. E da parte dos Jovens? O que é que acham em termos do bem-estar? O que é que era preciso para eles se sentirem melhor? O que podia acontecer para melhorar a vida deles?

Técnico 4: A praia. Eles gostam muito de atividades, eles aderem bastante às atividades.

Moderadora: Atividades de Grupo?

Técnico 4: Sim. Desporto. Sei que eles gostam.

Técnico 3: Eles são muito reativos às regras como típicos adolescentes.

Técnico 4: Pois são.

Técnico 3: Como bons típicos adolescentes, um adulto percebe que aquilo que eles mais precisam é de regras. Então nós criamos as regras e definimos e pomos em prática e depois a função deles é pôr em causa e tentar ultrapassar as regras. Depois viram adultos e passam para o lado de lá, começam a fazer isso com os outros. É o ciclo da vida. Muito deles quando saem daqui, já num último mês, fazendo um estágio interno, por exemplo, muito significativo. Então não queres partilhar com o grupo que acabou de entrar, como foi para ti. Não há um que não tenha dito que as regras são muito importantes. Todos dizem. Tem muito impacto, mas só é percebido depois de um ciclo de Formação. E depois quando eles voltam e veem cá visitar, vocês tinham razão. Para responder à pergunta, o que nós podemos fazer melhor é ter formas mais criativas e inovadoras, porque a roda já foi inventada, a Pedagogia já tem tudo muito bem explicado e nós sermos mais criativos na forma como trabalhamos a interiorização das regras. É um trabalho que nós podemos desenvolver melhor, enquanto adultos, Técnicos, Pedagogos, Mestres, Formadores, Educadores. Porque o público-alvo que nós temos agora, as

características deles agora, não tem nada a ver com aqueles que tinham há uns anos atrás e certamente daqui a uns anos será diferente e nós temos de andar a par disto.

Técnico 6: A Parte das crianças, aquilo que eu acho que devia ser mais produtivo no bem-estar deles é a criação de bases afetivas, eu acho que neste momento temos alguma dificuldade a que eles sintam que é a casa deles. Há uns anos atrás eles sentiam, mas agora os contactos com as famílias são constantes e eles parece que não pertencem nem às famílias, nem à Instituição. Eu acho que devia ser trabalhado mais essa humanização e a criação de laços afetivos mais vinculados. Com o exterior e com a comunidade. Sim. Para eles sentirem um grupo de pertença aqui na Aldeia, eu acho que eles não sentem isso.

Moderadora: Houvesse mais convívio, mais relações, mais vínculos.

Técnico 6: Eles têm acesso a tudo aqui na Aldeia, as crianças têm acesso a andar pela Aldeia inteira, a visitar o Lar de Idosos e até estabelecem contacto com os jovens, mas eu acho que devia de ser mais profundo para melhorar as qualidades emocionais deles, porque eles já vêm tão debilitados ao nível emocional. Foram retirados às famílias e é um choque muito grande para o desenvolvimento deles, que isso era importante para eles. Ter contactos mais profundos.

Moderadora: O facto de haver as atividades e os programas intergeracionais, são momentos planeados. É muito importante. E frequentes com regularidade, ia ser muito importante para permitir a criação de laços afetivos, quer com os jovens, quer com os idosos.

Técnica 3: Entre os lares o fim-de-semana acaba por ser mais privilegiado. Como é o fim-de-semana no Lar das Crianças e Jovens?

Técnico 6: Eles estão cá todos e os idosos também estão. Portanto, eles acabam por jogar futebol com os idosos e acaba por haver esse contacto. Mas eu acho que é muito disperso, ainda.

Técnico 1: É da iniciativa de cada idoso, de cada residente de ir para a rua e querer participar nos jogos com os miúdos. Não é nada planeado, nem programado.

Técnico 6: Exatamente.

Moderadora: Não é nada planeado e estruturado pela Aldeia de Santa Isabel, é ocasional. É isso que sentem falta, porque depois o contacto que existe é quase inexistente. É mesmo uma necessidade. E no caso das crianças, é uma necessidade muito vincada.

Moderadora: Falta só uma pergunta. **Como caracterizam a auto estima das crianças, dos jovens e dos idosos?** Acabamos por falar um bocadinho quando falámos da imagem que eles têm deles próprios e dos outros.

Técnico 4: Relativamente às nossas crianças, jovens e idosos a norma será uma auto estima baixa, mas se calhar estas atividades, se houvesse mais atividades podiam ajudar a melhorar a auto – estima. Com algum projeto que haja intergeracionalidade, vai sempre haver, para além da partilha das experiências e de saberes e de conhecimentos e tudo isso que existe nesse tipo de projetos e atividades, eles acabam por saber valorizar o próximo tenha ele a idade que tiver. Por norma, a auto estima, não conheço bem as nossas crianças, nem os nossos idosos, porque trabalho mais diretamente com os jovens, mas considerando as problemáticas que existem aqui, por norma a auto - estima deles é uma baixa auto – estima. São crianças retiradas à família ou não estão no seio familiar.

Moderadora: Existem muitos benefícios e falou aqui numa grande parte de benefícios que existem do contacto intergeracional, ao nível do auto conceito, auto estima, do bem-estar, a forma como eles poderão encarar o envelhecimento e o envelhecer, troca de aprendizagens e saberes.

Técnico 4: Nós cada vez temos tendência a envelhecer mais e ficar cá mais velhos, porque a nossa idade aumentou. Eu acho que é importante nós começarmos a mudar a mentalidade. E se calhar este tipo de atividades e começando pelas nossas crianças e pelos nossos jovens, porque estamos aqui a formar cidadãos, acho que era importante até haver estas atividades.

Moderadora: Uma questão de respeito, de solidariedade, iria ser muito importante para reforçar aqui estes valores, que são importantes na relação com os outros e pela nossa vida, na vida das crianças e dos jovens. Não sei se querem acrescentar mais alguma coisa. Da parte dos idosos?

Técnico 1: A maioria tem uma baixa auto estima, mas temos lá casos em que têm uma alta auto estima. Nós neste momento não temos só idosos, nós neste momento temos ali adultos que rondam os 50 – 60 anos e isto começa a acontecer cada vez mais, não é só pessoas de 70

– 80 anos a frequentarem um Lar, também temos ali pessoas com 50 – 60 anos que sabem fazer trabalhos manuais e têm ali algumas aptidões para, por isso também é que não têm assim uma baixa auto estima conseguem ainda fazer algumas coisas por eles. Uns têm menos outros têm mais.

Moderadora: Não sei se mais alguém quer acrescentar alguma coisa.

Técnico 8: Vou só dar um bitytezinho.

Moderadora: Sim.

Técnico 8: Eu acho que por exemplo em relação às relações que a nossa população tem aqui dentro, eu sinceramente, vou dar a minha opinião, é difícil incutir mais relação do que eles têm. Mas agora estava aqui a recordar-me de um projecto que estão a desenvolver em Lamego já este ano, em que têm miúdos a ensinar velhotes a ler, quem diz a ler, diz a mexer computadores.

Técnico 5: Nós pensámos nisso.

Técnico 8: A mim ninguém me diz para conviver com os velhotes, eu convivo com eles porque quero. Nós fazemos isso com espontaneidade.

Técnico 2: Eu acho que é isto que torna isto o sítio que é, é essa espontaneidade.

Técnico 7: Desenvolve.

Técnico 2: Eu sinceramente, acho que são estes contactos informais, que tornam este sítio, no sítio que é. Não é preciso nós estarmos sempre a propor atividades, a forçar coisas.

Técnico 6: Eu posso dar exemplos, nós às vezes propomos atividades que saem em saco furado, porque eles não estão motivados.

Técnico 8: Acho que se houver uma estratégia, tudo bem.

Técnico 2: Não estou a dizer que as atividades não são importantes.

Técnico 8: São o primeiro pontapé.

Técnico 2: Estou a dizer que estes contactos informais, na minha opinião fazem-se no dia-a-dia. Porque as atividades têm principio, meio e fim. Porque estas pequeninas coisas, contactos diários é que fazem a Aldeia de Santa Isabel e este Projeto Intergeracional.

Técnico 3: A estratégia, a estratégia também é importante para a motivação.

Técnico 3: A estratégia pode ser precisamente usar a espontaneidade, a espontaneidade é o emergente que nós temos e se calhar de hoje para amanhã espontaneamente pomos um jovem da Formação Profissional a ler um livro ou um excerto de um livro ou um conto a um idoso e nisto espontaneamente um miúdo se junta no Lar de Idosos e quando a coisa é feita assim, uma vez que há resistência das três valências. Os Projetos comunitários fazem, é ir para o terreno e conquistar a população desta forma.

Técnico 8: Que a população não perceba que é uma coisa plástica. Porque se for plástico não resulta.

Técnico 3: Quando preparamos coisas muito elaboradas, é quando eles mais resistem.

Moderadora: Começar por envolver duas crianças, dois idosos, dois jovens e depois ir crescendo.

Técnico 6: Eles vão partilhando isso uns com os outros. Olha foi muita giro e alguns miúdos vão ter vontade de ir.

Técnico 3: Nas sessões que faço é dez, quinhentas vezes mais impactante, ser um miúdo a dizer a outro miúdo, porque é que tu não vens ou porque é que chegas atrasado, do que ser o adulto a dizer ao miúdo. É entre eles, a identificação é outra. Os vossos mais velhos e o nosso grande público-alvo, funciona pela identificação, quando eles se identificam. Ninguém os segura. Às vezes a dificuldade é travá-los. A questão é muitas vezes este arranque, o aquecimento. Nós já temos a vantagem da espontaneidade, como tu dizes do dia-a-dia, das pequenas coisas. Agora a dificuldade é organizacional, a logística que isso implica, quantos de nós conseguimos parar e debitar um tempo de planeamento de reflexão sobre isto. Se não houvesse este Mestrado a acontecer da tua parte com a metodologia de um Focus Group esta discussão jamais iria acontecer, por dificuldade de tempo ou estratégia, de gestão. Espontaneamente, houve alguém que apareceu a fazer uma tese, Muito Obrigada Susana.

Técnico 2: Eu já estou cá há muito tempo. Eu ainda sou do tempo em que 1 vez por mês havia reuniões com os Técnicos e o Diretor em que se debatiam estes assuntos e que se calhar não seria interessante retomar.

Técnico 6: Dá ideia que estamos muito fechados a nível de reflexão e de crítica. Não temos tempo.

Técnico 4: Ou somos obrigados a parar um bocadinho e aí paramos e fazemos.

Técnico 3: Para além de termos um momento de reflexão é depois a operacionalização, a experiência que tenho tido é que já se criou um ou outro momento de reflexão conjunto, que eu até participei, mas não se operacionalizou nada a seguir.

Técnico 2: Sim, mas. Estava a falar de um grupo pequeno, vinha uma pessoa do lar, duas ou três da Formação ou duas pessoas de cada Lar.

Moderadora: Ia só pedir num instantinho, para **imaginar qual o local desses momentos conjuntos das gerações e que tipo de atividades.**

Técnico 3, 4, 5: Na praça da alegria.

Técnico 3: Os jogos tradicionais, foi lindíssimo ver os seniores e os jovens a fazer os jogos.

Moderadora: E mais atividades?

Técnico 1: No verão, quando se fez os jogos tradicionais, na Praça da Alegria, as damas. Na hora de almoço, um momento de paragem, na praça de alegria, era uma mais-valia.

Técnico 3: Uma tela a distribuir pincéis e tintas para pintarem, era giro promover na hora de almoço, numa parede.

Técnico 1: Nós tentamos fazer isso no bar, mas passou despercebido. O espaço não era muito indicado. A nossa ideia era na parede do Lar, mas começou a chover.

Muito Obrigada pela vossa Colaboração.

Focus Group Diretores

Tenho aqui os papelinhos, vamos tirando os papelinhos, cada um deles tem uma pergunta e vão falando sobre essa pergunta, vão dando as vossas opiniões e sugestões, os comentários. Depois quando terminarmos, passamos à seguinte. Não é nenhuma entrevista para nenhum emprego, não? Não. É mesmo falar sobre a intergeracionalidade aqui na Aldeia de Santa Isabel.

Acham que existe preconceito entre as gerações das crianças, jovens e os idosos?

Moderadora: Aqui conhecendo as relações que existem entre as crianças, os jovens e os idosos, se acham que existe algum tipo de preconceito ou de discriminação.

Diretor 1: A minha opinião relativamente a esta questão, os preconceitos existem sempre em todo o lado, desde que as pessoas tenham diferentes culturas, não é. Agora é assim, nós temos idosos que eventualmente, pela sua idade e pelas suas culturas e pela forma como os valores foram adquirindo ao longo da sua vida. É natural que se calhar, se aparecer, nós temos N formandos que são de cor negra, que haja algum preconceito em relação a essa questão da cor. O nosso papel é tentar diluir que essas situações aconteçam. Que elas se verifiquem ou que tenha havido assim alguma situação em concreto, que eu me lembre, desde que cá estou, não conheço nenhuma. Portanto a minha opinião é que não tem havido nenhum preconceito. Tanto os idosos vão às oficinas ter com os formandos e visitá-los e como as próprias crianças do Lar, vão aos idosos. A nossa cultura de intergeracionalidade é precisamente essa, não haver esse tipo de preconceito e acabar com eles, precisamente. Que estas situações sejam diluídas não só no tempo, mas como também na forma das pessoas estarem e viverem na Aldeia.

Diretor 2: E o que se observa, por exemplo na Festa, os Formandos a ajudarem os idosos, não há ali nenhuma barreira.

Diretor 3: Eles às vezes oferecem-se, às vezes somos nós que pedimos, mas outras vezes são eles que se oferecem. No sentido do Dr. ..., por exemplo de haver negros, não é por serem Formandos, porque se calhar lá no Lar algum deles é capaz de dizer, és um preto e são da mesma idade. É mais cultural, mas não exatamente em termos de idade, mas achar que há

uma data de tempo uns tinham uma função, outros tinham outra, não propriamente em relação as gerações.

Diretor 4: Eu vou noutra linha, em relação às gerações, que é para baralhar um pouco. Eu acho que os idosos despertam uma certa ternura nas crianças e vice – versa. Há uma interação muito grande, aliás temos estado a fazer socialização dos idosos com as crianças, eles vão e veem e têm sido bastante gratificante para ambas as partes. Estão sempre a perguntar, qual é o dia que somos nós a ir, eles querem e gostam. E os meninos têm muito respeito, quando vão. Eu acho que não tens razão de queixa quando eles vão, eles portam-se lindamente. Claro que dos idosos que lá estão, uns têm mais apetência para falar com os meninos, outros têm mais paciência, ensinam coisas, eu acho que é bastante bom. Acho que nesse aspeto não há preconceito. Acho que há uma grande aceitação e não noto que haja preconceito e aliás viu-se na Festa.

Diretor 1: Às vezes o que se pode considerar como preconceito, sei lá das crianças por verem um idoso com alguma deficiência não quererem ter uma relação com ele, só porque ele tem uma deficiência ou está acamado, mas nestas circunstâncias, nem isso tem acontecido. Nesse sentido, temos tido alguma facilidade em ter crianças que compreendem esse tipo de situações. De certa forma as atividades quando são realizadas, são realizadas em conjunto precisamente, já para diluir este tipo de situações, para também criar laços entre eles.

Moderadora: Parece-me que sim, daquilo que disseram e do contacto que existe e falaram na festa que houve, é um contacto em que parece não haver nenhum tipo de preconceito, nem discriminação. Até há a vontade de uma aproximação.

Diretor 1: Exatamente.

Como é que as crianças, jovens e idosos se veem a eles próprios?

Moderadora: Como é que as crianças, os jovens e os idosos se veem a eles próprios. Qual é a imagem que eles têm deles próprios? Como é que eles se podiam descrever? O que é que acham do que conhecem? É um bocadinho difícil de responder.

Diretor 2: Esta não é fácil. Podia ser mais dirigida a eles próprios.

Diretor 1: Aquilo que nós vimos deles ou aquilo que sentimos da imagem que têm deles próprios, é uma multiplicidade, na minha opinião de vários sentimentos. Quando eles vêm,

penso que mais na situação dos idosos, eles veem com um sentimento com uma coisa que, transportam dos sítios de onde vieram e chegam aqui, a imagem que eles têm deles próprios, às vezes leva-os a que eles se fechem e que só passado algum tempo é que comecem a perceber a dinâmica da Aldeia e então começam a ter uma imagem da Aldeia eventualmente, também deles próprios depois, que é diferente ou começa a ser diferente. Com os jovens, os jovens são muito mais libertos nessas coisas, quando veem, eles já são ou já têm uma vivência, não é tão grande como a dos idosos, mas pelo menos uma vivência diferente, porque é tão curta, que quando veem querem absorver coisas. A imagem que eles nos dão a nós, é uma imagem de parecem aquelas esponjas que querem absorver tudo, de aprendizagens, disto e daquilo. Querem conhecer, querem ver e portanto é difícil para nós dizer que imagem eles sentem ou como é que eles conseguem ver-se a eles próprios. Não sei se aqui elas ...

Diretor 3: Eu acho, e até comparando as crianças com os idosos eu sinto que quando um idoso vem para aqui, pode vir da pior casa, pode ser uma coisa que pode ser um horror ao contrário da ideia que eu tenho das crianças. Acho que elas mais facilmente se tiverem uma playstation, uma televisão, para eles nessa idade isso tem muita importância, independentemente dos afetos. Os idosos podem viver nas piores condições, mas é o cantinho deles, portanto a integração é sempre muito difícil, muito, muito. Eles sentem isto, como o final da linha, que de uma forma mais ou menos natural e consciente não deixa de ser mais próximo de final de vida. Agora o que eu costumo dizer eles podem ser felizes aqui. Obviamente se estão aqui é porque precisam da ajuda de outras pessoas, têm problemas e portanto é até uma felicidade terem um sítio onde são acolhidos e que podem tratar deles de uma forma diferente do que se estivessem em casa. Tem de haver aqui um trabalho e é um período de adaptação difícil, alguns eu considero que se podem sentir numa primeira fase infelizes mesmo. Eu posso dizer isto, é triste, mas depois vão-se adaptando e depois há outros que eu considero que são mesmo felizes. Há de tudo um pouco e independentemente das doenças, porque isso é sempre associado em termos de dependências efetivas, quer cognitivas, quer físicas. Contudo, depois há também, veem a fazer coisas e a fazer coisas que sozinhos se calhar não conseguiam fazer e depois aquela questão deles querem fazer. Uns acham que estão ali sentados o dia inteiro e não querem fazer nada. Acham que não são capazes.

Moderadora: Não estão motivados.

Diretor 1: Por acaso é curioso aquilo que está a dizer, eu vou reforçar um bocadinho, alguns deles vêm a eles próprios um bocadinho daquilo que eram, das profissões que tinham. Por exemplo o Sr. .. agora é agora um agricultor de alta escala, ele assume o seu papel de agricultor e cultivador e coisas assim. Há outros que assumem um papel de, vêm perguntar se podem varrer as coisas, se eu arranjo um bocadinho para varrer. Eles veem nalguns papéis, eles refletem a imagem daquilo que podem oferecer à Aldeia, eu acho que é importante para a imagem que eles têm deles próprios e para aquilo que podem contribuir para a comunidade.

Moderadora: Para se sentirem melhor, mais úteis e estarem ocupados e distraídos.

Diretor 1: Agora os Formandos, como sabe são jovens de risco, que vêm de situações complicadas de vida, de famílias também complicadas, com um absentismo escolar bastante elevado, portanto a auto – estima deles, digamos assim, tem muito mais a ver com o grupo onde ele pertence na sua própria comunidade, ou seja, nos seus bairros e depois quando chegam aqui assim é muito difícil para os Técnicos e para os nossos Formadores trabalhá-los no sentido de mudarem um pouco essa visão que eles têm não só deles, mas como da vida que levam, da vida que faziam, etc, etc Há aqui uma espécie de desabrochar, que é difícil para nós e têm de ser muito motivados, nós é que temos de motivá-los para esse desabrochamento, também da imagem que eles têm, da imagem de delinquência que muitos deles são pré - delinquentes. Nós queremos que eles tenham uma imagem e uma auto – estima completamente diferente daquela de quando eles cá chegaram e isso tem de ser mais trabalhado. Enquanto os idosos e as crianças é uma situação quase que inerente à própria, enfim a cada um deles e à própria valência. Aqui assim é um trabalho que tem de ser trabalhado.

Moderadora: Os jovens vêm para os cursos passam cá os 2 anos, que é o tempo de duração do curso e vão embora.

Diretor 4: Eles saem daqui e voltam a ir para casa, portanto todo o trabalho que se faz.

Diretor 2: Eles estão cá durante o dia e depois voltam sempre para o grupo deles. O trabalho é eles perceberem que a sociedade é mais do que o grupo deles e do que a Aldeia, mas a Aldeia acaba por ser sempre um espaço protegido, em que eles aqui demonstram os comportamentos deles e aquilo que trazem na bagagem do seio familiar e das situações que viveram.

Diretor 4: Alguns deles têm a auto – estima muito em baixo, alguns deles e depois aqui tentam ser os maiores, porque vêm para um sítio protegido.

Diretor 2: Eles procuram demonstrar o contrário, nem mais.

Diretor 4: Eu estive do outro lado e mandava para cá miúdos que não davam mesmo em lado nenhum.

Diretor 2: Por todo aquele percurso que eles têm.

Diretor 4: E vir aqui para a Aldeia eles achavam que era um castigo.

Diretor 1: Depois é um jogo de forças, não só entre eles, mas um jogo de forças com os outros, com quem eles vão passar na prática 2 anos.

Diretor 4: Nem mais.

Moderadora 4: É o pôr em causa, as regras.

Diretor2: Tentam desafiar, testam os limites.

Diretor 2: Também faz parte da idade, a maior parte deles têm 17 anos, 17 – 18 anos, entram para aqui com 15 – 16 anos, muitos deles.

Moderadora: Se calhar muitos deles vêm um pouco contrariados e vêm mais revoltados.

Diretor 2: Alguns vêm, porque estão com medidas de tribunal, que é imposto. Ou vais para ali ou vais cumprir pena, se for menor vai para o Centro Educativo, que acaba por ser um bocadinho pior do que isto e alguns para a prisão. Temos algumas situações dessas. Em relação às crianças, as crianças quando vêm para o Lar, é natural.

Diretor 4: Mas esses são diferentes, tem a ver com a família, porque eles são retirados à família.

Diretor 2: Mas como é que eles se vêm a eles próprios e da minha experiência, muitas vezes eles sentem-se culpados.

Diretor 4: Sim, daquilo que aconteceu.

Diretor 2: Muitas vezes eles não conseguem entender, eles é que estavam mal e foram retirados porque, normalmente quem é que são castigados, as crianças. A família está mal, mas são eles que são castigados.

Diretor 4: O abusador fica em casa, sai o que é abusado.

Diretor 2: A criança.

Moderadora: Há aquele sentimento eu portava-me mal.

Diretor 2: Sim, por isso a auto – estima não é a melhor, a forma como eles se vêm, têm uma perceção negativa.

Moderadora: E o mesmo acontece no caso dos idosos, das crianças e nos jovens também, também se trata de crianças e jovens em risco que provêm de famílias mais disfuncionais, mais problemáticas.

Diretor 2: Mesmo que a maior parte deles demonstrem o contrário, em relação aos jovens, mas isso faz parte, é um mecanismo de defesa.

Moderadora: acabamos por responder a outra, que eu perguntava Como caracterizam a auto – estima.

Acham que a concretização de atividades e programas traria vantagens para a Instituição? O realizar atividades intergeracionais, programas, quando eu digo atividades intergeracionais com mais regularidade se iria trazer vantagens para a Instituição e para as pessoas.

Diretor 1: Tenho de fazer um pequenino a parte, que é o seguinte, aqui não iria trazer, porque nós já o fazemos. Isso seria importante se estivéssemos a iniciar um projeto ou que não o tivéssemos, então seria importante eventualmente criar atividades e arranjar mesmo um plano de atividades de forma a, que conseguíssemos. O que se passa é que todas as atividades, quer do lar, quer dos Lares, crianças e idosos, quer do Centro de Formação Profissional, quer também da própria empresa inclui. São todas as atividades, em que estão direcionadas para todas as valências, ou seja, não há uma atividade que não incluía as outras valências, a não ser algumas internas.

Diretor 2: Há as específicas, que fazem parte da própria valência.

Diretor 1: Mas o que se pretende é que a maior parte das atividades integrem de facto as outras valências todas e isso tem acontecido e nós aliás, temos conversado e temos visto, não é só a nossa preocupação, como da própria Direção, mas também é uma forma da Aldeia ou da Comunidade estar toda incluída no mesmo espírito e isso é fundamental que essas atividades sejam para todos. Há mesmo, ambos os lares já mostraram as atividades e os programas das atividades e estão incluídas todas as valências. Nós próprios fundamentamos isso. É a nossa cultura.

Diretor 4: Tudo o que se faz é da Aldeia, nem faz sentido noutra forma. Vivemos aqui comunitariamente. Quando o Dr. António disse ponha a mexer esta gente toda e organize isto, eu pensei ai meu deus, como? De repente apareceram todos e na altura tudo apareceu feito, embora aparecessem alguns agora não e isso, mas o que é certo é que não apareceu ninguém que não se mexesse, pareciam formiguinhas.

Diretor 1: É um exemplo claro, pode não parecer, mas repare numa coisa. Um arco para fazer a passagem das marchas, um arco foi feito por 3 valências, a valência das crianças que enfeitou o arco, o arco de madeira que foi feito pela carpintaria, algumas pinturas foram feitas pela construção civil ou pela pintura auto e ainda os fatos pela confeção e o cabeleireiro. Toda a gente participou numa simples situação de um arquinho ou uma participação muito efetiva de quase todas as valências.

Diretor 4: Os idosos com os manjericos, coisas para a quermesse.

Diretor 1: Para além de participarem, vêm que o trabalho foi feito todo em comum, uma interação de atividades em que participaram todos.

Diretor 3: Este ano pela primeira vez teve crianças e idosos, teve um dinamismo diferente, até porque...

Moderadora: Como é esse Programa?

Diretor 3: Sabe como é, aparecem as palavras e eles têm de soletrar.

Diretor 2: Acontece todos os anos, é um concurso que acontece todos os anos e este ano já conseguimos que toda a gente participasse.

Diretor 3: Foi muito giro.

Diretor 2: Era um concurso da Formação Profissional.

Diretor 4: O que achas? Fala ali com não sei quem. É para já. Foi tudo muito rápido.

Diretor 2: E tem de ser desta forma.

Diretor 3: E teve um final espetacular.

Diretor 1: Sem querer, aquilo é por eliminatórias, eles vão sendo eliminados à medida que não soletram a palavra toda e o que aconteceu é que os 3 finalistas eram 1 de cada valência e o que ganhou foi das crianças.

Diretor 3: Foi engraçado, porque cortou um bocadinho aquela, por exemplo a ... que é do Lar, tinha a mania de corrigir os outros e dava uma risota geral. E depois foi muito interessante, não sei se repararam até ao final ficou o jovem da formação a ajudá-la.

Diretor 2: Sim, Sim.

Diretor 3: Aliás no outro dia, ela não vê, ela é invisual, portanto tem de se ter um cuidado especial.

Diretor 2: Nós ao dizermos as palavras devíamos dizer o nome dela e ela não sabia que era para ela.

Diretor 2: As atividades já acontecem.

Diretor 3: E do miúdo, Oh Doutora muito fácil, era azedar. Ele dizia, eu queria ganhar mas com propriedade.

Diretor 4: Com justiça.

Diretor 2: Foi emocionante, um errava, outro errava, um acertava, outro acertava.

Diretor 4: E tiveram bastantes participantes, foram eliminados quase no fim.

Diretor 1: Portanto as atividades como vê, é uma pergunta que está no verbo incorreto. Já traz vantagens.

Diretor 4: Aquelas atividades que eu lhe falei do Projeto Coração Amigo, de facto os miúdos já sabem. E os idosos já sabem o nome deles, já sabem que é o ... , o ... , ... é diferente.

Mesmo aqueles que estão acamados, ao sábado vão eles e de 15 em 15 dias porque tiveram de ir para a colónia de férias.

Diretor 3: É melhor ao sábado, porque eles ao domingo gostam de ir à missa.

Diretor 4: É uma oportunidade de conviverem, muito agradável, podem ir lanchar ao ar livre, temos aqui tanto espaço, podem ir visitar a horta, fazem jogos, tem sido muito bom.

Diretor 1: Vamos ter as galinhas.

Diretor 3: É preciso arranjar uma pessoa para tomar conta deles.

Como caracteriza o contacto que existe entre as crianças, jovens e os idosos? Frequência, tipo e qualidade do contacto.

Diretor 3: Mas já respondemos.

Diretor 2: A frequência acontece cada vez mais.

Qual é a vossa perceção acerca do bem – estar das crianças, jovens e idosos? E o que poderia ser feito para se sentirem melhor?

Moderadora: Podemos fazer por cada uma das valências, idosos, crianças, jovens. Qual é a perceção que têm acerca do bem-estar deles? O que poderia se feito para sentirem melhor? O que poderia acontecer para melhorar um bocadinho a vida deles.

Diretor 2: Aquilo que está ao nosso alcance, eu acho que nós já procuramos fazer o melhor que podemos e o melhor que sabemos. Esta pergunta acho que, nós vivemos sozinhos, apesar de estarmos numa Aldeia não deixa de ser uma Instituição, que responde á sociedade no exterior e tem que lidar com as dificuldades que a própria sociedade impõe, porque nós estamos a trabalhar com, nós trabalhamos com esta população. Não somos família, mas procuramos dar o melhor que podemos e o melhor que sabemos. Nós sabemos que podemos dar cada vez mais e cada vez melhor, mas estamos sempre muito dependentes das exigências da sociedade onde estamos inseridos. Poderíamos ter mais recursos humanos, ajudavam a melhorar o bem-estar dos jovens, das crianças do Lar, como no Lar de Idosos.

Diretor 1: Há um conjunto de circunstâncias. A questão parece fácil, mas nós aqui já tentamos dar ou fazer mais do que se faz noutros lados, mas por outro lado há aqui uma situação que nos limita imenso. São limitações que vêm de todo o lado e inerentes ao próprio

funcionamento dos Lares e ao Centro de Formação, por exemplo nós gostávamos de cada vez mais andar com os jovens a fazer visitas de estudo, mas não podemos andar todos os dias a fazer visitas de estudo. Gostávamos muito de andar com os idosos a fazer passeios, não podemos. Não podemos andar todos os dias a fazer passeios com os idosos, que é aquilo que eles gostam. Não podemos andar a tirar as crianças das escolas para andar a fazer colónias de férias. É isso que eles gostam. Mas não é isso que pode acontecer. As próprias limitações do trabalho década um, de cada valência implica que haja momentos e timings para tudo. É isso que às vezes eles não percebem, e que às vezes podem sentir mais infelizes, mas faz parte do nosso trabalho, faz parte da programação dos trabalhos, faz parte da inerência da própria formação. Nós não podemos tirar os miúdos das escolas e das oficinas para ir fazer esse tipo de visitas ou para lhes dar ou para estarmos aqui sempre em festa. Nós gostamos de Festas e isso deixa-os felizes, mas não pode ser. Nós tentamos que esses momentos sejam maiores e mais agradáveis. E as limitações das próprias programações, da própria forma como se trabalha, como nós fazemos as coisas, já é limitativo dessas circunstâncias. Agora se me perguntar o que é que nós fazemos para tornar essas situações mais felizes ou por exemplo ao nível da Formação não é por acaso que nós temos uma equipa multidisciplinar, que trabalha centrada no formando e também na própria família do formando, portanto nós não nos preocupamos só com a felicidade do formando, mas também com o bem-estar da própria família dele, porque é na família dele que ele consegue ir recuperar um bocadinho da sua auto estima, da sua, enfim... do interesse pela escola e portanto tem de haver aqui um trabalho suplementar e é isso que nós fazemos também. Nós não trabalhamos só ao nível da Formação, só com o Formando trabalhamos também com as famílias. Ao nível dos Lares, o que é que nós pretendemos, que houvesse mais vistas das partes das famílias, mas também tem que haver regras, senão isto torna-se aqui uma grande complicação. Portanto esta simbiose entre e encontrar um equilíbrio, o que é a felicidade, o que os deixa mais felizes, o que é mais feliz para um, pode não ser para outro, portanto nós tentamos fazer um enquadramento.

Diretor 4: Eu posso dizer a experiência que tive ontem quando fui buscar os dois lá a baixo. Agora o que é que vamos fazer consigo. Agora vamos por aqui a um sítio e vamos jantar. Onde é que querem ir. Queriam ir jantar à pizzaria, Ok tudo bem. Entretanto eu tenho de passar por casa para ver o que se passa por lá, quem está, quem não está, para ver se alguém vem. Entretanto o meu marido estava disponível e veio connosco. Ah que bom, vamos em família. Que bom, vamos em família. Depois chegamos à pizzaria e diz assim o senhor. Ai

vamos sentar numa mesa, isto vai ser um Jantar de Família. Pedi ao Dr. António se podia fazer isto. Até vir a senhora da noite às dez e tal. Ainda é cedo, oxalá que o tempo nunca mais passe. Não nos importávamos nada de ficar. O conceito de família. No entanto o, não tem, mas o Tem a mãe, que vem de vez em quando, mas é ele que é a mãe da mãe. E depois dali fomos, tu nem vais acreditar, entretanto eu disse aqui não há sobremesas de jeito e se fossemos comer um sundae, Boa a Doutora só tem coisas boas. Aquilo é enorme e tem escorregas e os dois puseram-se lá a escorregar ... também foi escorregar. Eu disse Oh ... tu és muito grande. Oh Doutora deixe-me escorregar uma vez, que ainda não escorreguei na vida. Eles estavam encantados não queriam vir para o Lar, cheguei aqui e eram quase onze horas, já estava a moça à espera há 1 hora. Uma coisa tão simples, tão felizes. Depois quando se despediram, devemos repetir isto.

Moderadora: Falou numa coisa muito importante, o que é que os faz sentir melhor, essa necessidade de um sentimento de pertença a uma família, estavam a falar dos contactos com as famílias deles.

Diretor 4: Um deles não tem, desde os 5 anos que não sabe da família.

Diretor 2: Mas eles idealizam a família. Não há nenhuma criança naquele Lar que não queira uma família, por mais que eles sejam bem tratados no Lar, eles querem sempre uma família.

Moderadora: É isso que lhes podia trazer bem – estar.

Diretor 4: Eles disseram não estou nada arrependido de ter vindo, olha perdi a praia, mas assim estamos bem. Uma coisa tão simples, de ir comer uma pizza e um gelado. Achei graça ele dizer vai ser em família. Arranjaram a mesa maior que lá havia.

Diretor 3: Da parte dos idosos, acho que há uma coisa, mas lá está faz parte dos constrangimentos, não pode ser de outra forma, que é regras, com 50 idosos tem de haver regras. Eles em casa se lhes apetecer, ao fim de semana levantar às 10h ou às 12h ou às 15h é irrelevante. Aqui não pode ser. Por mais que se respeite a individualidade de cada um, há coisas que são difíceis de controlar, nomeadamente a pessoa chega aqui e vai para um quarto com outra pessoa que não conhece de lado nenhum. Na melhor das hipóteses quando estamos bem, escolhemos a casa com outra pessoa, ou se casa ou não, é uma pessoa que é escolhida por nós. Aqui tentas ver na avaliação, numa curta avaliação que se faz e com avaliação de colegas, se achar que este fica melhor com este e este com aquele, mas às vezes nem sempre

as coisas jogam tão bem quanto isso. E depois de facto a companhia, se há muitos a família não se coloca porque não existe, há outros que existindo nunca os veem visitar, portanto vivem sempre naquela, naquele sonho que algum dia, a ... hão - de vir busca - lá, porque ela até tomou conta dos irmãos todos e agora é a vez deles, mas isso não vai acontecer. Vivem nesse sonho. A nível dos Recursos Humanos, efetivamente a companhia, o estar, o falar, é muito importante, mas às vezes também não é possível, porque há sempre. Estamos ali faz-se atividades de grupo, faz-se o acompanhamento individualizado, sempre que necessário, mas o que eles preferiam é ter uma pessoa para cada um deles e isso não acontece. E visitas ao exterior, fora da Aldeia, é a coisa que eles mais adoram. Eles gostam de vir cá fora, mas às vezes é difícil arrancá-los. É um privilégio ter este espaço.

Moderadora: As vezes é a motivação, porque eles não têm vontade. Querem estar sossegados, no cantinho deles.

Diretor 3: No início era aquele lugar e ali, eu quando cá cheguei mudava as cadeiras e os sofás todos, baralhava tudo. Nas refeições é que é aceitável partilhar as refeições com aquelas pessoas. Agora nas zonas sociais tenta-se baralhar um bocadinho.

Diretor 4: Isso até em casa, é o marido que se senta naquele sofá, sempre aquele, é o outro que se senta não sei quê.

Diretor 3: Mas quando isso invoca um conflito, porque um não sabe vai para ali e o outro, já não faz sentido. Tenta-se que nas zonas sociais isso não seja um hábito adquirido. Basta haver dois sofás individuais, mas um pousa o copo no braço do sofá do outro.

Diretor 1: O grau de tolerância é muito baixo, cada um tem a sua forma de ver as coisas, os seus hábitos e não gostam de ser mudados, é uma fase da idade em que não gostam de ser incomodados, não gostam de partilhar muitas coisas, são muito, interiorizam muito as coisas e qualquer coisa serve para.

Moderadora: Como é que eles são quando estão em atividades?

Diretor 3: Eles são acutilantes uns para os outros, sectorizam e fazem grupos e são pouco tolerantes aquilo que eles não gostam. A ... que não vê, por exemplo se há alguém tropeça, mas pede desculpa, porque tem uma dificuldade e não viu, é recíproco, ela refila porque a pessoa até tem dificuldade lhe tocou no pé, o outro também não é tolerante e não vê que ela não vê e tinha os pés todos estendidos e estava a atrapalhar ele que estava a passar. Temos

umas sessões às quintas – feiras e tentamos trabalhar sempre isso, o respeito pelos outros, a tolerância, as diferenças.

Moderadora: Era isso que os fazia sentir melhor, trabalhar mais o sentimento de grupo, a compreensão, o respeito.

Diretor 1: Eu diria que este tipo de trabalho é para que as coisas corram melhor, é mediação de conflitos.

Diretor 2: Eles queriam era estar no cantinho deles, que ninguém os chateasse. Não é fácil. Acho que daí estas atividades, a Aldeia torna-se mais intergeracional, é isso que se tem feito, é uma forma até dos idosos perceberem que têm mais a ganhar se estiverem nesta interação, do que se estiverem isolados.

Diretor 1: O facto de eles saírem do Lar e irem ver, porque muitos não têm mobilidade, mas o facto de estarem a ver, isso eventualmente a recordar coisas passadas, para eles já lhes dá felicidade. Quanto mais atividades nós tivermos, que eles possam participar, nem que seja para participarem, através da visualização. Estas nossas atividades têm em consideração estas situações todas.

Diretor 2: São os meios para atingir os fins, são estas atividades para atingir um fim, o bem-estar deles e de toda a comunidade.

Diretor 3: Um dos projetos que falei, o Dançarte, que está a ser um sucesso, efetivamente, os jovens adoram. A música é muito cativante. No refeitório iam a falar, isso mostra que gostaram.

Moderadora: No caso das crianças, dos jovens e dos idosos, quanto mais houver essas atividades conjuntas entre as várias gerações vai trazer uma serie de benefícios, em termos do bem-estar, da auto – estima, em termos de partilhar entre eles experiências e saberes, trabalhar um bocadinho os valores como falamos, a solidariedade, o respeito, a compreensão. Da parte dos idosos, não estão tão motivados para isso, e têm de ser mais estimulados. As atividades acabam por ajudar nesse sentido.

Moderadora: Agora para terminarmos ia só pedir **para imaginarem, para pensarem num local, aqui na Aldeia de Santa Isabel qual seria o melhor sitio para acontecerem cada vez mais, já acontecem as atividades intergeracionais e que tipo de atividades.** Para além

daquelas que já falamos não sei se têm ideias de outras atividades que possam ser realizadas aqui.

Diretor 2: Para mim o local central aqui é a nossa Praça da Alegria. Aliás o próprio nome indica.

Diretor 1: Uma pracinha que agora vai ser recuperada, o Pátio do Galo. É um sítio ótimo para o convívio, até para pôr lá umas mesas para comerem e ir lá, até mesmo nos fins-de-semana. Aquilo tem uma sombra espetacular.

Diretor 3: Eu acho que para as atividades não faltam é espaços. Tem de haver o Plano A e o Plano B, se está chuva. A zona da Borracheira, era uma zona com tanta sombra. A Praça da Alegria, o Ginásio.

Diretor 2: Como em qualquer Aldeia, a zona central é junto ao café. E o café. Esta Aldeia tem a igreja num canto, mas normalmente a igreja é na praça central.

Diretor 1: Agora onde há o café, a praça central são espaços de sociabilidade, em que as pessoas encontram-se ou por querer ou sem querer. É o sítio central por excelência da Aldeia.

Diretor 2: É onde nos cruzamos todos os dias. Eu continuo a ver as crianças do Lar ou os idosos do Lar, porque vou ali beber o café e acabamos por nos cruzar ali e eu consigo dizer Olá.

Moderadora: já falamos de algumas atividades, não sei se têm ideia de mais alguma?

Diretor 1: Nós todos os anos fazemos um plano de atividades ou nascem espontaneamente. Se alguém tiver alguma ideia e quiser brilhar com o pessoal, já perde o efeito.

Diretor 2: As atividades que já desenvolvemos, temos de ter sempre o cuidado de respeitar as dificuldades de cada faixa etária e do funcionamento de cada valência.

Diretor 1: As nossas atividades também estão muito condicionadas pelos períodos do ano, os Santos Populares, o Carnaval. Elas diferem entre si, porque ora se faz um baile ou se faz um concurso de máscaras. Aqui várias situações que dentro dos períodos específicos, do próprio ano, que nos facilitam, as atividades se enquadram. O Lar criou o dançar te. Depois para o ano é aqui o Lar, que em vez do Dançar te, lhe dá outro nome com outras componentes, mas a dança e a música também está incluída.

Moderadora: Se calhar no caso dos jovens eles têm o tempo tão programado, é preciso integrar as atividades.

Diretor 1: Não significa que não haja dias em que nós entendemos que não há formação e faz-se uma atividade conjunta.

Diretor 2: No dia 21 paramos a formação para a Festa. Tem de ser assim, lá está, tem a ver com a dinâmica específica de cada valência.

Diretor 1: Não podemos ter uma Festa e os miúdos a terem as aulas.

Diretor 2 : Vai haver o concurso da Ortografia, o 24 da Matemática. As atividades estão enquadradas na perspetiva da aprendizagem.

Moderadora: O importante falando muito com eles, é ouvi-los, saber quais são as ideias e as sugestões deles, que tipo de atividades é que eles gostavam de fazer. Foi um bocadinho aqui a intenção do meu trabalho.

Moderadora: Queria agradecer a vossa participação e todo o apoio que têm dado no meu trabalho do Mestrado. Facilmente agilizámos tudo para haver os grupos, das crianças, dos jovens, dos idosos e convosco, dos diretores. Portanto só tenho a agradecer o vosso apoio e colaboração.

Diretor 2: Depois nós queremos ver esse trabalho.

Diretor 1: Muito Bem.

Moderadora: A partir daqui também podem surgir outras ideias e sugestões e criar-se outras atividades e dar continuidade a outras que já estão a ser desenvolvidas aqui pela Aldeia. Aqui há mesmo as condições necessárias e ideias, para se trabalhar cada vez mais a Intergeracionalidade. Outros espaços que não têm estas valências e não têm o espaço fantástico que esta Aldeia tem.